

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A Estação Paleolítica do Casal do Monte (Santo António dos Cavaleiros e Frielas, Loures). Contributo para o estudo das suas mais antigas indústrias.**

Marta Alexandra Nunes Abreu

Tese orientada pelo Prof. Doutor João Pedro Cunha Ribeiro,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em  
Arqueologia.

(2019)

## **Agradecimentos**

O trabalho que agora se apresenta não teria sido possível se, em meu redor, não tivesse existido um conjunto de pessoas que me ensinasse, me permitissem ter tido condições de trabalho e com quem tivesse podido trocar ideias.

À minha mãe, o meu muito obrigada por todos os dias que passámos juntas nos museus, por cada livro e por cada filme que vimos. Por nunca me ter deixado abandonar este gosto que tenho pela arqueologia, desde que me lembro. Mesmo nos momentos mais difíceis deste percurso ter sempre uma palavra de incentivo, mesmo quando a vida lhe deu uma das provas mais difíceis, ela conseguiu sempre estar lá para mim.

Ao professor João Pedro Cunha Ribeiro o meu muito obrigada por ter aceitado orientar esta tese e por tê-lo feito com toda a dedicação e afincos que o caracteriza.

Ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do seu diretor, Dr. António Carvalho, agradeço todo o interesse que sempre mostrou pelo meu trabalho, desde a época em que fui sua aluna, bem como por me ter aberto as portas do museu para a sua realização. Incentivou-me desde o primeiro momento doando inclusive peças ao museu de um trabalho que tinha realizado sobre o Casal do Monte. E, também, por me ter dado a oportunidade de ter participado no Dia do Investigador com uma comunicação sobre o tema. Por tudo, estou-lhe muito grata.

À Dona Luísa o meu muito obrigada por todas as horas que me dispensou e por me ter ajudado com a sua sabedoria de quem tem muitos anos de manipulação das coleções do Museu Nacional de Arqueologia.

À Dona Carmo o meu obrigada por toda a paciência com que sempre atendeu os meus pedidos bibliográficos.

Ao Museu Municipal de Loures, na pessoa da Dra. Florbela Estêvão, o meu muito obrigada por todo o carinho com que sempre me recebeu e por me ter dado as condições necessárias para a realização deste trabalho. Obrigada também, pela minha primeira experiência profissional em arqueologia, e por me ter dado a oportunidade de aprender consigo o tanto que tem para ensinar.

Ao Centro de Documentação de Loures o meu agradecimento por toda a documentação disponibilizada para este trabalho.

Ao Professor Doutor Victor Oliveira Jorge o meu muito obrigada pela tarde em que generosamente se disponibilizou para me dar a conhecer um pouco mais sobre a Arqueologia e a Geologia de Loures.

Quero também agradecer vivamente ao Dr. José António, do Museu Geológico, que me recebeu de braços abertos na instituição em que dedicadamente trabalha e me proporcionou aí as condições necessárias para a realização deste trabalho. Bem como por todas as horas que dispensou nas nossas idas em “busca” da reconstituição da história do Casal do Monte.

À Margarida um obrigado por me ter desmistificado o mundo da geologia e por me ter dado a conhecer melhor um mundo que me é tão caro.

Ao Tiago, um amigo de sempre e para sempre, que me ajudou com os mapas e imagens que teimavam em não ficar no sítio e que ele tem o dom de os fazer ficar perfeitos. Bem como por todas as horas de galhofa que tivemos e que me permitiram desanuviar.

Ao André um muito obrigado pela revisão que me fez e pela longa amizade que temos e por mesmo longe a nossa amizade continuar sempre a mesma.

Ao meu irmão, o meu muito obrigada por todas as indicações que me deu e pelo tanto que me ensinou.

Por fim, mas não menos importante ao Fábio pela alegria, carinho e amor que traz à minha vida e por acreditar em mim independentemente de tudo. Agradeço-lhe por ter ouvido as minhas frustrações, quando as coisas não corriam bem e por todos os debates que tivemos sobre a arqueologia. Obrigada por estares sempre aqui.

## Resumo

O Casal do Monte é um sítio mítico da arqueologia portuguesa, em particular no que ao Paleolítico diz respeito. Amplamente estudado por vários investigadores ao longo dos anos, foi o sítio de referência do chamado “método das pátinas”, aplicado às estações do Complexo Basáltico de Lisboa desde os trabalhos de Henri Breuil e George Zbyszewski.

Várias peculiaridades fazem desta estação um “marco” na história da arqueologia, tanto pelos seus míticos bifaces em sílex como pela sua atribulada história. Contudo, ainda hoje existem grandes dúvidas sobre o seu verdadeiro contexto, facto agravado pela destruição do sítio, que não permitiu um estudo mais pormenorizado da estação, com recurso à escavação.

Restam apenas as clássicas peças da estação que se encontram em dois dos museus mais emblemáticos da cidade de Lisboa, no que à arqueologia diz respeito. São eles o Museu Nacional de Arqueologia e o Museu dos Serviços Geológicos, pontos de partida para uma tentativa de clarificar alguns mitos sobre esta estação, tantas vezes mencionada, mas de que não se conhece tanto como seria desejável.

**Palavras – chave:** Paleolítico, bifaces, sílex e Loures

## **Abstract**

Casal do Monte is a mythic Portuguese archaeological site specially when considering the Paleolithic. Widely studied by several researchers during the years, this was the primary site of the “methode patine” applied to Complexo Basáltico de Lisboa’s stations since the works of Henri Breuil and George Zbyszewski.

Several peculiarities made this station a remarkable point in the history of archaeology, not only because of its fascinating flint handaxes but also due to its messy story. Until this day there are big disbeliefs about its true context, which is worsen by the destruction of the site itself. This fact leads to the lack of space and freedom to study in detail this station by excavation.

However, it is still possible to find some magnificent pieces belonging to this station in two of the most emblematic archaeological Museums in the city of Lisbon. The National Museum of Archaeology and the Geological Museum marked the beginning of a journey trying to clarify some of the myths associates with Casal do Monte. A station which is mentioned often but still with important details to unveil.

**Key-words:** Paleolithic, handaxe, flint and Loures

## Índice

Agradecimentos .....	1
Resumo .....	3
Abstrat.....	4
1. Introdução .....	9
2. Geografia da região de Loures .....	10
3. Geomorfologia e geologia da região de Loures .....	13
4. O Paleolítico em Loures .....	15
5. O Casal do Monte. As vicissitudes de uma jazida de referência do Paleolítico português.....	18
5.1 Da descoberta da jazida aos primeiros estudos sobre ela realizados .....	19
5.2 A contribuição de George Zbyszewski e Henri Breuil para o estudo da jazida do Casal do Monte.....	45
5.3 Novas contribuições e sínteses em torno de velhas investigações .....	51
5.4 Das vicissitudes de um sítio classificado à realização de novos trabalhos .....	58
6. Contribuição para o estudo das indústrias Paleolíticas do Casal do Monte.....	64
7. Métodos de descrição e análise dos artefactos estudados.....	69
7.1 Núcleos .....	70
7.2 Bifaces .....	74
7.3 Triedros .....	80
8. Núcleos.....	81
9. Bifaces.....	84
10. Discussão .....	89
11. Conclusão.....	93
12. Bibliografia .....	95
13. Anexos cartográficos .....	102
13.1 Quadros.....	104
13.2 Gráficos.....	112
13.3 Figuras .....	116
14. Inventário.....	133

### Índice cartográfico

<b>Figura</b>	<b>Descrição</b>	<b>Pág.</b>
1	Localização do Casal do Monte (número 148) na Carta Militar de Portugal a escala de 1:25 000, série M888, folha 417	102
2	Localização da estação Paleolítica do Casal do Monte, Loures, imagem de satélite	10
3	Carta geológica de Portugal, onde se assinala a jazida do Casal do Monte, assinalado com uma bola azul. Carta Geológica de Portugal na escala 1:50 000, folha 34-B (Loures)	102
4	Os terraços de Santo Antão do Tojal e esboço geológico da área envolvente por Breuil e Zbyszewski	103

### Índice dos quadros

<b>Quadro</b>	<b>Legenda</b>	<b>Pág.</b>
1	Principais etapas da evolução geomorfológica da Bacia de Loures	104
2	Quadro sinóptico das jazidas Paleolíticas do concelho de Loures	105 á 112

### Índice dos gráficos

<b>Gráfico</b>	<b>Legenda</b>	<b>Pág.</b>
1	Análise dos tipos de ocupação do Paleolítico em Loures	112
2	Núcleos do Locus 1 analisados pelo “método das séries”	113
3	Estado físico dos núcleos do <i>Locus 1</i>	113
4	Graus de exaustão dos núcleos do <i>Locus 1</i>	114
5	Bifaces do <i>Locus 1</i> analisados pelo “método das séries”	114
6	Estado físico dos Bifaces do <i>Locus 1</i>	115

### Índice das Tabelas

<b>Tabela</b>	<b>Descrição</b>	<b>Pág.</b>
1	Matéria-prima dos núcleos do <i>Locus 1</i>	82
2	Classificação tipológica dos núcleos do <i>Locus 1</i>	82
3	Matéria-prima dos bifaces do <i>Locus 1</i>	85
4	Suporte dos bifaces de sílex e quartzito do <i>Locus 1</i> .	86

### Índice das figuras

<b>Figura</b>	<b>Descrição</b>	<b>Pág.</b>
5	Primeiro <i>coup-de poing</i> em quartzito descrito por Joaquim Fontes na primeira notícia sobre o Casal do Monte.	116
6	Segundo <i>coup-de-poing</i> em sílex descrito por Joaquim Fontes	117
7	Terceiro <i>coup-de-poing</i> em sílex descrito por Joaquim Fontes na primeira notícia sobre o Casal do Monte.	117
8	Quarto <i>coup-de-poing</i> em sílex descrito por Joaquim Fontes na primeira notícia sobre o Casal do Monte.	118
9 e 10	Lasca de quartzito do Casal do Monte e Lasca de quartzito de A-da - Maia	118
11	Lasca em quartzito do Casal do Monte	119
12	<i>Coup-de-poing</i> triangular em sílex do Casal do Monte	119
13	<i>Coup-de-poing</i> triangular em sílex do Casal do Monte	120
14	<i>Coup-de-poing</i> triangular em quartzito do Casal do Monte	120
15	<i>Coup-de-poing</i> de quartzito do tipo St.-Acheul (Achelenses) do Casal do Monte	121
16	<i>Coup-de-poing</i> em sílex cheleano do Casal do Monte	121
17	<i>Coup-de-poing</i> em grés de época Chelles do Casal do Monte	122
18	<i>Coup-de-poing</i> de quartzito do Casal do Monte	123



19	<i>Coup-de-poing</i> em sílex do Casal do Monte	124
20	Ponta musteriense em sílex do Casal do Monte	125
21	Ponta com planos retocados musteriense em sílex do Casal do Monte	125
22	Ponta musteriense em sílex do Casal do Monte com retoques bilaterais	126
23	Transição de uma ponta para um raspador em sílex do Casal do Monte	126
24	Raspador musteriense grande em sílex do Casal do Monte	127
25	Raspador musteriense pequeno em sílex do Casal do Monte	127
26	Raspador musteriense em sílex do Casal do Monte	128
27	Duplo raspador musteriense em sílex do Casal do Monte	128
28	Raspador com entalhe em sílex do Casal do Monte	129
29	Corte esquemático passado pelo sinal geodésico do Casal do Monte. Distância e alturas cerca de 1/5000- B, toalha basáltica, os conglomerados paleogénicos levantados por Paul Choffat	129
30	Notícia sobre o processo de destruição em que se encontrava a jazida do Casal do Monte, publicado no Diário de Lisboa	130
31	O Casal do Monte actualmente	131
32	Dois bifaces utensílios do Museu Geológico	131
33	Núcelos Levallois em sílex proveniente do Museu Geológico	132
34	Pequenos bifaces em sílex provenientes do Museu Geológico	132
35	Bifaces de quartzito do Museu Geológico	133

## **1. Introdução**

A escolha do sítio Paleolítico do Casal do Monte como tema para realizar este trabalho, prendeu-se com o facto de voltar a trazer ao debate este sítio tantas vezes citado na bibliografia, com o objetivo de resolver algumas problemáticas a ele associadas que se encontram em boa parte por resolver à luz dos conhecimentos atuais da Arqueologia Paleolítica.

Pretendendo-se, assim, tentar identificar a realidade arqueológica associada ao Casal do Monte no que respeita a história do sítio e à cronologia dos materiais, tantas vezes citadas desde a descoberta da jazida, frequentemente consideradas como algo equívocas.

Embora a jazida tenha precocemente adquirido um lugar de destaque que se prolongou por dezenas de anos, a sua tardia classificação não impediu o progressivo estado de degradação do sítio, o que veio mesmo a determinar, mais recentemente, a apresentação de uma proposta de desclassificação, entretanto aprovada, tendo em conta a destruição efetiva do bem classificado.

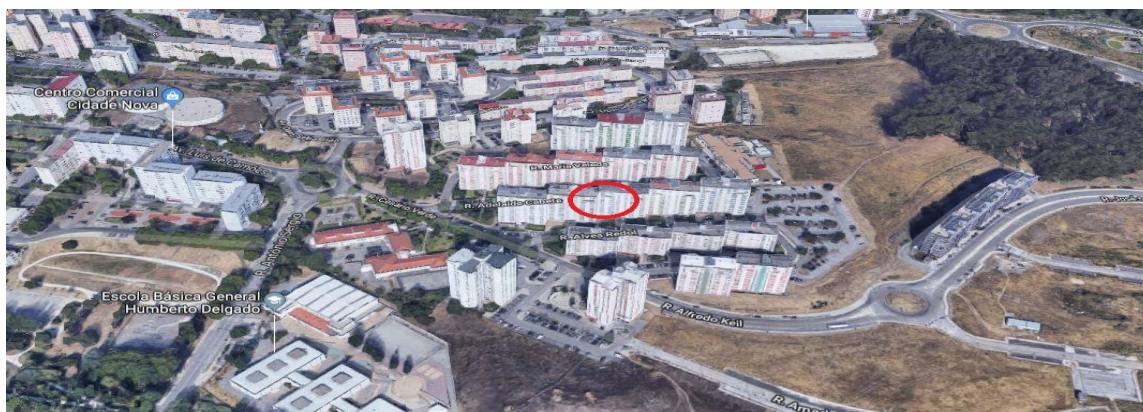
O desafio a que me propus revelou-se, porém, gratificante, ainda que complexo, porque tive de tratar de coleções antigas, dispersas por vários sítios e que nos remetem mesmo para diferentes interpretações que sobre a jazida e os seus materiais foram sendo produzidas.

## 2. Geografia da região de Loures

A jazida sobre a qual vai incidir o presente trabalho localiza-se no concelho de Loures, no distrito de Lisboa, mais exatamente na parte a Norte da área urbana da capital. Correspondendo a um território adjacente à própria cidade de Lisboa, integrando a respetiva Área Metropolitana.

Considerando as unidades territoriais utilizadas pelo INE (Instituto Nacional de Estatística), designadas por NUTS, integra a NUT III, constituída pela Área Metropolitana de Lisboa. O concelho de Loures ocupa uma área de 169 km<sup>2</sup>, sendo delimitado pelos concelhos de Arruda dos Vinhos (a Norte), Vila Franca de Xira (a Nordeste), Lisboa (a Sul), Odivelas (a Sudoeste), Sintra (a Oeste), Mafra (a Noroeste), confinando ainda a este com o rio Tejo (Santos, 2014, p. 55).

O sítio Paleolítico do Casal do Monte enquadra-se, em termos administrativos na União de Freguesias de Santo António dos Cavaleiros e Frielas, do concelho de Loures. Integra-se na folha 417 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25 000 (Fig. 1). O sítio (Fig.2) localiza-se por cima de um outeiro e tem as seguintes coordenadas: Lat. 38° 48'31, 754" N Long. 09° 10'03, 826" W, e uma altura de 124 m (Fragoso, 2009, p. 31).



**Figura 2** - Localização da estação Paleolítica do Casal do Monte, Loures, imagem de satélite.

Basicamente integra-se na bacia hidrográfica do rio Trancão, para o qual confluem nas imediações de Loures diversos afluentes, formando uma área aluvionar importante, que constitui a chamada várzea de Loures, outrora particularmente importante no abastecimento agrícola da capital. Trata-se de uma área aplanada, rodeado por colinas onde hoje emergem bairros periféricos da capital, sobrevivendo na zona baixa parte dos campos agrícolas, entre auto-estradas, áreas comerciais e habitacionais que aí se foram instalando.

Toda a drenagem do Concelho de Loures é feita para o Tejo, através do rio Trancão, seu afluente, que nasce perto na Povoação de Póvoa da Galega. A bacia do Trancão corresponde a uma enorme zona de captação de águas, encaixadas em maciços rochosos que chegam aos 250-300 metros de altitude. A partir da nascente o Trancão atravessa sucessivos depósitos mesozoicos, infletindo após Bucelas para sul, para percorrer um vale apertado até atingir as terras baixas, onde se lhe juntam os seus subsidiários, desaguando finalmente no rio Tejo através de um vale de novo relativamente apertado, que se estende até Sacavém (Raposo e Carreira, 1994, p. 36).

A bacia hidrográfica do rio de Loures é essencial para este concelho. Considerada uma sub-bacia da bacia hidrográfica do rio Trancão, enquadra a área metropolitana Norte de da grande Lisboa na região hidrográfica do Tejo. Tal como em épocas remotas ainda hoje os recursos hídricos são essenciais para a sobrevivência da agricultura local que aí resiste (Lúcio, 2014, p. 3).

Em tempos mais recentes, o crescimento da malha urbana levou o concelho de Loures a expandir-se ao longo dos anos. O rápido crescimento do concelho levou à construção de urbanizações que frequentemente se implantavam nas zonas mais elevadas.

Foi neste contexto que foi construído um empreendimento por cima da estação arqueológica do Casal do Monte. Pontualmente também foram construídas urbanizações nas zonas baixas. Com efeito, o concelho de Loures encontra-se bastante urbanizado, o que levou frequentemente à destruição de diversas estações arqueológicas (Oliveira, 1994, p. 27).

A riqueza da área sempre atraiu à região as populações, como o provam testemunhos arqueológicos e patrimoniais diversos. É o caso do convento de Odivelas, localizado no concelho vizinho, da estação arqueológica de época romana situada na freguesia de Frielas e de múltiplas outras jazidas arqueológicas que se distribuem pelos pontos elevados, nas imediações da várzea ou até na própria várzea. Realidade que remontava já ao próprio homem paleolítico, que encontraria numa várzea eventualmente com outra configuração geográfica e nas elevações adjacentes recursos naturais indispensáveis à sua sobrevivência.

### 3. Geomorfologia e geologia da região de Loures

A Região Norte de Lisboa, integra-se na Orla Mesocenozóica Ocidental Portuguesa, que se localiza próxima do contacto entre esta unidade morfoestrutural e a Bacia do Tejo. É caracterizada por um relevo típico de costeira <sup>1</sup>, sendo as costeiras mais características a de Lousa-Bucelas e de Odivelas-Vialonga, zonas onde, o curso de água depositou aluviões, como acontece na Bacia de Loures. Esta bacia sedimentar é datada do Terciário e Quaternário e encontra-se enquadrada por formas fluviais e terraços que conferem ao território uma paisagem singular. Que possibilitou o afloramento de rochas de distintas resistências, posteriormente expostas pela erosão diferencial, e por outro, lado o forte encaixe de parte da rede hidrográfica do Rio Trancão (Zêzere, 1991, p. 27).

Os diversos depósitos atualmente conservados na Bacia de Loures e ao longo dos vales da Ribeira de Loures, Ribeira de Fanhões e do Rio Trancão, confirmam a forte dinâmica geomorfológica do Quaternário recente (Raposo, 1993, p. 93).

A região foi descrita no trabalho pioneiro de Henri Breuil e George Zbyszewski, denominado “*Contribution á l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*” (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 5). Nela encontram-se representados uma sucessão de rechãs (planaltos) incrustados em superfícies mais altas, em redor da Bacia de Loures, (Quadro 1). Nestas rechãs nota-se, por vezes, uma cascalheira siliciosa dispersa, como sucede no sítio do Casal do Monte, que seria um provável depósito correlativo de aplanamento.

A graduação dos vários níveis de erosão poderá dever-se a uma tendência continua para o levantamento da Região a Norte de Lisboa comparativamente à Bacia do Tejo, que teve o seu início no Terciário (Zêzere, 1991, p. 33).

A Bacia de Loures, propriamente dita, é a principal área deprimida da Região Norte, formando assim um local privilegiado de sedimentação quaternária. Esta depressão encontra-se colmatada em boa parte por uma cobertura aluvial superficial, holocénica, que

---

<sup>1</sup> Forma de relevo simétrica, em que os agentes geomorfológicos, em especial a água, põe em evidência a inclinação das rochas que suportam estes mesmos relevos.

corresponde à chamada Várzea de Loures. Nela emergindo os terraços quaternários de maior importância, como é o caso, por exemplo, do terraço de Santo Antão do Tojal, que forneceu restos de *Elephas antiquus* e de *Equus caballus* aliado a uma importante indústria musteriense, cronologia proposta por Henri Breuil e George Zbyszewski, no livro que escreveram, em 1943 (Breuil e Zbyszewski, 1943, p. 4).

A riqueza geomorfológica de Loures é imensa, sendo ainda de referir, sumariamente, o Terraço da Quintanilha, que é constituído por calhaus de calcário e basaltos de quartzo, e o Terraço de São Julião do Tojal, que exhibe características semelhantes.

Por último, mas não menos importante, é de referir a Formação Detrítica Grosseira de São Julião do Tojal que marca uma fase de evolução do escoamento de detritos com uma componente de solifluxão nas vertentes basálticas, que poderá ser contemporânea do último período frio do quaternário, que se encaminhou para o fundo dos vales (Zêzere, 1991, p. 34).

#### 4. O Paleolítico em Loures

O território onde hoje se apresenta o concelho de Loures foi um local escolhido por diversos grupos humanos desde os primórdios, devido à sua implantação geográfica privilegiada, bem como aos seus recursos bióticos diversificados.

No Paleolítico as populações praticavam dois tipos de ocupações (Gráfico 1), em gruta e de superfície. Privilegiavam frequentemente os sítios com altitude que lhes permitissem uma ampla visão sobre o que os rodeava, o que era essencial para se protegerem dos perigos.

O concelho de Loures tem 59 sítios de cronologia Paleolítica (Quadro. 2), que alguns autores associam ao denominado “Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa” (Cardoso, Zbyszewski e Conceição 1992, p. 32).

Às portas de Lisboa o interesse arqueológico de Loures desde cedo atraiu diversos investigadores e amadores que tinham como objetivo estudar os vestígios arqueológicos da região, como foi o caso do Casal do Monte, em que se centra este trabalho.

Entre 1909 e meados dos anos 20 passaram pelo concelho vários investigadores. O seu interesse e contributo na divulgação do património arqueológico da região relacionava-se frequentemente com o Paleolítico e seus vestígios. Embora individualmente o seu contributo tenha sido muito pontual, alguns dos estudos publicados continuam, porém, a ser únicos, o que faz deles consulta obrigatória no estudo da Pré-história Antiga do concelho (Fragoso, 2009, p. 5).

Foi aí, nesse contexto, que Joaquim Fontes aí descobriu, em 1909, enquanto estudante, a estação paleolítica do Casal do Monte, que divulgou em 1910 na revista *O Arqueólogo Português* (Fontes, 1910, p. 93 a). O seu nome está igualmente relacionado com a descoberta de materiais nas estações do Moinho da Agonia e da Serra da Amoreira (Correia, 1912, p. 57).



E de passagem, também atraídos em grande parte pela jazida descoberta e estudada por Joaquim Fontes, por lá andaram Georges Zbyszewski e Henri Breuil, quando realizaram a sua monumental obra sobre o Paleolítico em Portugal intitulada “Contribution á étude des industries paléolithique du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l’ancien du Teje” (Breuil e Zbyszeeski, 1942, p. 5).

Mais recentemente, João Luís Cardoso, arqueólogo e paleontólogo, tem incluído em algumas das suas publicações estudos e referências a materiais e sítios do concelho de Loures, tais como o trabalho publicado em 1992, em colaboração com G. Zbyszewski e M. Conceição André, *O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa*, (Cardoso, Zbyszewski, Conceição, 1992, p. 33), ou noutros, mais recentes, de carácter mais historiográfico, sobre as descobertas e trabalhos aí realizados.

Luís Raposo, tem feito constantes referências a sítios arqueológicos da várzea de Loures. Também João Zilhão, por seu lado, publicou, em 1988, uma notícia preliminar das escavações que realizou na Loca do Gato (ou Gruta do Pego do Diabo), integrando diversos sítios e achados do concelho em vários dos seus estudos sobre Paleolítico Superior. Em 1987 foi também publicado o resultado das escavações da Gruta dos Penedos (Ponta da Lousa), da responsabilidade de C. H. Harpoe e M. F. Ramos (Fragoso, 2009, p. 14).

Em 2002, por iniciativa do Departamento de Arqueologia do concelho foi realizada a Carta Arqueológica de Loures, onde se encontram sítios já bem conhecidos e outros inéditos do Paleolítico da região (Fragoso, 2009, p. 14).

No âmbito da referida Carta Arqueológica foi ainda possível realizar um trabalho de síntese sobre as 59 estações paleolíticas que aí se identificavam na área abrangida pela publicação. Algumas das estações apresentam uma cronologia exclusivamente paleolítica, enquanto outras surgem com ocupações paleolíticas assim como com ocupações de outras cronologias, (Quadro 1).

Quanto aos tipos de ocupação, encontramos estações de superfície e estações de gruta, analisadas no gráfico 1. A maioria das estações é, porém, de superfície, e apenas cinco se encontram em contexto de gruta.

Os materiais estão divididos por três museus: Museu Nacional de Arqueologia, Museu Geológico e Museu Municipal de Loures.

No Museu Nacional de Arqueologia encontram-se depositados os materiais de diversos sítios, como é o caso do Pego do Diabo e do Casal do Monte. Estes materiais foram doados ao museu pelos seus descobridores, muitas vezes em virtude da relação pessoal que mantinham com o diretor.

No Museu Geológico e Mineiro encontra-se um grande número de objetos das estações desde concelho, como é disso exemplo o Casal da Boca 1. Este museu detém, aliás, grande parte das coleções arqueológicas de cronologia paleolítica provenientes de várias zonas do país em virtude do labor realizado por alguns dos seus responsáveis ao longo de décadas.

O Museu Municipal de Loures detém também um vasto espólio, assinalando as coleções oriundas da Courela da Bica e do Casal da Roca. Sendo o último museu a ser fundado, todo o espólio encontrado antes da sua inauguração foi disperso por diversas outras instituições.

A maioria das ocupações de época paleolítica em Loures são assim, como se viu, de superfície, encontrando-se os respetivos espólios dispersos por três museus. O concelho de Loures é, no entanto, essencial para compreender o paleolítico em Portugal, mesmo sendo difícil de contextualizar de forma precisa a cronologia de muitos dos sítios abrangidos.

## **5. O Casal do Monte. As vicissitudes de uma jazida de referência do Paleolítico português**

O sítio paleolítico do Casal do Monte tem mais de 100 anos de inúmeras referências e um grande conjunto de estudos realizados em diferentes etapas do conhecimento do Paleolítico português. Por essa razão foi necessário recuperar a história das investigações nele realizadas e descobrir onde estariam as coleções daí oriundas, levando-nos estas ao Museu Nacional de Arqueologia, ao antigo Museu dos Serviços Geológicos de Portugal e ao Museu Municipal de Loures. Este último, onde se guardaram recolhas realizadas mais recentemente.

A escolha destes três museus para realizar o presente estudo teve como critério o facto de nos dois primeiros se encontrarem depositadas as coleções recolhidas pelo seu descobridor, as quais integram indústrias com bifaces, alguns dos quais em sílex, que cedo levaram à sua associação ao Paleolítico Inferior e Médio, contexto esse que pelos seus contornos se afigurava peculiar no panorama das jazidas paleolíticas em Portugal. A atenção devotada ao Museu de Loures tinha como objetivo verificar se as mais recentes recolhas replicavam as características das primeiras coleções aí exumadas.

Deste trabalho resultou a definição do historial da descoberta da jazida, acompanhada por uma cronologia tanto quanto possível rigorosa das diversas recolhas que lá ocorreram e, posteriormente, das coleções nelas reunidas, enquadrando o sumário estudo que se procurou em seguida fazer dos principais produtos configurados recolhidos nas primeiras descobertas e dos núcleos a eles associados, no intuito de, neste último caso, identificar as estratégias de debitage representadas.

## **5.1 Da descoberta da jazida aos primeiros estudos sobre ela realizados**

Nos finais da primeira década do século vinte os estudos do Paleolítico ainda eram bastante parcos (Cardoso, 2012, p.79). No entanto, ao longo do tempo, foram realizadas descobertas importantes para o conhecimento do Paleolítico em Portugal, nomeadamente nos arredores de Lisboa, certamente pela sua proximidade da capital

Curiosamente, o momento em que ocorreu a descoberta da estação foi, em certa medida, um dos menos produtivos da Arqueologia portuguesa, após o vigor verificado entre o último quartel do século XIX e os primórdios do século XX (Cardoso, 2012, p. 79).

Desaparecidas as grandes figuras fundacionais da nossa Pré-História e Arqueologia, o primeiro quartel do século XX correspondeu a um declínio acentuado da prática arqueológica, permitindo apenas a indiscutível afirmação em todo o território nacional de José Leite de Vasconcelos (Cardoso, 2012, p. 79).

Esta afirmação permitiu-lhe a segurança necessária para dispensar o apoio pessoal e institucional a alguns jovens que dele se acercavam, seduzidos pelo seu saber e verdadeira disponibilidade, como é disso exemplo Joaquim Fontes, que nutria um grande interesse pela arqueologia, a par dos estudos que o levaram a formar-se em medicina (Cardoso, 2012, p. 80).

O relato do que então se passou e das relações que os autores estabeleceram entre si, foi particularmente documentado por João Luís Cardoso (Cardoso, 2012, p. 77).

O convívio estabelecido entre José Leite de Vasconcelos e Joaquim Fontes iniciou-se pouco tempo antes da descoberta da estação Paleolítica do Casal do Monte, às portas de Lisboa (Cardoso, 2012, p. 80).

O sítio do Casal do Monte foi descoberto a 17 de Outubro de 1909 por Joaquim Fontes, Victor Fontes, seu irmão, e pelo seu amigo José de Santa Rita, quando os três ainda eram estudantes do Liceu Camões (Fontes, 1910a, p. 94).

Aquando da sua descoberta Joaquim Fontes teve logo a certeza de que se tratava de uma estação importante para o conhecimento do Paleolítico português. No entanto, necessitava da validação de personalidades com créditos firmados na área, pois nessa altura Joaquim Fontes era apenas um estudante de liceu. Foi então que recorreu a José Leite de Vasconcelos, que não só reconheceu de imediato a importância da jazida como levou Joaquim Fontes a publicar em 1910 a sua descoberta no *O Arqueólogo Português*. José Leite de Vasconcelos vai, aliás, ser, ao longo do percurso de Joaquim Fontes pela arqueologia, o seu “mestre” (Fontes, 1910a, p. 94)

Fontes teve, também, o apoio de Félix Alves Pereira, conservador do Museu Nacional de Arqueologia, a quem recorreu quando tinha dúvidas e que muito o ajudou. Para os estudos que foi realizando em torno do Casal do Monte contou ainda com a colaboração de outras personalidades, nomeadamente Paul Choffat, com quem veio igualmente a travar uma longa amizade (Fontes, 1910a, p. 96).

Foi ainda publicada no mesmo ano uma versão semelhante do mesmo trabalho, ao mesmo tempo, publicada em edição de autor, com nota prévia de António Aurélio da Costa Ferreira, Professor de Ciências Naturais de Joaquim Fontes no Liceu de Camões, (Cardoso, 2010/2011, p. 626), que resultaram num relatório por este último apresentado à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (Fontes, 1910b).

Em 1910 Joaquim Fontes publicou na revista *Materiais*, dirigida por Francisco Tavares de Proença Júnior (Fontes, 1910c, p.39), um estudo onde pela primeira vez é mencionado a existência em Portugal da “Época musteriana”, que o autor considera a mais bem representada no Casal do Monte, a par de outras designações há muito estabelecidas na nomenclatura arqueológica internacional (Cardoso, 2012, p. 81).

Neste estudo define o Casal do Monte através da nomenclatura utilizada por Gabriel Mortillet, caracterizando a estação como pertencente à terceira classe de jazidas por ele considerada: “Sur les points élevés, où les alluvions quaternaires, même le plus ténues, n’ont pas pu parvenir, il n’est en général formé aucun dépôt. Ces points à sec ont du être habites ...” Les hommes de ces temps y ont abandoné, comme dans les alluvions, les débris de leur industrie. Seulement ces débris se sont successivement mêlés à ceux de

toutes les époques suivantes...” Ils ne peuvent donc être déterminés que par comparaison”. Considerando assim o Casal do Monte como uma estação de terceira classe, por ser num ponto elevado, sem aluviões quaternários, onde foi encontrado sílex e quartzito misturados provenientes de várias épocas (Fontes, 1910c, p.39).

Joaquim Fontes refere aí que a estação tem materiais desde a época “chelense<sup>2</sup>” até a época Neolítica, o que lhe confere uma ampla cronologia (Fontes, 1910b, p.40).

Nesse mesmo ano, Joaquim Fontes publica, um artigo intitulado “Estação Paleolítica do Casal do Monte” (Fontes, 1910a, p. 93). no *Arqueólogo Português*, cujo conteúdo é a notícia da descoberta da estação paleolítica do Casal do Monte iniciando o respetivo texto com a descrição pormenorizada dos passos que deu até chegar ao local da jazida: “seguindo a calçada da Carriche cheguei às portas de Lisboa encontro-me em frente de dois caminhos... que vão ter à Póvoa de Santo Adrião...” Quando chega ao Casal do Monte refere que este: “...encontra-se em frente a uma montanha é ali o Casal do Monte”. Refere também que a estação Paleolítica “situa-se no cume de um monte, que sobressai a todos em redor” (Fontes, 1910a, p. 93).

Joaquim Fontes alude ainda que no local abundava a presença de sílices talhados, designação então comumente dada às peças talhadas de sílex. Posteriormente, deu a conhecer as peças que recolheu a José Leite de Vasconcelos e Félix Alves Pereira, que fundamentaram a opinião inicial que o autor teve de que os chamados sílices eram realmente talhados por humanos.

Tendo voltado várias vezes ao local, aí recolheu até 1910, 250 sílices, alguns dos quais oferecidos ao Museu Etnológico Português, descrevendo, na notícia citada acima, os materiais mais característicos (Fontes, 1910a, p. 94).

A primeira peça descrita nesse artigo (Fig. 5), pertence a um tipo assinalado, na opinião do autor, pela primeira vez em Portugal, o qual não tinha a secção amigdalóide como a que havia sido encontrada na gruta da Furninha, no século XIX, por Nery Delgado (Fontes, 1910a, p. 94).

---

<sup>2</sup> Foi uma designação em uso até ao primeiro terço do século vinte para designar uma fase inicial das indústrias de bifaces do Paleolítico Inferior, a que lhe terá sucedido o Acheulense.

A segunda peça que descreve tem já a secção amigdalóide e é do mesmo modo que a primeira talhada a partir de um nódulo de sílex (Fig. 6). Esta peça é quase toda talhada e só uma pequena parte conserva a superfície original do seu suporte. “O mais curioso que se nota em quase todos os *coup-de-poins*<sup>3</sup> encontrados no Casal do Monte é a parte inferior não ter sido lascada.” A terceira peça apresenta uma grande superfície não talhada (Fig.7). Consultando o guia do Museu Britânico, o autor regista a presença de um *coup-de-poing*, do mesmo género (Fontes, 1910a, p. 95).

Do livro *Les origines*, da autoria de J.Guilbert, Joaquim Fontes destacou o seguinte excerto: “L´instrument qui caractérise cette époque est un rognon de sílex, un galet de quartzite ou de quelque pierre dure, taillé à grands éclats sur les deux faces , de manière à former une pointe plus ou moins effilée, très épaisse á la base et au milieu très mince et tranchante sur les bords et à l´extrémité” É o que se observa também na quarta figura a que alude na citada publicação (Fig.8), (Fontes, 1910a, p. 95).

Na notícia publicada acerca da descoberta do Casal do Monte são já notórias as peculiaridades da estação, bem como a importância da sua implantação num local estratégico, que é explicitamente sublinhada pelo autor.

Joaquim Fontes termina o artigo com um agradecimento a José Leite de Vasconcelos e Félix Alves Pereira pelos conselhos dados e por lhe terem disponibilizado a biblioteca do Museu Etnológico Português para consultar os livros dos quais tirou elementos para a redação da notícia da descoberta do sítio. Agradece ainda a Costa Ferreira, seu professor, que o acompanhou à Sociedade das Ciências Naturais. Agradece também a Paulo Choffat e Luís Couceiro pela amabilidade com que o receberam na sua visita à Direção dos Trabalhos Geológicos. A Câmara Pestana agradece a excelente fotografia do primeiro instrumento que descreveu no artigo. Regista ainda que na descoberta do Casal do Monte, como na organização da sua coleção paleolítica, foi ajudado pelo seu irmão Victor Fontes e pelo seu amigo José Santa Rita (Fontes, 1910a, p. 96).

---

<sup>3</sup> *Coup-de-poing*, correspondem a uma denominação que os pré-historiadores franceses usavam originalmente para se referirem aos bifaces.

As relações que Joaquim Fontes estabelece no âmbito da descoberta, tanto com as instituições como com as personalidades, são essenciais para o reconhecimento do seu trabalho na arqueologia.

Em 1911 José Leite de Vasconcelos visitou o Casal do Monte, tendo doado ao Museu Etnológico Português um biface em sílex que é caracterizado posteriormente em 1912 num novo artigo da autoria de Joaquim Fontes - “Subsídios para o estudo do Paleolítico português” - publicado no *O Arqueólogo Português*. “É um *rognon* de sílex talhado cuidadosamente por profundos e sucessivos golpes nas extremidades para obter uma ponta bastante afiada”. (Fontes, 1912b, p.22). No ano seguinte Joaquim Fontes, Victor Fontes, seu irmão, e José Santa Rita oferecem ao mesmo museu 321 artefactos que recolheram na jazida.

José Leite de Vasconcelos viu em Joaquim Fontes um jovem interessado na arqueologia. Na correspondência que trocavam, o Casal do Monte era um tema recorrente. Numa carta, de 10 de setembro de 1912, Joaquim Fontes envia um postal a José Leite de Vasconcelos do Museu de História Natural de Bruxelas, onde consta uma imagem de um mamute que Joaquim Fontes refere como: “os nossos amigos contemporâneos do Casal do Monte” (Fontes, 1912-1927a).

A 9 de Outubro de 1912, numa outra carta que remeteu a José Leite de Vasconcelos, Joaquim Fontes refere que “tem diante dele uns *coups-de-poing* e outros instrumentos do Casal do Monte que deveriam ter pertencido a uma brilhante civilização, pois os *coups-de-poing* têm uma concepção diferente de outros, referentes ao Paleolítico português”, “... estes atestam uma ideia de racionalismo por parte desta civilização”. Embora com medo de se estar a enganar, refere que poderá estar “à frente de uma grande estação paleolítica”. Encontrava-se, então, empenhado em prosseguir o estudo da jazida (Fontes, 1912-1927a).

No mesmo ano, Fontes oferece de novo ao Museu Etnológico Português 18 artefactos do Casal do Monte. As doações ao museu por parte do descobridor da estação foram assim constantes.

Outra informação importante dada por este artigo: “Subsídios para o estudo do Paleolítico português” reporta-se à metodologia que Joaquim Fontes adotou para estudar as peças do



Casal do Monte, seguindo para o enfeito a proposta de Gabriel de Mortillet. Por esse motivo, neste trabalho resolvemos esclarecer algumas das classificações adoptadas por Gabriel de Mortillet das quais Joaquim Fontes, retirou as suas premissas para o desenvolvimento do seu trabalho.

Num dos seus trabalhos “Le préhistorique: antiquité de l’homme” (Mortillet, 1885, p. 132), Gabriel de Mortillet descreve pormenorizadamente a indústria “chellense”, que define como sendo a primeira indústria da época do Quaternário, mas que não deixa por isso de se encontrar, segundo Gabriel de Mortillet, bastante bem representada. Os seus instrumentos caracterizavam-se pela simplicidade, talhados normalmente em sílex ou em fragmentos de outras rochas, sendo o talhe realizado nas duas fases através de percussão. Podiam ou não ter uma forma amigdalóide ou serem mais arredondados, espessos ou aplanados ou ainda evidenciarem ou não uma extremidade apontada, podendo terminar em ponta. A base arredondada passaria nalguns casos gradualmente para a linha reta, o que tornaria o artefacto tendencialmente triangular (Mortillet, 1885, p. 133).

Posteriormente, na obra que publica em parceria com o seu filho, Adrien de Mortillet - “La préhistoire. Origine e antiquité de l’homme” (Mortillet e Mortillet, 1910, p. 230) - Mortillet volta a caracterizar as indústrias líticas, mas de uma forma mais abrangente para toda a época paleolítica.

Considerando que existem quatro etapas, a primeira das quais agrupando utensílios algo simples, talhados por percussão directa, a que se sucederia uma segunda etapa com utensílios definidos por percussão, directa e indirecta e uma configuração finalizada por retoques. Na terceira etapa os utensílios seriam definidos por percussão directa, sendo associados a uma fase intermédia entre o Paleolítico Médio e Superior, correspondendo o Paleolítico Superior à última fase (Mortillet e Mortillet, 1910, p. 230).

O “chellense” surge mais uma vez como a primeira etapa do Paleolítico, seguida do acheulense considerado como uma etapa pertencente ao Paleolítico Inferior, mas que é a base do Paleolítico Médio. O acheulense caracteriza-se pela perfeição dos *coups-de-poing* que lhe são associados, talhados em ambas as faces e com uma maior volumetria, notando-

se neles uma clara evolução em relação á época anterior (Mortillet e Mortillet, 1910, p. 230).

Segue-se-lhe o musteriense, associado ao Paleolítico Médio, que é caracterizado como uma fase de degradação dos *coup-de-poings*, que acabam mesmo por desaparecer progressivamente. Neste período tais utensílios diminuem de peso e tamanho, tornando-se mais pequenos e disformes, com a forma amigdalóide a passar a triangular, enquanto a bifacialidade da sua configuração passa progressivamente a uma situação onde se impõe o talhe unifacial.

Os dois trabalhos mencionados de Gabriel Mortillet, o segundo dos quais em colaboração com o seu filho Adrien, fazem assim uma proposta de classificação tipológica na qual Joaquim Fontes se vai fundamentar para o desenvolvimento dos seus trabalhos, nomeadamente no Casal do Monte, onde vai procurar adotar a tipologia de Gabriel Mortillet à realidade local.

Em 1912 Joaquim Fontes escreve para o *Arqueólogo Português* um novo artigo intitulado “Subsídios para o estudo do Paleolítico Português”, já referido anteriormente (Fontes, 1912b, p. 22-23), onde compara algumas estações dos arredores de Lisboa com o Casal do Monte. Inicia o artigo com a caracterização de uma série de pontas musterienses da estação paleolítica do Casal do Monte comparando-as com as de A-da-Maia, referindo que elas deveriam ser contemporâneas.

As afinidades entre algumas destas lascas musterienses (Fig. 9 e 10), segundo o autor, “são tão grande que lhe parecem ter sido talhadas pela mesma mão apesar de aparecerem em estações diferentes”. Sublinhando o mesmo cuidado, quase o mesmo lascamento e a mesma secção (côncavas de um lado e convexas do outro), demonstrando perfeitamente que pertencem ao mesmo tipo. Comparando os instrumentos das figuras 9 e 10 com o da (Fig. 11) destaca-se que “a identidade das formas, mas neste último esboça-se um punho”. Chega mesmo a afirmar que tais instrumentos parecem marcar, na perspectiva do autor, a transição das “rudes pontas da época de Moustier para as esplêndidas *pointes á cran* da época Solutré” (Fontes, 1912b, p.23).

À margem, anota ainda que as peças de A-da-Maia, tal como as do Casal do Monte, são maioritariamente em sílex e têm a mesma pátina e coloração (Fontes, 1912b, p. 24).

Inicia o segundo capítulo com o tema dos *coups-de-poing* que, segundo o autor, “são usados como furadores no Casal do Monte”. Encontraram-se, até a data em que foi escrito o artigo, cinco *coups-de-poing* com estas características, onde se nota o aperfeiçoamento da ponta, o que faz querer que em seu entender teriam servido como furadores (Fontes, 1912b, p. 25).

Um dos exemplares de *coup-de-poing* triangular (Fig.12) que Joaquim Fontes descreve foi feito a partir de uma lasca em sílex cuja base está por talhar, tendo sido cuidadosamente retocada e apresenta um só bolbo de percussão. Menciona, ainda na (Fig.13) a presença de um outro *coup-de-poing* de sílex, amarelo-acastanhado, que foi bastante corroído pela água. Na Fig.14 representa ainda um *coup-de-poing* de quartzito que pertence ao conjunto de instrumentos que foram recolhidos numa das primeiras visitas à estação (Fontes, 1912b, p.26.)

Por último, refere que os *coups-de-poing* não deveriam ser encabados, mas usados à mão. Parece ao autor que “... o melhor meio de preensão destes materiais era o corpo das peças que ficavam na chave da mão; pelas duas chanfraduras laterais, junto à ponta, passavam os dedos indicadores...” (Fontes, 1912b, p. 26).

O terceiro capítulo é dedicado aos *coups-de-poing* de tipo St.- Acheul (Achelenses) do Casal do Monte, abarcando em 1912, 88 peças que Joaquim Fontes aí havia recolhido. O aperfeiçoamento do talhe desses *coups-de-poing* deixam o autor surpreendido. A peça da Fig.15, por exemplo, corresponde a um *coup-de-poing* de quartzito acinzentado tendo por base uma zona por talhar (*talon*), (Fontes, 1912 b, p. 27).

Descreve em seguida o *coup-de-poing* da Fig.16 como sendo um dos mais perfeitos encontrados na estação do Casal do Monte. Destaca como suas particularidades ser em sílex, a sua pequena dimensão e o facto de ser talhado em toda a superfície. Remetendo, o

autor para duas das características referidas por Gabriel de Mortillet e Ardien de Mortillet,<sup>4</sup>: “o lado dos instrumentos “cheleanos” é em zigue-zague e o dos acheuleanos em linha recta ou torcido”. Apresentando assim o exemplar da figura 16, um zigue-zague ao longo de toda a peça bem como uma ligeira linha reta. Este instrumento é semelhante a outro, encontrado por José Leite de Vasconcelos nesta estação (este biface foi referido anteriormente como tendo sido doado por Leite de Vasconcelos ao Museu Etológico Português em 1911), (Fontes, 1912 b, p. 28).

Ainda se referindo aos *coups-de-poing*, nomeadamente ao da Fig.17, que foi talhado em grés com amplos golpes, e cujos bordos são em zigue-zague, assinalava que este se encontrava muito corroído pela água e que tinha um talhe muito grosseiro sem retoques e, por isso, pertence à época de “Chelles”. Outro *coup-de-poing* (Fig.18) é de quartzito, acastanhado, com laivos vermelhos vivos e foi feito de um seixo do qual só resta parte do talão. Este *coup-de-poing* foi colhido em Março de 1912 por Joaquim Fontes e seu pai, António F. Fontes (Fontes, 1912, p. 38 b).

A descoberta da estação paleolítica do Casal do Monte levou Joaquim Fontes a admitir a existência de outras jazidas similares na região de Lisboa. Das prospeções que efectuou resultou, com enfeito, a descoberta de diversos locais com utensílios paleolíticos e mesolíticos (Fontes, 1912b, p. 30).

Embora as outras estações dos arredores de Lisboa não sejam tão ricas em materiais como o Casal do Monte, nelas reconheceram-se algumas dezenas de instrumentos. É de salientar o facto de o sílex encontrado na já referida estação de A-da-Maia ser de cor amarela semelhante ao encontrado no Casal do Monte, o que poderá querer dizer que o sílex teria a mesma proveniência (Fontes, 1912b, p. 31).

Outra semelhança de algumas destas estações com o Casal do Monte é o facto de serem estações de superfície, cujos instrumentos encontram-se em contextos secundários. Joaquim

---

<sup>4</sup> Ardrien de Mortillet, é filho de Gabriel de Mortillet, ambos escreveram um livro em 1910 “La préhistoire Origine et Antiquité de Homme”. Adrien de Mortillet foi responsável por classificar e estabelecer as tipologias culturais, bem como séries cronológicas referentes à Idade da Pedra, baseadas em materiais de museus consideravelmente enriquecidos em 1865 pela doação das coleções de Boucher de Perthes.

Fontes refere “... que nenhuma destas estações poderá servir de tipo para uma futura classificação, a não ser que escavações futuras venham provar o contrário” (Fontes, 1912b, p. 32).

No entanto, esta afirmação veio a ser contraditada, quando passados alguns anos da descoberta da estação Paleolítica do Casal do Monte, Georges Zbyszewski e Henri Breuil adaptaram o método das séries desenvolvido no rio Somme, em França, ao estudo das estações dos arredores de Lisboa, tendo o Casal do Monte sido considerada a estação “tipo” (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 7).

Por falta de método tipológico alternativo, as estações de superfície dos arredores de Lisboa, na altura em que Joaquim Fontes escreveu o artigo e nos anos seguintes, optou por seguir a cronologia de Gabriel de Mortillet, embora tivesse consciente de que esta não satisfaria as necessidades tipológicas das estações portuguesas.

Nesta notícia Joaquim Fontes refere ainda as peculiaridades dos instrumentos do sítio do Casal do Monte, nomeadamente as pontas e os *coups-de-poing*, salientando as características da estação em relação a outras jazidas dos arredores de Lisboa. Indica a perfeição do talhe e a cor das peças, amarelas e castanhas e a matéria-prima, onde o sílex se encontra em maior quantidade e o quartzito em menor quantidade. Menciona ainda os retoques em zigue-zague das peças. É também referido diversas vezes o desgaste que as peças apresentam e discutidas as suas causas. Esta notícia dá ainda inúmeros detalhes sobre as peças, caracterizando os locais precisos onde algumas se encontraram.

Neste artigo denota-se uma preocupação em estudar as peças, bem como em procurar outras opiniões acerca das mesmas.

Na conclusão deste artigo, refere que a região conhecida atualmente como “Complexo Basáltico de Lisboa” é rica em estações Paleolíticas, comentando que o que é raro é um cabeço nesta área não possuir uma estação, ou que aí não se descubram vestígios de talhe intencional de sílex ou quartzito.

No mesmo ano Joaquim Fontes publica no “Bulletin de la Société préhistorique française”, um artigo sobre três bifaces acheulenses provenientes do Casal do Monte, onde os

caracteriza pormenorizadamente, seguindo as descrições para eles já utilizadas noutras publicações (Fontes, 1912c, p. 523). Aí o autor não deixa de mencionar que entre os bifaces portugueses também se podem encontrar formas arredondadas, bem como o típico formato triangular, que aparece na estação do Casal do Monte. Refere ainda: “que a pequenez das ferramentas é uma característica do Paleolítico Português” (Fontes, 1912c, p. 523). Salienta, também, que estas peças eram de quartzito e sílex, embora assinala que já tinham sido encontrados dois outros instrumentos de quartzo e de basalto (Fontes, 1912c, p. 523).

Consultado um postal ilustrado de Paris cuja ilustração diz respeito a praça da Ópera e a estação de metro, datado de 31 de Agosto de 1912, Joaquim Fontes alude que na sua ida a França tinha-se encontrado com os principais arqueólogos franceses da época, facto que lhe concedeu a oportunidade de trabalhar no terreno e lhe deu uma preparação e formação técnica particular no que a arqueologia em Portugal diz respeito. Trabalhando assim com materiais arqueológicos que à altura não eram comuns no nosso país e dotando-se de metodologias então sem paralelo no panorama nacional (Cardoso, 2012, p. 99).

Em 1913 Joaquim Fontes volta a oferecer mais nove objetos, todos em sílex, ao Museu Etnológico Português. A coleção desta jazida havia já sido enriquecida por outras doações nesse mesmo ano, como sucedeu com um biface que Virgílio Correia aí depositou antes de ser conservador do museu.

Ainda em 1913 Joaquim Fontes participa no Congresso de Pré-história de França, em Angoulême, com uma comunicação sobre o musteriense em Portugal. Os artefactos que apresenta para caracterizar o musteriense em Portugal são na sua maioria oriundos da estação do Casal do Monte, completados por instrumentos de outras estações dos arredores de Lisboa. Tornando-se assim o primeiro autor a utilizar a expressão “Musteriense” entre nós, apresenta nesse congresso a primeira síntese sobre tal indústria em Portugal, onde segue de perto, como já vimos, a nomenclatura de Gabriel Mortillet.

Inicia a sua nota ao congresso com uma apresentação geral dos instrumentos que demonstram a transição entre o Acheulense e o Musteriense em Portugal, referindo que os *coups-de-poing* são os artefactos que melhor espelham essa transição no nosso país.

Joaquim Fontes considera que os *coup-de-poing* portugueses apresentam características musterienses: os bordos muito retocados, apresentando por vezes uma base que não foi talhada (Fig.19). Por sua vez, as pontas musterienses existentes em Portugal tem tipos muito variados. Sendo a sua base plana, os bordos são quase sempre retocados, atingindo um grande nível de perfeição (Fig.20). Estas pontas são bilaterais e os bordos têm dois entalhes retocados, (Fig.21) e outros são ligeiramente curvos (Fig.22), (Fontes, 1913, p. 343).

As considerações que faz nesta nota são bastante claras quanto às características dos instrumentos, facto que prova que o autor tinha como objetivo provar a existência do musteriense no Casal do Monte. O mesmo é comprovado pelas seguintes afirmações: “Algumas pontas portuguesas poderiam ter sido usadas como armas, há outras onde o retoque fez o topo desaparecer...” Fig.23. Os raspadores são, por sua vez, instrumentos abundantes nas estações paleolíticas portuguesas, são frequentemente de apreciáveis dimensões (Fig.24), noutras ocasiões mais pequenas (Fig.25), embora todos cuidadosamente retocados nos seus bordos arredondadas. Em alguns exemplares o bordo não é circular, mas reto, podendo, por exemplo, o utensílio representado na Fig.26 assumir falsamente a aparência do que o autor denomina de uma faca (Fontes, 1913, p. 344).

Os raspadores, são assim considerados por Joaquim Fontes como artefactos correntes no Paleolítico Português. Variam relativamente ao tamanho, podendo ser grandes ou pequenos (Fig. 27), mas são todos cuidadosamente retocados e por vezes arredondados. Fig.28, (Fontes, 1913, p. 344).

O autor refere ainda aí sistematicamente as características musterienses da estação do casal do Monte: “Foram colectados com frequência nos arredores de Lisboa um tipo de ferramenta bastante interessante, que, pela forma como é cortada, pode ser anexada ao tipo musteriense. O sílex apresenta um brilho em ambos os lados, de modo a formar um bordo em zigue-zague que é frequentemente retocado.” (Fontes, 1913, p. 345). Essas peças parecem ao autor uma deterioração dos *coups-de-poing*, admitindo que deviam ter sido usadas naturalmente para raspar.

Joaquim Fontes conclui a descrição dos vários tipos de instrumentos portugueses pertencentes a esta fase do Paleolítico com a salvaguarda de que, embora seja possível descrever as características gerais de uma fase lítica portuguesa correspondente ao período do musterense em França, os caracteres especiais só poderão ser conhecidos mais tarde, quando se descobrir as desejadas jazidas com estratificação.

Esta nota é um dos artigos mais importantes que Joaquim Fontes escreve acerca da estação. Em primeiro lugar, porque fala da estação noutro país, o que também demonstra que ele tinha uma preocupação em travar novos conhecimentos e estabelecer contactos no exterior, para além de aí publicitar as suas próprias descobertas. Em segundo lugar, porque revela os frutos do seu estudo em relação à estação e classifica alguns instrumentos como sendo musterense. Em terceiro demonstra de forma relativamente circunstanciada os vários instrumentos que têm características típicas deste período.

Joaquim Fontes apresenta todos os instrumentos que considera fazerem parte dos inícios do musterense e se prolongam até ao fim desta época. Começando pelos *coups-de-poing* que considera serem testemunhos da transição entre o Acheulense e o Musterense. Seguem-se-lhes as pontas musterenses, que são para o autor típicas deste período, para depois apresentar as pontas que transitariam para os raspadores musterenses, que aparecem de seguida. Raspadores com entalhe, raspadores<sup>5</sup> duplos com encaixe, cortadores<sup>6</sup>, e os furadores<sup>7</sup>.

Todos estes instrumentos estão presentes na estação do Casal do Monte, o que mais uma vez demonstra na opinião de Joaquim Fontes a sua importância para o conhecimento do Paleolítico português, bem como a desejável investigação das estações arqueológicas dos arredores de Lisboa para o estudo do Paleolítico.

Uma nova referência à jazida do Casal do Monte é publicada em 1915, no Boletim da Segunda Classe escrito por Leite de Vasconcelos. Este Boletim tinha como objectivo, dar

---

<sup>5</sup> Na opinião de Joaquim Fontes o nome dado aos raspadores, deve-se ao facto de serem utilizados para raspar, nomeadamente peles entre outras coisas.

<sup>6</sup> Segundo o mesmo autor os cortadores seriam utilizados, para cortar.

<sup>7</sup> Por último os furadores para furar.



uma aula pelo já referido autor, á segunda classe, aula onde o paleolítico é tema dominante, e o Casal do Monte, jazida de referência.

Nessa aula, de acordo com os dados disponíveis, Leite de Vasconcelos refere que são poucos os elementos, bem como os materiais, que então se conheciam do Paleolítico no nosso país. No entanto, para mostrar aos alunos materiais desse período, José Leite de Vasconcelos socorre-se de Joaquim Fontes e da colecção de artefactos por ele reunida na estação paleolítica do Casal do Monte. Dessa colecção particular Joaquim Fontes disponibilizou 16 objectos de quartzito e sílex, incluindo um núcleo, quatro pontas, um furador, duas raspadeiras, três raspadores de bordo arqueado, dois *coups-de -poing* e o esboço de um outro, bem como uma lâmina, algo duvidosa, assim como um outro objeto classificado como um duvidoso raspador côncavo (Vasconcelos, 1915, p. 390).

José Leite de Vasconcelos regista então que Joaquim Fontes pretenderia publicar uma monografia sobre o Casal do Monte a partir dos estudos que tinha vindo a publicar em torno da jazida. Sendo ainda de anotar que alguns dos exemplares que José Leite de Vasconcelos então mostrou aos seus alunos foram oferecidos pelo seu descobridor à Academia das Ciências (Vasconcelos, 1914, p. 391).

Quanto à matéria-prima dos instrumentos da estação, José Leite de Vasconcelos refere que são usadas rochas de sílex e quartzito, desagregadas dos conglomerados oligocénicos que se depositaram por cima do basalto da região. O facto de os materiais arqueológicos se encontrarem dispersos pela superfície, sem qualquer contexto estratigráfico preciso, leva-o a considerar difícil classificá-los cronologicamente (pelo menos de um ponto de vista da cronologia relativa). Considera por isso que só seria possível ultrapassar tal dificuldade através da sua comparação com outros instrumentos que apareçam em estratigrafia em condições semelhantes (Vasconcelos, 1915, p. 392).

José Leite de Vasconcelos não se alonga assim muito quanto à cronologia exata dos materiais. Tomando em conta os espólios das estações típicas conhecidas em França da época Paleolítica, Leite de Vasconcelos regista como Joaquim Fontes considerou nos seus trabalhos que os objetos do Casal do Monte se assemelhavam a materiais similares provenientes de Chelles, Saint-Acheul e Le Moustier. Defende, porém, que não há dúvida

que existem também dissemelhanças entre os materiais do Casal do Monte e os das jazidas de referência francesas, pelo que em sua opinião se deveria fazer apenas referência aos “objectos Paleolíticos do Casal do Monte até que apareça alguma estação estratificada em que existam objetos iguais, que permitam classificá-los melhor” (Vasconcelos, 1915, p. 392).

O “mestre”, como carinhosamente Joaquim Fontes tratava Leite de Vasconcelos, sublinha assim as dificuldades de caracterização e classificação destes materiais, o que resulta não só da ausência de contexto estratigráfico, mas também da circunstância de os materiais se encontrarem muito rolados pelas águas das chuvas ou adulterados pelas enxadas dos trabalhadores. O que num hipotético instrumento se afigurariam como retoques propositados, poderia resultar do embate casual em pedras do chão.

Um critério que, para José Leite de Vasconcelos, poderia ajudar a resolver estas dificuldades consistiria em observar as arestas que se supunham retocadas, comparando-as com outras intactas, tentando vislumbrar nas primeiras a eventual intervenção humana.

Sendo que em sua opinião a etnografia e a arqueologia comparativas constituiriam a melhor orientação para o estudo de casos semelhantes (Vasconcelos, 1915, p. 392).

Tal como Joaquim Fontes, também José Leite de Vasconcelos refere que “... os objetos do Casal do Monte são na sua maioria de pequena dimensão”. Aludindo, porém, que esse facto poderia ser explicado por a matéria-prima dos instrumentos não se extrair de pedreiras, aproveitando os artesãos os materiais que apareciam.

Pelo que os instrumentos teriam assim, frequentemente, o tamanho que a natureza deu às pedras suporte utilizadas. Referindo, tal como Joaquim Fontes, que em museus estrangeiros estariam representados objetos tão pequenos como os do Casal do Monte, como sucederia com a colecção particular de Sr. Victor Commont, em Amiens (com utensílios do tipo dos de Chelles), admitindo que por toda a parte poderia ter havido condições similares ou parecidas às registadas na estação do Casal do Monte, onde também se verificou a presença de alguns objectos de grandes dimensões.

Nesta estação abundavam, porém, objetos tipo “pontas”, admitindo Leite de Vasconcelos que teriam sido encabados, fixados nos respetivos cabos de madeira com resina, para serem utilizados como pontas de zagaia, tanto de caça como de guerra (Vasconcelos, 1915, p. 392).

Comparando a estação do Casal do Monte com outras estações dos arredores de Lisboa e, em particular, com as localizadas na área de Monsanto, o autor admite que entre elas há uma diferenciação baseada na dimensão dos respetivos utensílios, referindo que os artefactos do Casal do Monte são de menores dimensões. Embora o Casal do Monte não se distanciasse muito de Monsanto, reconhecia que os ocupantes da primeira jazida teriam acesso a matéria-prima de melhor qualidade, sugerindo ao mesmo tempo que esta teria sido ocupado em primeiro lugar. Referindo ainda, na ordenação cronológica dos achados conhecidos, que o testemunho de uma presença mais antiga do que a do Casal do Monte estaria representado pelo *coup-de-poing* da Furninha (Vasconcelos, 1915, p. 394).

A aula de Leite de Vasconcelos sobre o Paleolítico em Portugal, apoiada em materiais do Casal do Monte cedidos por Joaquim Fontes, permite assim conhecer a sua opinião sobre a jazida e os trabalhos nela conduzidos. Sendo claro o reconhecimento da sua importância, não deixa de considerar as limitações associadas ao facto de se tratar de uma jazida de superfície, limitações essas com impacto para a definição da sua cronologia, realidade que, em boa parte, também nunca tinha sido ignorada por Joaquim Fontes. Salientando, todavia, as dimensões reduzidas de muitas das peças do espólio nela exumado.

Anos mais tarde em 2018 Miguel Telles Antunes, João Luís Cardoso, e Luís Raposo, estudaram e inventariaram as peças anteriormente mencionadas, doadas à Academia das Ciências de Lisboa por Joaquim Fontes. Na referida colecção encontram-se representados os principais tipos de artefactos, de sílex e quartzito do Paleolítico Inferior e Médio (Antunes, Cardoso e Raposo, 2018, p. 105).

Outros conjuntos de matérias foram também enviados para o Museu Etnológico, Museu da Casa Pia de Lisboa, Ciências Naturais de Madrid, e Arqueológico de Teto. É nesse âmbito que se inclui o conjunto enviado à Academia das Ciências de Lisboa, cujo Museu

era dirigido por Leite de Vasconcelos, com quem Fontes manteve estreita relação (Antunes, Cardoso e Raposo, 2018, p. 112).

O conjunto representado é composto 16 peças representativas do sítio e das suas principais ocupações humanas: a do Paleolítico Inferior (Acheulense) e a do Paleolítico Médio (Musteriense). No que ao Acheulense diz respeito, existem dois “*coup-de-poing*” um em sílex, de secção triédrica, quase configurando um triedro, outro de quartzito, secção plana e contorno geral cordiforme (Antunes, Cardoso e Raposo, 2018, p. 114).

Também se encontram representadas nesta colecção: um raspador duplo, uma lasca levallois retocada, em sílex, um furador sobre lasca laminar, em sílex e núcleos (Antunes, Cardoso e Raposo, 2018, p. 116).

Considerando assim que o sítio do Casal do Monte distingue-se sobre os demais, pela quantidade admirável e pela diversidade tipológica e cronológica dos materiais líticos nele recolhido (Antunes, Cardoso e Raposo, 2018, p. 117).

Os autores concluem, que os materiais em estudo, nomeadamente os dois utensílios bifaciais (bifaces): um de sílex, triédrico, e outro de quartzito, plano, de contorno cordiforme. Possam ser agrupados a procedimentos tecnológicos mais arcaicos e o segundo a fases mais evoluídas do complexo acheulense (Antunes, Cardoso e Raposo, 2018, p. 121).

Por fim consideram que o sítio do Casal do Monte é o melhor exemplo de oficina de talhe a baixa altitude, e estrategicamente posicionada a curta distância e com boa visibilidade sobre as áreas residenciais e de captação de recursos (Antunes, Cardoso e Raposo, 2018, p. 122).

O artigo citado anteriormente remete para a actualidade do estudo do Casal do Monte, facto que demonstra a importância da estação. Que ao longo dos tempos vai sendo revisitada por diferentes investigadores. Acrescentado conhecimento a luz dos novos tempos.

A importância que então era dada à jazida levou à organização, em 1915, de uma visita ao local com Eugénio Jalhay e Félix Alves Pereira, dois arqueólogos que então desenvolviam diversos trabalhos no quadro da arqueologia portuguesa, nomeadamente no estudo de alguns dos seus vestígios atribuídos ao Paleolítico. A intenção, porém, foi gorada por uma das revoltas que então frequentemente abalavam a capital (Cardoso, 2005, p. 289).

Sensivelmente pela mesma altura, na sequência de uma referência feita por Juan Cabré à estação paleolítica do Casal do Monte, numa publicação deste autor espanhol sobre “*El arte rupestre en España*”, onde se interroga sobre a associação da indústria do Casal do Monte ao “chelleano” proposta por Joaquim Fontes, este decide publicar uma pequena nota sobre o tema (Fontes, 1916, p. 8), em que procura justificar a sua tese. Não deixando, posteriormente, de enviar este novo texto a Juan Cabré, acompanhado de algumas das suas outras publicações e manifestando a sua disponibilidade para o acompanhar numa desejável visita ao sítio ou apresentar algum do espólio em que baseou a sua investigação.

Fontes inicia a citada nota com a referência a M. Pierre Paris, que terá mencionado que foram descobertos objectos “chelenses” em Portugal, na estação do Casal do Monte, adquirindo assim este sítio arqueológico uma importância excecional. No entanto, Joaquim Fontes considera que este facto não corresponde à verdade, pois outras indústrias também foram consideradas “Chelense” em Portugal, tendo o primeiro artefacto assim classificado correspondido ao biface (*coup-de-poing*) descoberto por Nery Delgado na Gruta da Furninha, em Peniche (Fontes, 1916, p. 8).

Não deixando de em seguida lembrar algumas pontuais notas anteriores centradas sobre a aludida matéria: “A época chelense, que Cartailhac suspeitou que tinha existido entre nós (dizemos que suspeitava porque não era a aparência de dois instrumentos que poderiam ser suficientes para resolver este importante problema),” (Fontes, 1916, p.12).

Joaquim Fontes refere, porém, que os estudos sobre o Paleolítico tiveram desde então um avanço significativo e que os *coups-de-poing* estariam representados em abundância desde o “Chelense” até o começo do “Musteriano”. Mas como estes instrumentos eram oriundos de contextos superficiais a sua cronologia não poderia ser considerada segura, o que justificaria a forma como o problema da “Chelense” tinha sido colocado em Portugal. No entanto, em sua opinião, o Casal do Monte teria permitido ultrapassar o problema, porque apesar de os utensílios aí recolhidos à superfície se encontrarem misturados e por isso não ser possível distingui-los em função do seu contexto, eram em grande número e havia sido possível individualizá-los com base nas suas características tipológicas (Fontes, 1916, p. 11).

Na sua perspetiva, ao examinar os instrumentos seria possível identificar as diferenças que existem entre eles tanto quanto ao seu grau de perfeição, como em relação à amplitude da sua transformação por talhe (trabalho), possibilitando a definição de três grupos, com várias dezenas de *coups-de-poing* de sílex e de quartzito.

Mas o intuito da nota publicada reportava-se ao grupo considerado “chelense”, cujos *coups-de-poing* representados na estação do Casal do Monte constituiriam um conjunto de peças elaboradas a partir de seixos de quartzito e nódulos de sílex, onde se procurou destacar por talhe, por vezes amplo, uma extremidade (Fontes, 1916, p. 10). As suas arestas não se apresentavam retocadas ou, quando o retoque surgia, era extremamente grosseiro, pelo que apresentavam bordos sinuosos (em zigue-zague) e uma volumetria claramente condicionada pela morfologia do suporte utilizado. Tratava-se, pois, de instrumentos grosseiros, definidos por amplos levantamentos, o que se deveria, em grande parte, à má qualidade da pedra utilizada.

Esta rusticidade do talhe tornar-se-ia evidente quando se comparavam os *coups-de-poing* deste grupo com os de outros grupos em que o trabalho atingiu um grau mais elevado de perfeição, permitindo estabelecer com base em tais características a divisão destes artefactos no âmbito da estação do Casal do Monte.

Para Joaquim Fontes estes argumentos seriam razões suficientes para permitir determinar a existência do “Chelense” no Casal do Monte. Não havendo estratigrafia nestas estações, as diferenças na configuração destes utensílios por talhe constituiriam razão suficiente para a ocorrência de uma fase bastante grosseira de trabalhar os *coups-de-poing* que se poderia associar ao “chelense” (Fontes, 1916, p. 11).

Seguir-se-iam outras “épocas” de grande aperfeiçoamento, como então comumente se aludia, as quais conduziriam nalgumas regiões do Mundo a uma acentuada evolução do homem paleolítico, perspectiva evolucionista esta que parecia encontrar na realidade arqueológica do Casal do Monte uma boa fundamentação, tornando-a um local incontornável para o estudo do Paleolítico Inferior e Médio em Portugal (Fontes, 1916, p. 12).

Em 1916, Joaquim Fontes, terminada a sua Licenciatura em Medicina, optou pela carreira médica, em detrimento da possibilidade de continuar a proceder a investigações arqueológicas por conta do Museu Etnológico Português, com o patrocínio do respetivo Diretor, José Leite de Vasconcelos (Cardoso, 2012, p. 83). O que não impediu de prosseguir muitos dos trabalhos já iniciados e abraçar outros que se foram desenvolvendo, ainda que a um ritmo compatível com as suas obrigações profissionais.

Relativamente ao Casal do Monte, dessa situação nos dá testemunho uma carta que lhe é enviada no final de 1917 por Eduardo Pacheco, onde se alude ao projetado envio para o Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid de uma amostra de sílex dos arredores de Lisboa, entre as quais se encontrariam alguns exemplares oriundos do Casal do Monte (Cardoso, 2005, p. 216).

Em 1917, num artigo publicado sobre utensílios paleolíticos da Coleção dos Serviços Geológicos, Joaquim Fontes não deixa mais uma vez de fazer referência às peças do Casal do Monte aí representadas, reportando-se mais uma vez às características “chelenses” de algumas delas, bem como a outras consideradas musterienses, no intuito de justificar de novo a cronologia que atribuíra à sua estação de origem, para em seguida procurar estabelecer comparações com outros materiais provenientes de jazidas localizadas nos arredores de Lisboa.

Não deixando de aí fazer referência às matérias-primas representadas na estação do Casal do Monte, relacionando-as com o grande desenvolvimento de conglomerados do Oligoceno que se estendem à volta de Lisboa, de Palhavã até Loures, passando pelo chamado delta de Vialonga, terras a menos de um quilómetro a norte do Santo Antão do Tojal (Fontes, 1917, 14).

Em 1918 o abade Henri Breuil publica na *Revista Terra Nova*, revista ilustrada de arqueologia e etnologia, o texto “Impressions de voyage Paléolithique á Lisbonne” (Breuil, 1918, p. 34), onde regista algumas notas de trabalho e reflexões a propósito da sua visita a Portugal para estudar as colecções portuguesas que irá procurar integrar no seu livro “L’Age de la Pierre taillée”. Visita essa que lhe permitiu o contacto com diversas

coleções, tanto públicas (nos museus), como particulares, entre as quais figuraram as da estação paleolítica do Casal do Monte.

Inicia, aliás, essa publicação com uma referência à tipologia “chelense”, bem representada pelos *coups-de-poing* talhados com grandes lascas a partir de seixos rolados de quartzito procedentes das aluviões do Tejo e de níveis mais antigos, considerados terciários ou quaternários. Referindo o Casal do Monte como um local privilegiado, vizinho dos depósitos com sílex dos arredores de Lisboa, onde muitos dos *coups-de-poing* em sílex apresentam um talhe associável a uma fase tipicamente “chelense”, definidos por grades e irregulares levantamentos. Mas não deixa também aí de assinalar a presença na jazida de núcleos de forma poliédrica, com múltiplos indícios de pequenas macerações, admitindo que podem ter servido como percutores ou pedras de arremesso. Tudo isto a par de um apreciável número de pontas e raspadores convexos ou concavas associáveis ao Musteriense e ao Paleolítico Superior, embora sem que a pátina nem o talhe os permitam apartar dos *coups-de-poing* “chelenses” (Breuil, 1918, p. 34).

Henri Breuil não deixou de registar que alguns de *coups-de-poing* do Casal do Monte, menos espessos e com uma silhueta por vezes tendencialmente lanceolada, pareciam anunciar o Acheulense, com o Musteriense evidenciando bordos retocados, a par de lascas de debitage onde o talão facetado surgia bem representado. Por outro lado, como já havia observado na Estremadura espanhola, também aqui verifica que o retoque é geralmente medíocre ou mau (Breuil, 1918, p. 34).

Complementarmente, Henri Breuil reporta-se ainda à identificação de um pequeno conjunto de objetos líticos talhados que lhe parecem atribuíveis ao Paleolítico Superior (Breuil, 1918, p. 35).

A caracterização que Henri Breuil faz da coleção de Joaquim Fontes a que teve acesso, tem como base uma amostragem bastante representativa da variedade tipológica e cronológica da estação paleolítica do Casal do Monte, permitindo a definição de algumas reflexões que não se afastam substancialmente das realizadas por Joaquim Fontes, cuja experiência e conhecimentos na matéria estariam longe de, naturalmente, se poderem paralelizar com a de Henri Breuil.



Em 1922 Félix Alves Pereira, antigo conservador do Museu Etnológico Português, publica um artigo intitulado “Catálogo do Museu Etnológico” na revista *O Arqueólogo Português*, (Pereira, 1922, p. 251), o qual é bastante elucidativo quanto às catalogações dos materiais arqueológicos que à época eram aí feitas. Testemunhando também o bom conhecimento que o autor possuía dessas mesmas coleções, nomeadamente no que às peças provenientes do Casal do Monte dizia respeito (Saavedra Machado, 1965, p. 8), peças essas que nalguns casos se perderam, entretanto, o paradeiro.

No que se refere ao Paleolítico não foi feita a classificação tipológica das peças catalogadas, tendo o autor optado por uma descrição sumária das suas características (Pereira, 1922, p. 251). Assim, procedeu a uma identificação de todas as peças de acordo com a sua matéria-prima, a amplitude e natureza do talhe, a sua forma ou contorno geral, as suas dimensões, proveniência e, por fim, a pátina (Pereira, 1922 p. 252). O que ainda hoje constitui uma fonte de informação não descartável.

Neste artigo Félix Alves Pereira, refere como foi feita no Museu a classificação tipológica das peças arquivadas. Embora umas não ofereçam dúvidas quanto à sua classificação, há outras que são suscetíveis de múltiplas opções ou poderiam vir a sê-lo. Por isso entendeu mais prudente proceder à sua classificação tal como se apresentam estes materiais, de maneira mais descritiva (Pereira, 1922, p. 251).

Em 1923, Joaquim Fontes publica “O Homem fóssil em Portugal” (Fontes, 1923, p. 1) que é considerada a sua obra mais completa, onde vai coligir muitos dos ensinamentos que procurou recolher junto de arqueólogos portugueses e estrangeiros com quem, entretanto contactou, bem como nela incluir boa parte dos resultados da sua investigação. É uma das primeiras obras de síntese dos estudos efetuados em Portugal no que respeita ao Paleolítico, no qual se inclui um importante contributo de Paul Choffat referente à caracterização e interpretação geológica do sítio do Casal do Monte.

De acordo com essa obra, os ocupantes do Casal do Monte, bem como de outras zonas dos arredores de Lisboa, estabeleciam-se nas encostas ou mesmo nos vales, junto de linhas de água onde abundasse a matéria-prima para fabricarem os seus utensílios (Fontes, 1923, p. 23).

Ilustrando-a com alguns dos instrumentos mais característicos da estação do Casal do Monte, boa parte dos quais oriundos da coleção que se encontra depositada no Museu Geológico, o autor procura aí explicar como se fabricavam os bifaces: “O homem queria um instrumento pontiagudo: com pancadas rudes e amplas, aguçava numa pedra, precisava de um bordo cortante. O *coup-de-poing* foi um dos amparos da humanidade, serviriam para furar, raspar, cortar, percutir e até para a defesa destas populações” (Fontes, 1923, p. 29). Para estes instrumentos Joaquim Fontes considera existirem aquilo que designa por dois “estágios”: “O *coup-de-poing* é o princípio dos instrumentos grosseiros, mas depois o Homem aperfeiçoa-o, e aqui há já dois estágios de civilização”. (Fontes, 1923, p. 28).

O primeiro, que o autor considera o mais antigo, é o que os arqueólogos designam por “chelense”, e o segundo de acheulense. Reconhece que em ambos os “estágios”, a par dos utensílios em que a ponta e o bordo foram igualmente cuidados, outros havia em que o artesão se preocupou mais com o destacar por talhe da ponta (*coup-de-poing* pontiagudos) ou a definição de um bordo (*coup-de-poing* circular). Posteriormente, em sua opinião, “o homem desdobrou, por assim dizer, o *coup-de-poing* e fez instrumentos pontiagudos como é disso exemplo as pontas, mais aguçados menos espessos e, por tanto, mais adequados ao seu fim, e outros cortantes, com um bordo bem trabalhado, com retoques, materializando-se nos muito perfeitos raspadores. A esta nova fase dá-se o nome de musteriense” (Fontes, 1923, p. 29).

Para Joaquim Fontes os utensílios paleolíticos encontrados nas estações portuguesas demonstram várias fases das indústrias (Fontes, 1923, p. 30), “sendo o *coup-de-poing* o instrumento típico do Paleolítico Inferior que aí aparece com uma maior frequência”. O qual é, em regra, feito a partir de um calhau rolado de sílex ou de quartzite, talhado numa das extremidades de modo a definir uma ponta bastante aguçada, com a base e, às vezes, um dos lados sem qualquer transformação por talhe. As suas formas são diversas, predominando a pontiaguda (estações dos arredores de Lisboa), mas há também *coup-de-poing* triangulares, nomeadamente no Casal do Monte, e outros em que o bordo mereceu mais atenção, tornando-se o artefacto elíptico, como é também o caso de alguns instrumentos do Casal do Monte, que chegam mesmo à forma circular, que abunda nas

estações paleolíticas portuguesas, nomeadamente nos arredores de Lisboa (Fontes, 1923, p, 31).

O autor frisa ainda a notável semelhança entre os *coup-de-poing* dos arredores de Lisboa e do Porto com os achados em Espanha. Nas estações da Estremadura estes utensílios tinham o mesmo talhe grosseiro, predominando a forma pontiaguda e os bordos não apresentavam igualmente retoques. Considerando que um tipo de *coup-de-poing* muito vulgar nas estações dos arredores de Lisboa, é caracterizado pelas suas reduzidas dimensões e sendo ainda talhado nas suas duas faces, surge já mais trabalhado numa delas, o que marcaria a transição entre este tipo de utensílio, e a ponta musteriense, reconhecendo que os materiais associados a esta última indústria, que no seu texto ainda é sinónimo de “era” cronológica e cultural, são muito abundantes em Portugal (Fontes, 1923, p, 32).

Sobre a localização do Casal do Monte, o autor não deixa de sublinhar que a jazida: “está situada num cabeço isolado, não é fácil escalar o morro pela encosta sobranceira de Frielas, e só pelo lado de Caneças a toalha do basalto, que parcialmente a forma, se continua sem interrupções importantes para os lados de Montemor. Mesmo no alto, a água corre em abundância e não longe do cume do outeiro há algumas nascentes. No meio de uma região muito produtiva, existia material muito abundante para a feitura dos utensílios a época” (Fontes, 1923, p, 36).

Paul Choffat, com quem Joaquim Fontes manteve como já aludimos uma longa relação de amizade, vai assinar uma pequena nota de caracterização da geologia (Fig.29) do Casal do Monte, inserida na obra sobre “O Homem fóssil em Portugal” (Fontes, 1923, p, 37), acompanhada de um pequeno esboço estratigráfico da zona em que a jazida se integra: “A erosão recortou, no flanco sudoeste da montanha de Montemor, a colina. Sobre basaltos, os conglomerados paleogénicos depositaram-se, mais ou menos na horizontalmente e, só mais tarde, se deu a inclinação que há altura se observa para Leste. A erosão foi incessantemente destruída, a camada dos conglomerados, de que não resta hoje senão um pequeno retalho de diminutas dimensões (dois hectares) sobre o ponto culminante do cabeço e uma cintura na parte Oriental, cortada pelas aluviões da ribeira de Frielas. Estes conglomerados estendem-se para o Norte, até Alverca, e para o Sul chegam a Benfica, onde voltam para Leste, em direcção a Lisboa” (Fontes, 1923, p, 36).

Mesmo se estas condições de degradação climática não foram tão acentuadas em Portugal, como o próprio Joaquim Fontes realça, o certo é que o frio acabou por, em sua opinião, afugentar “o Homem das estações ao ar livre e, ainda que no Casal do Monte, Monsanto e outras estações, se tenham encontrado instrumentos do paleolítico superior, estes são já em número diminuto” (Fontes, 1923, p. 60).

Para além das considerações que inclui sobre a estação paleolítica do Casal do Monte, permitindo nelas registar uma reflexão mais madura sobre as suas interpretações originais em torno da jazida e do espólio lá recolhido, com a obra “O Homem Fóssil em Portugal” Joaquim Fontes apresenta a visão de síntese à altura possível sobre o Paleolítico em Portugal, visão essa temperada pelo muito que aprendeu nos contactos que realizou em França, quando aí procurou divulgar o resultado das suas investigações, tendo nesse contexto adquirido uma prática e conhecimentos que o destacavam entre os arqueólogos nacionais que à época davam passos também na mesma área de investigação.

Quase uma década depois, em 1932, Joaquim Fontes publica um novo artigo de síntese do Paleolítico em Portugal, que intitula “A questão do Homem fóssil em Portugal” (Fontes, 1932, p. 11), onde transparece uma reflexão naturalmente ainda mais madura do que a apresentada anteriormente.

Não modificando, contudo, a sua interpretação original do Casal do Monte, bem como a conceção que tinha apresentado para a evolução local dos *coups-de-poing*, admite uma possível cronologia “musteriense de tradição acheulense” para a indústria do Casal do Monte, procurando ao mesmo tempo comparar os achados conhecidos em Portugal com as realidades arqueológicas que, entretanto, haviam sido reconhecidas em Espanha, França e Inglaterra. Reconhecendo, ao mesmo tempo e de novo, a necessidade de encontrar jazidas com uma adequada estratigrafia para procurar resolver muitos dos problemas que o estudo do homem fóssil apresentava em termos arqueológicos entre nós (Fontes, 1932, p. 11).

Para concluir, Joaquim Fontes recolheu um conjunto de materiais, entre os quais se incluíam diversos artefactos por ele designados por *coups-de-poings*, nome pelo qual eram designados os bifaces, tendo discutido a interpretação destes materiais e divulgado no

estrangeiro a sua existência, discutindo a sua atribuição ao que na altura se chamava “chelense” e musteriense (Fontes, 1932, p. 15).

Isto é, admitia a possibilidade de alguns dos materiais por ele recolhidos puderem ser relacionados com o Paleolítico Inferior, no qual se incluía o então chamado chelense – indústria que mais tarde veio a ser absorvida pelas indústrias de bifaces acheulenses – enquanto outros, constituídos por pontas e outros tipos de artefactos a que ele se refere circunstanciadamente na sua obra “O Homem Fóssil em Portugal”, (Fontes, 1923, p. 11), são tidos como pertencentes ao Musteriense, isto é, ao Paleolítico Médio. Considerando, conseqüentemente, a existência na estação paleolítica do Casal do Monte de duas distintas cronologias, facto que sempre defendeu com todo o rigor possível para a altura, a partir da análise dos materiais aí exumados à superfície. Não sem no fim não descartar a possibilidade de aí entrever a existência de um “musteriense de tradição acheulense” (Fontes, 1932, p. 20).

## **5.2 A contribuição de George Zbyszewski e Henri Breuil para o estudo da jazida do Casal do Monte**

Quando em 1941 Henri Breuil se fixou em Portugal, na sequência da ocupação da França durante a Segunda Guerra Mundial, abriu-se uma fase particularmente dinâmica para os estudos paleolíticos entre nós. A presença do geólogo e quaternarista Georges Zbyszewski, permitiu criar então uma dupla de investigadores cujos trabalhos viriam a servir de referência para tais pesquisas nas décadas seguintes. Processo esse que, naturalmente, não passou ao lado da própria estação paleolítica do Casal do Monte.

Realizaram-se então prospeções sistemáticas um pouco por todo o país, embora tenha sido dada particular atenção à realidade arqueológica e geológica observável nas praias elevadas das zonas litorais, com particular relevo para as zonas costeiras da Estremadura, da Península de Setúbal e do Alentejo (Cardoso, 2002, p.19).

Para o interior mereceram particular interesse os terraços fluviais do vale do rio Tejo e as jazidas já anteriormente conhecidas nos arredores de Lisboa. Em qualquer dos casos, procurando sempre que possível correlacionar os dados arqueológicos com o seu contexto geológico. E quando tal não foi possível de realizar diretamente, adotou-se uma metodologia baseada na seriação das peças líticas talhadas em função do seu estado físico e pátina que permitia, de acordo com os referidos autores, deduzir a sua idade relativa e estabelecer potenciais correlações com os depósitos quaternários a que eram associadas. Sendo a cronologia destes últimos estabelecida com base na sua altitude, em função da subida e descida cíclica do nível das águas do mar durante o Quaternário (Cardoso, 2002, p.20).

Para o desenvolvimento desta situação muito contribuiu o apoio que ambos os investigadores encontraram em Portugal, tanto nos Serviços Geológicos, como no próprio Museu Nacional de Arqueologia, à frente do qual já há muito se encontrava Manuel Heleno, em cuja direção tinha sucedido a José Leite de Vasconcelos (Cardoso, 2002, p.20).

Nos Serviços Geológicos de Portugal encontraram o suporte indispensável para o desenvolvimento das suas pesquisas, como em relação ao estudo do Casal do Monte puderam dispor da importante coleção de materiais recolhidos por Joaquim Fontes, por ele doados à instituição. Atenção essa que vai ser alargada ao Museu Nacional de Arqueologia, onde permanecia uma importante coleção com a mesma origem. Ambas as colecções foram então estudadas de acordo com os critérios então adotados para tais investigações, tendo ainda esse mesmo estudo sido enriquecido pelas peças que os dois investigadores tiveram ainda a possibilidade de recolher no local na companhia do próprio Joaquim Fontes (Cardoso, 2002, p.21).

Os resultados destas investigações vão ter uma primeira publicação, em 1943, num extenso artigo/livro publicado por George Zbyszewski com o título “La Classification du Paléolithique Ancien et la Chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942” (Zbyszewski, 1943, p. 5), no qual o autor procura apresentar um sumário resultado dos trabalhos que realizou em colaboração com H. Breuil, guardando para uma segunda fase a publicação conjunta, mais extensa e pormenorizada, dos mesmos.

Nesta obra o autor considera a zona basáltica de Lisboa como uma região bastante apreciável pelas comunidades paleolíticas, apontando como um dos fatores da sua atratividade a abundância de matéria-prima que estaria presente sobre a forma de nódulos de sílex e seixos de quartzo e quartzito que provinham dos antigos lençóis de cascalho pleistocénicos e quaternários, o que justificaria a existência de tanto material disperso por toda a zona (Zbyszewski, 1943, p. 11).

As peças do Casal do Monte cujo estudo é aí apresentado são as que foram doadas por Joaquim Fontes ao Museu dos Serviços Geológicos e as recolhas que ele próprio e Henri Breuil fizeram aquando das suas visitas à jazida acompanhados por Joaquim Fontes, no local original da sua descoberta. Deste acervo faziam parte todo o tipo de peças - bifaces, núcleos, raspadores, raspadeiras – cujo estado físico apresentava alterações de natureza térmica e química que permitiram uma primeira aplicação do chamado “método das séries”, que tem como base as pátinas das peças e o seu estado físico, permitindo a sua seriação e a criação de vários conjuntos distintos, designados por séries (Zbyszewski, 1943, p. 11).

O autor divide, em colaboração com H. Breuil, a colecção estudada em seis séries, agrupadas em três fases, que vão desde o Paleolítico Inferior ao Paleolítico Superior. A primeira fase coincide com a série I, associada ao chamado “Clactono-Abbevillense”, que corresponde à presença de indústrias sem bifaces no Paleolítico Inferior, tida com, a mais antiga em função da coloração e rolamento dos seus materiais. O que a distingue da fase seguinte, que abrange três distintas séries (II, III e IV), todas elas associadas também ao Paleolítico Inferior, mas com indústrias de bifaces tidas como acheulenses, dividindo-as em função das suas pátinas, estado físicos e características técnicas e tipológicas em indústrias “Clactono-Acheulenses”, “Tayaco-Acheulenses” e “Acheulo-Musterienses”, correspondendo esta última já a um momento de transição entre o Paleolítico Inferior e Médio. Já a última fase agrupa os materiais associáveis ao Musteriense (Série V) e ao Paleolítico Superior (Série VI) (Zbyszewski, 1943, p. 37).

Esta descrição do Casal do Monte corresponde a uma clara primeira aplicação do que ficou conhecido por “métodos das séries” às indústrias líticas dos arredores de Lisboa, em geral associadas ao Complexo Basáltico da região, integrando séries que se procuram associar a processos de transição (“Acheulo-Musterienses”) ou a particularismos em que se identificam a coexistência de diferentes realidades técnico-culturais (“Tayaco-Acheulenses”) (Zbyszewski, 1943, p. 38).

São evidentes as peculiaridades deste esboço que viria a ser o “método as séries”, onde se nota a existência de secções dentro de algumas destas séries que têm a ver com transições ou peculiaridades de cada fase. Como é disso exemplo a Série III que tem uma fase A e uma fase B, à III a corresponde ao “Tayaco” - Acheulense I e o “Tayaco” - Acheulense II. No caso em apreço, a seriação das peças baseia-se muito significativamente na sua diferente coloração em combinação com um distinto boleamento das suas arestas de talhe (Zbyszewski, 1943, p. 39).



Pode-se, pois, considerar que a estação paleolítica do Casal do Monte foi escolhida por G. Zbyszewski como sendo a mais representativa do Complexo Basáltico de Lisboa, tanto pelo avolumado número de peças a ela associado, com cronologias que passam pelos três períodos do Paleolítico, mas também por as referidas peças apresentarem efeitos térmicos, mecânicos e químicos que tendo ocorrido ao longo do Quaternário, permitiriam a sua associação a distintas séries, cada uma das quais correspondendo a um distinto momento de ocupação do local (Zbyszewski, 1943, p. 40).

Num estudo mais amplo das investigações desenvolvidas por G. Zbyszewski e H. Breuil, publicado em dois Tomos das Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, em 1942 e em 1945, o Casal do Monte surge logo em destaque no primeiro tomo, aí abrangendo todo um extenso capítulo, integrado na “*Contribution à l’étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l’ancien estuaire du Tage*” (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 6).

Começando por analisar as condições geológicas das jazidas (Fig.4) associadas ao manto basáltico de Lisboa, num primeiro e breve capítulo, os autores passam em seguida a apresentar o estudo dos materiais recolhidos na superfície do Casal do Monte, nele agrupando a coleção que Joaquim Fontes doou ao Museu dos Serviços Geológicos e as recolhas realizadas pelos autores no local onde originalmente a jazida havia sido reconhecida, tendo-lhes sido ainda possível observar a colecção conservada no Museu Nacional de Arqueologia (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 7).

A descrição e estudo das peças segue de novo o “método das séries”, anteriormente aplicado por H. Breuil no estudo do vale do rio Somme, no noroeste de França, apresentando, contudo, alguns desenvolvimentos em relação à primeira proposta apresentada por G. Zbyszewski na publicação a que atrás se fez referência. Basicamente aumentou-se agora o número das séries inicialmente individualizadas, acrescentando duas novas séries, posteriores ao Paleolítico Superior (Série VI), individualizadas como a Série VII e Série VIII, correspondentes, respetivamente, ao Mesolítico e ao que os autores designam como “Neo-Eneolítico”, o que permitiu considerar que o sítio tinha sido ocupado pelo homem muito para além do que inicialmente se tinha pensado. Por outro lado, a Série

III inicial, associada ao “Tayaco-Acheulense”, foi dividida em Série IIIa e IIIb (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 33-34).

À descrição das peças associadas a cada uma das séries consideradas regista ainda a presença de um numeroso conjunto de peças que apresentam características intermédias entre elas ou mesmo duplas pátinas, num conjunto de situações que a dimensão das estudadas permitiria agora registar (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 35).

A existência de bifaces é admitida por Breuil e Zbyszewski da série I à série IV, o que corresponde à sua prevalência desde o início do Paleolítico Inferior até ao início do Paleolítico Médio, assumindo-se assim a presença de bifaces ao longo de todo o Paleolítico Inferior e na transição para o Paleolítico Médio. Sem bifaces são as séries que se seguem, que vão desde o Musteriense, ao pós-paleolítico (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 33-34).

No essencial pode-se dizer que os trabalhos efetuados em torno da jazida do Casal do Monte, que dizem respeito, num primeiro, momento, à descoberta e primeiros estudos realizados por Joaquim Fontes e, posteriormente, incluem as investigações conduzidas no início dos anos quarenta do século passado por H. Breuil e G. Zbyszewski em torno das suas coleções, permitiram concluir que os materiais do Casal do Monte têm uma ampla cronologia. Mas estes autores admitem ainda de forma clara que a presença de bifaces se estendeu aí desde o Paleolítico Inferior ao início do Paleolítico Médio, facto que só o método das séries tornou possível e veio destacar a importâncias de tais artefactos no quadro do Paleolítico em Portugal (Breuil e Zbyszewski, 1942, p. 32).

O referido “método das séries”, reconheça-se, nem sempre reuniu um consenso entre os investigadores da época. Manuel Heleno, Director do Museu Nacional de Arqueologia, numa nota biográfica sobre Henri Breuil que em 1956 publicou no *Arqueólogo Português*, não deixou, contudo, de considerar: “Pode-se argumentar que o seu critério de classificação, baseado nas pátinas e no desgaste, nem sempre oferece segurança. Mas não se pode negar que a grande soma de observações e materiais colhidos convergentes e concordantes, dão ao edifício uma estrutura segura e racional e um amplo horizonte” (Heleno, 1956, p. 246).

E mesmo se a persistência deste método de análise dos materiais líticos talhados de cronologia paleolítica se prolongou entre nós muito para além do expectável, nem por isso as críticas aos seus pressupostos, mas mais do que isso, as limitações que a sua aplicação exigia, deixaram de ser de novo reconhecidas num estudo algumas décadas posterior que se veio a publicar sobre o Complexo Basáltico de Lisboa, onde ainda entre os seus autores se registava a presença de G. Zbyszewski:

- “Quando não se dispõem de artefactos tipologicamente característicos, por forma ao correcto enquadramento tecnológico-cultural, bem como à respectiva sucessão no tempo das diversas séries em que se integram” (Cardoso, Zbyszewski, Conceição, 1992, p. 32).
- “Quando não se dispõem de peças em número suficiente, por hipótese inferior a 100, não confere representatividade à constituição de séries com base na pátina. Os casos particulares, que assumiriam demasiada influência, dissolvem-se, quando integrados em grandes números. Por exemplo, quando fragmentos do mesmo objecto, acidentalmente transportados para locais diferentes, adquirem pátinas diferentes; ou quando as mesmas peças, tendo ficado muito tempo expostas a acções naturais distintas, adquiriram pátinas diferentes, consoante as zonas expostas” (Cardoso, Zbyszewski, Conceição, 1992, p. 32).

### 5.3 Novas contribuições e sínteses em torno de velhas investigações

O sítio do Casal do Monte, pela importância que ganhou como estação paleolítica de referência na área de Lisboa, foi desde então recorrentemente referido em muita da bibliografia local, regional e nacional que sobre o Paleolítico e a Pré-história se foi publicando. Por vezes incorporando novas recolhas de materiais, não deixando de reconhecer a sua proveniência da superfície, mas quase sempre relevando a presença de bifaces, muitos deles em sílex, associando-os às indústrias acheulenses do Paleolítico Inferior e à presença de indústrias musterienses de tradição acheulense.

Logo em 1952 é dado um grande passo no estudo da geomorfologia do Complexo Basáltico de Lisboa onde se encontra inserida a estação do Casal do Monte. A. De Jesus e G. Zbyszewski publicam uma obra nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, intitulada “Contribution á l’étude du Complexe basaltique de Lisbonne”, (Jesus e Zbyszewski, 1952, p. 10), que ainda hoje serve de referência para quem se aventura nesta região.

Curiosamente, a presença do Casal do Monte é, porém, omissa numa síntese sobre o Quaternário em Portugal publicada por G. Zbyszewski no final dos anos 50, facto aparentemente justificado pela ausência de enquadramento geológico que a jazida oferecia (Zbyszewski, 1958, p. 5).

Contudo, quando um ano depois da morte de Joaquim Fontes, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que foi Presidente, dedica em sua memória um volume da revista *Arqueologia e História*, Octávio da Veiga Ferreira não deixa de aí mencionar o Casal do Monte como a melhor estação do Paleolítico português, referindo a sua internacionalização, fazendo também referência à paixão que Joaquim Fontes tinha pela arqueologia, bem como a atenção que deu a jovens interessados na arqueologia, tal como José Leite de Vasconcelos havia feito com ele (Ferreira, 1961, p. 171).

Em 1970 posteriormente ao falecimento de Afonso do Paço, é publicado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses uma compilação dos seus trabalhos (Paço, 1970, p. 122), onde é mencionada num dos artigos o Casal do Monte como à época a estação mais citada e bem estudada do território português. Procurando de seguida apresentar um resumo das diversas

cronologias dadas por vários autores aos materiais líticos recolhidos na estação: “Joaquim Fontes classifica como chelense, acheulense e musteriense, dizendo ser possível haver mesmo algum Paleolítico Superior.” (Paço, 1970, p. 122).

O professor Obermaier, concordando com Joaquim Fontes, diz existir no Casal do Monte “...chelense típico e alguns materiais do acheulense e musteriense.” (Paço, 1970, p. 123) O abade Henri Breuil admite a existência de Paleolítico Superior nesta estação, tendo classificado de aurinhacense um tipo de raspadeira carenada. Algumas das pontas desta estação, refere Joaquim Fontes, que “... poderão marcar a transição do musteriense para o solutrense. Muitos *coups-de-poing* do Casal do Monte não são trabalhados na face inferior” (Paço, 1970, p. 133).

Vítor Oliveira Jorge, que realiza várias visitas ao Casal do Monte no âmbito da preparação da sua dissertação de Licenciatura, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1972 com o título “Paleolítico Inferior e Médio do Sul de Portugal” (Oliveira Jorge, 1972), doou as peças que aí recolheu ao Museu Nacional de Arqueologia.

A presença desta jazida é, mais tarde, assinalada também na obra de H. N. Savory sobre a Pré-história de Espanha e Portugal, publicada originalmente em Inglaterra nos finais dos anos 70, onde surge a par de outras jazidas portuguesas do Paleolítico Inferior cuja existência é aí destacada (Savory, 1974).

Numa pequena síntese sobre o Paleolítico em Portugal, publicada em 1974 por G. Zbyszewski num volume dos *Dossiers de l'Archéologie* dedicado a Portugal, intitulado “L'âge de la pierre taillée au Portugal”, (Zbyszewski, 1974), este autor também aí destaca mais uma vez a importância da estação paleolítica do Casal do Monte, assinalando a presença de indústrias com bifaces do Paleolítico Inferior, que associa a uma fácies dos arredores de Lisboa.

A presença do Musteriense no local é também registada, com a indicação da sua associação a *coups-de-poing* de tradição acheulense “uni e bifaciais” (Zbyszewski, 1974).

O mesmo sucede na “Pré-história de Portugal”, da autoria de M. Farinha dos Santos, onde o Casal do Monte é de novo destacado como uma das mais emblemáticas jazidas dos

arredores de Lisboa, sendo genericamente associada às indústrias acheulenses e às indústrias musterienses (Farinha dos Santos, 1985, p.1).

Numa reedição desta mesma obra, já nos anos 80, o autor repete em grande medida a descrição dos vários momentos da ocupação do Casal do Monte, referindo que “No que toca ao Acheulense, com percutores em materiais de menor dureza, o que permitiu o aperfeiçoamento das peças usadas no período anterior, em especial os bifaces que se mostram diversificados, segundo o contorno, em triângulos, cordiformes, lanceolados e pontiagudos. Estas indústrias paleolíticas distribuem-se no nosso território pelas antigas praias do litoral e pelos terraços fluviais do interior, com maior densidade na periferia de Lisboa” (Farinha dos Santos, 1985, p. 11).

Não deixando de destacar que “As séries completas das sucessivas indústrias na região de Lisboa encontram-se no Casal do Monte, que é a estação mais representativa com materiais acheulense e tayacence, esta jazida tem apenas materiais de superfície” (Farinha dos Santos, 1985, p. 12).

Quanto ao musteriense, considera que ele “... revelou-se com tradição acheulense de influência tayacence nos arredores de Lisboa, em especial nos terraços de Santo Antão do Tojal e do Casal do Monte” (Farinha dos Santos, 1985, p. 14).

Igual referência se havia registado na obra sobre “Portugal Pré-histórico. Seu enquadramento no mediterrâneo”, publicada por Octávio da Veiga Ferreira e Manuel Leitão em 1981 (Ferreira e Leitão, 1981), onde a estação paleolítica do Casal do Monte é associada às indústrias de bifaces consideradas “Abevilenses” dos arredores de Lisboa (“...à entrada de Loures”), sendo depois referida, no contexto da apresentação das indústrias musterienses do Paleolítico Médio, como possuindo “coups-de-poing de tradição acheulense, associados a discos musterienses e numerosos instrumentos sobre lasca tayacenses e musterienses” (Ferreira e Leitão, 1981, p.70).

Numa síntese à época possível destas diferentes contribuições, Luís Raposo menciona em 1988 que a propósito da estação paleolítica do Casal do Monte, “George Zbyszewski refere sucessivos fácies dos arredores de Lisboa, com *coups-de-poing* e pequenos instrumentos sobre lasca, sendo a estação “tipo” desta indústria o Casal do Monte, que na altura em que

George Zbyszewski esteve no sítio já se encontraria em adiantada fase de destruição pela urbanização da zona, onde se encontraram numerosos bifaces de todos os tipos, mostrando uma evolução progressiva desde o acheulense antigo até a fase micoquense” (Raposo, 1988, p. 41).

Não deixando o referido autor ainda de sublinhar que o Casal do Monte “...tem um “rico” musterense, em sílex, quartzito ou quartzo, constituído por diversos *coups-de-poing* de tradição acheulense, em associação com poliédricos, discos musterenses, raspadores e pontas por vezes aburiladas e furadores” (Raposo, 1988, p. 45).

Já em 1992 é publicada na revista dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* um trabalho de síntese e revisão sobre “O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa” (Cardoso, Zbyszewski e Conceição, 1992, p. 14), onde se procede à apresentação de materiais oriundos de diversas jazidas dos arredores de Lisboa, com destaque especial para as localizadas nas áreas dos concelhos de Oeiras e Amadora. Nesse sentido é feito um enquadramento geológico e uma caracterização do complexo basáltico, das condições de jazida em geral aí encontradas, bem como do método usado para classificar os materiais aí exumados, destacando o estudo e a metodologia usada os trabalhos de referência de H. Breuil e G. Zbyszewski sobre o Casal do Monte, à qual é de novo aplicada, não sem algumas cautelas, já aqui anteriormente expressas, o “método das séries”.

Outras sínteses posteriores sobre o Paleolítico em Portugal não deixam de novo de fazer referência à importância do Casal do Monte, não deixando de por vezes questionar o “método das séries” usado no seu estudo (Cunha Ribeiro, 1990 e 1993; Raposo, 1993).

Em 1994, no âmbito de uma exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia cujo tema era “Lisboa subterrânea”, é realizada uma nova síntese sobre o Paleolítico na região de Lisboa da autoria de Luís Raposo e Júlio Carreira, denominada “Os primeiros habitantes da região de Lisboa”, baseados nos resultados de antigas investigações, mas procurando-os apresentar à luz das novas perspectivas (Raposo e Carreira, 1994). Segundo estes autores, já Jean Ollivier havia sublinhado a enorme quantidade de locais paleolíticos, naquilo que o mesmo designa como “Paleolítico da Amadora”, destacando a estreita relação entre as manchas de distribuição de achados paleolíticos e os terrenos cobertos pelos sucessivos

derrames magmáticos neocretácios, durante um intenso episódio de vulcanismo que deu origem àquilo que é conhecido por “Manto Basáltico de Lisboa” (Raposo e Carreira, 1994, p. 32).

Reportando-se à estação paleolítica do Casal do Monte, os autores procuram sintetizar os conhecimentos à cerca desta estação, referindo que “Henri Breuil e George Zbyszewski, mencionam os fatores que atraíram o homem paleolítico para a região de Lisboa: encontram-se aí um conjunto muito denso de acampamentos próximos uns dos outros. É preciso crer que o número muito elevado de estações tenha a ver com as condições oferecidas por esta região às comunidades paleolíticas. Tais como: a proximidade do rio e do mar que favorecia a pesca ou a apanha de moluscos, e a abundância de nascentes” (Raposo e Carreira, 1994, p. 33).

Em 1995, Luís Raposo, que muito escreveu ao longo do tempo sobre o Paleolítico e em especial sobre o Casal do Monte, redige uma nova síntese sobre a estação para a “História de Portugal, dos tempos pré-históricos aos nossos dias” (Raposo, 1995a, p. 23).

Reportando-se aí ao “método das séries” refere que “o tipo de divisão, muito utilizado em Portugal a partir dos importantes trabalhos de Henri Breuil e George Zbyszewski dos anos 40, baseava-se em instrumentos considerados como típicos de cada época (“fósseis-directores”) e incluía-se numa concepção mais ampla, onde se pretendia conjugar o sentido cultural (étnico mesmo) das indústrias de bifaces do Paleolítico Inferior com o seu significado funcional” (Raposo, 1995a, p. 34).

No mesmo ano publica um artigo sobre os “Ambientes, territórios y subsistência en el Paleolítico medio de Portugal”, na revista *Complutum*, onde o Casal do Monte é referido como sendo uma estação à escala local, caracterizado como uma área de talhe que daria apoio logístico às atividades de caça e recolção, desenvolvidas a partir de locais como a gruta das Salemas ou do Pego do Diabo (Raposo, 1995b, p. 73).

Mais recentemente, no ano de 2002, João Luís Cardoso publicou uma “Pré-história de Portugal”, (Cardoso, 2002, p. 70), editado pela Verbo, onde na sùmula que faz dos nossos conhecimentos sobre o Paleolítico não deixa naturalmente de mencionar o sítio do Casal do Monte.



Definindo geologicamente a região de Lisboa como uma zona ocupada pelas rochas e solos basálticos, que se desenvolvem pela área envolvente da capital, com manchas dispersas por Cascais e Sintra (Cardoso, 2002, p.77), sublinha que foram nesses terrenos que se descobriram materiais líticos que fariam antever uma presença humana continuada que se sobrepuseram ao longo de vários anos no mesmo espaço, provavelmente relacionados com diversos acampamentos temporários de caçadores-recolectores, dando origem, a complexos e indecifráveis palimpsestos, com materiais cuja tipologia evidência uma larga diacronia (Cardoso, 2002, p. 77).

Quanto à matéria-prima, realça também que o uso do sílex não pode deixar de ser relacionado com os afloramentos cretácicos próximos, substituídos mais para este pelo quartzo e quartzito que aí existe (Cardoso, 2002, p. 79), podendo a abundância de sílex ser uma das justificações para a abundância de materiais nesta zona (Cardoso, 2002, p. 80).

Esta mesma tese sobre as matérias primas, suas origens e a riqueza arqueológica das áreas em torno de Lisboa é retomada mais tarde numa nova publicação pelo mesmo autor (Cardoso, 2006, p. 26). Aí o Casal do Monte é apresentado como sendo um sítio do tipo residencial, fundamentando tal tese na enorme quantidade de vestígios aí recolhidos, favorecidos pela abundância de matérias-primas localmente disponíveis (Cardoso, 2006, p. 26).

No ano seguinte o mesmo autor publicou, com a chancela da Universidade Aberta, uma nova “Pré-história de Portugal” (Cardoso, 2007) onde a estação paleolítica do Casal do Monte é referida de forma bem mais circunstanciada, começando, aliás, por destacar a importância da sua descoberta para o reconhecimento das estações congêneres dos arredores de Lisboa. Posteriormente incentivadas na década de 40 pelos estudos que a presença de Henri Breuil em Portugal veio permitir, nomeadamente com a utilização do chamado “método das séries” para estudar as coleções aí exumadas. Destacando de novo a disponibilidade local de matérias-primas e as suas consequências, o autor parte das características técnico-tipológicas da utensilagem utilizada para defender que o momento alto da ocupação da região pelo homem paleolítico deve-se ter verificado no decurso do Musteriense, o que se poderia ter ficado a dever ao clima ameno que aí se fez sentir durante a última glaciação (Cardoso, 2007, p.90).

A dispersão das peças dever-se-ia na opinião do autor à gravidade e a movimentos em massa pós-deposicionais que podem ter sido mais ou menos difusos, determinando a dispersão das peças pelas encostas, enquanto no seu topo a erosão punha a descoberto os afloramentos basálticos e no fundo dos vales sedimentos finos cobririam outros mais antigos, com materiais paleolíticos (Cardoso, 2007, p.91).

## **5.4 Das vicissitudes de um sítio classificado à realização de novos trabalhos**

Numa tentativa de preservar o Casal do Monte, Georges Zbyszewski propôs, a 17 de outubro de 1969, na qualidade de vogal da Junta Nacional da Educação, a classificação da estação do Casal do Monte como “imóvel de interesse público”. Isto aconteceu depois de numa das muitas visitas ao local considerar que a estação estava a ser ameaçada pelas obras que decorriam para a construção de novos prédios, obras estas que seriam o início da construção da urbanização do Casal do Monte.

George Zbyszewski tencionava com esta proposta proteger o local pois, com a sua classificação como imóvel de interesse público, as obras teriam de parar.

A 22 de Novembro de 1971, o Casal do Monte é assim considerado pelo Decreto nº 516/71 de 22 de novembro publicado no Diário do Governo, como imóvel de interesse público, reconhecimento que se deve ao esforço de Georges Zbyszewski.

A 20 de Novembro de 1977, uma carta do presidente da Câmara Municipal de Loures dá conhecimento à antiga Direcção-Geral do Património Cultural, que a cidadã Maria da Teresa Silva Alves alerta para a iminente destruição do sítio arqueológico do Casal do Monte por uma urbanização licenciada para o local da sua implantação (processo S-275). No mesmo dia o Diário de Lisboa publica uma notícia relativa à destruição da estação (Fig. 30).

Em 1978, Bandeira Ferreira, na condição de funcionário da Junta de Educação Nacional, visita o Casal do Monte e considera a obra que está a ser realizada no sítio do Casal do Monte como prejudicial para a estação, solicitando um parecer de Georges Zbyszewski e propondo a elaboração dum mapa com uma faixa de vinte metros de largura máxima para a sua proteção (processo S-275).

Com base no parecer de Georges Zbyszewski, regista-se que “No decurso dos levantamentos que os Serviços Geológicos estão a realizar para a publicação da nova edição da folha de Loures, verificou-se que neste momento os limites dos terrenos da ICESA, empresa proprietária do referido bairro, já chegaram até ao contacto com a jazida

paleolítica. Considerando-se assim que parte significativa da jazida já foi destruída. Considerando, assim que a área protegida deve ver substancialmente reduzida” (processo S-275).

Esta informação permitiu que fosse dada autorização à continuação dos trabalhos para a construção da urbanização que se encontrava embargada em boa parte da área classificada. Na sua base estava assim a constatação de que parte da área onde se havia recolhido os materiais durante várias décadas já havia sido destruída.

Por outro lado, na saída de campo ao Casal do Monte em que se baseou a referida informação, o seu autor aí recolheu também materiais de várias épocas que doou a título definitivo ao Museu Nacional de Arqueologia, que à época, como se viu, já possuía uma boa coleção de peças desta estação arqueológica, doadas por diversas outras personalidades (processo S-275).

Em concordância com as observações então feitas, em 1979 a comissão organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural, conforme proposta de Bandeira Ferreira, elaborou um mapa com uma faixa de 20 metros de largura máxima que poderia ser deixada ao longo dos limites da jazida para evitar que prédios, logradouros e arruamentos ficassem junto à estação (processo S-275).

A partir de 1983 começa, porém, a sair com alguma regularidade na imprensa algumas notícias sobre a destruição da Estação Paleolítica do Casal do Monte.

No âmbito das comemorações do centenário do concelho de Loures é publicada em 1986 uma monografia dedicada à história do concelho intitulada “Loures tradição e mudança. I Centenário da Formação do Concelho 1886-1910” (Marques *et al* 1986, p. 56), onde pela primeira vez se publica no concelho de Loures uma síntese sobre a sua rica história.

O facto de os arredores de Lisboa terem sofrido uma expansão espantosa ao longo dos anos, levou a que fossem reveladas diversas estações arqueologias, ainda que tais expansões urbanísticas tenham também determinado frequentemente a sua destruição. Esta síntese da história do concelho, como não poderia deixar de ser consagrada todos os estudos feitos ao Quaternário e ao Paleolítico, considerando o Casal do Monte a melhor estação do

Paleolítico em Portugal e felicitando os diversos investigadores que realizaram inúmeros trabalhos sobre a região (Marques *et al* 1986, p. 56).

Referindo-se ao Casal do Monte, é mencionado que: “Nesta jazida foram recolhidos milhares de peças arqueológicas de quartzito, quartzo, grés e sílex que foram classificados do abbevillense ao neolítico” (Marques *et al* 1986, p. 56).

A 8 de Agosto de 1989 uma mudança do nome do Museu Etnológico Português para Museu Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos é o pretexto perfeito para uma exposição permanente” Portugal: das origens à Época Romana”, do qual fazem parte dois bifaces do Casal do Monte.

Esta exposição tem a peculiaridade de permitir ao visitante realizar uma viagem aos primórdios da história de Portugal, remetendo cada vitrine para um período específico e onde o Paleolítico tem lugar de destaque. Os bifaces do Casal do Monte são mostrados como os mais fiéis testemunhos do antepassado do homem (MNA. 1989, p. 16).

Em 1991 o Departamento de Arqueologia do IPPC (Instituto do Português do Património Cultural) toma conhecimento que a área arqueológica protegida se encontrava “corrompida, tendo sido colocados arbustos e árvores (eucaliptos) sobre parte do terreno e servindo o resto como área de passagem e campo de futebol” (processo S-275).

Em 1997 a Câmara Municipal de Loures faz um pedido ao IPPAR de “uma planta cartográfica, na qual esteja devidamente assinalada a estação paleolítica do Casal do Monte”, para planear a utilização de um terreno de propriedade municipal, verificando-se na planta anexa pela autarquia que, boa parte da jazida, cerca de metade, já se encontrava à época ocupada por uma ampla urbanização (processo S-275).

No início de 1999 os serviços da Câmara Municipal de Loures, através dos técnicos de arqueologia do Museu Municipal, contactam o arqueólogo Luís Raposo dando-lhe a conhecer o interesse em proceder a uma intervenção no perímetro classificado do sítio do Casal do Monte (processo S-275).

Esta intervenção vai-se realizar num contexto em que a ameaça da integridade do sítio era uma realidade, com a intenção de permitir a construção do infantário “Saltarico”. Como o

sítio tinha sido classificado como Imóvel de Interesse Público, o Instituto do Património Arquitectónico (IPPAR) solicitou que fossem realizados trabalhos arqueológicos no local que procedessem à reavaliação da importância do local, condição essencial à anterior utilização e eventual autorização do projeto. Nesta ótica, foi realizado o “Plano de Trabalhos Arqueológicos a realizar no sítio Paleolítico do Casal do Monte (Santo António dos Cavaleiros)” (processo S-275).

Procedendo-se assim no âmbito do plano de trabalhos ao acompanhamento da abertura de pelo menos quatro valas de sondagem por meios mecânicos. Como a avaliação de existências geológicas no subsolo não foram confirmadas, assim como as formações geológicas e estruturas que permitissem uma escolha preferencial, foram abertas duas valas na zona onde se pretendia instalar o colégio “O Saltarico”. Pelo que se procedeu à escavação da área que viria a ser afetada (processo S-275).

Entre os resultados obtidos foi possível precisar a interpretação geomorfológica do local, através da leitura que a abertura da sondagem 4 permitiu, tendo-se procedido ao registo fotográfico e desenho das unidades estratigráficas, onde se verificou a presença de três tipos de depósitos:

- A- Nível de argilas, correspondente ao Holocénico.
- B- Nível de argilas siliciosas correspondentes ao Plistocénico.
- C- Nível de argilas soltas, correspondente ao Terciário? (processo S-275).

Apenas foram recolhidos 723 artefactos líticos, onde predominam os sílices, não apresentando, contudo, elementos suficientes esclarecedores para a sua caracterização (processo S-275).

Concluindo, assim, Luís Raposo e seus colaboradores que as valas de sondagem realizadas no que restam da estação demonstram que não existem razões suficientes que permitam manter a classificação. Pelo menos com as implicações que têm tido até este momento.

Assim sendo “...a zona realmente significativa do local encontra-se já destruída ou com acesso impossibilitado pela urbanização local (...) a zona que ainda permanece exposta e

protegida (...) parece quase estéril do ponto de vista arqueológico (Raposo, Figueiredo e Boto, 1999, p. 30).

Contudo, consideram que era de manter o princípio de todas as intervenções realizadas no local serem devidamente acompanhadas por arqueólogos.

As intervenções arqueológicas realizadas por Luís Raposo e colaboradores têm, tal como foi admitido pelos próprios, um claro afastamento do sítio original das descobertas de Joaquim Fontes. Facto que se deve à construção de três prédios em cima da estação onde inicialmente Joaquim Fontes e, posteriormente, Henri Breuil e George Zbyszewski fizeram as suas colheitas que individualizaram e caracterizaram a jazida.

Caíram, assim, por terra as esperanças de que uma escavação no local pudesse revelar dados significativos sobre a estação, o não se veio a verificar porque a zona que correspondia ao local exato das primeiras descobertas foi a primeira a ser urbanizada.

Em todo o caso, nunca no contexto das jazidas do Complexo Basáltico de Lisboa se conseguiu identificar uma estação de superfície que permitisse esclarecer alguns dos pontos onde o contexto superficial dos materiais se pudessem esclarecer, nomeadamente no que diz respeito a muitas das interpretações que foram sendo adiantadas para a compreensão do seu espólio.

Muito embora os resultados tenham sido desanimadores, nem por isso a estação do Casal do Monte deixou de continuar a ser amplamente citada.

Luís Raposo e colaboradores, concluíram que não existiam materiais suficientes para se manter a classificação do local. Reafirmando, tal como outros investigados que a zona substancial da jazida, já teria sido destruída.

A 10 de Março de 2004 foi proposta a desclassificação da estação de ar livre do Casal do Monte pela Câmara Municipal de Loures, argumentando que a estação foi destruída há várias décadas pela construção da urbanização da Cidade Nova (processo S-275).

Em 2007 a Câmara Municipal de Loures solicitou de novo ao já extinto Instituto Português de Arqueologia a revogação da classificação da estação (processo S-275).

No entanto, a importância da estação para o conhecimento do Paleolítico português continuou a ser alvo de referência em vários trabalhos científicos, bem como em doações ao museu. No dia 15 de fevereiro de 2018 o director do Museu Nacional de Arqueologia, António Carvalho, ofereceu ao museu peças provenientes de prospeções que ele próprio realizou no Casal do Monte no âmbito da unidade curricular de geologia lecionada pelo professor Octávio da Veiga Ferreira. Também Luís Raposo dou-o ao mesmo museu peças de várias estações incluindo do Casal do Monte.

Mais recentemente, foi finalmente publicado no Diário da República, 2.ª Série, n.º 71, de 11 de Abril de 2018, o anúncio do projeto de decisão relativo à desclassificação da Estação Paleolítica do Casal do Monte, encontrando-se na atualidade o local amplamente urbanizado (Fig. 31).

Considerando-se, assim, que a efetiva destruição da parte original da jazida que havia determinado a sua classificação como Imóvel de Interesse Público não permita mantê-la.

Ainda que o sítio do Casal do Monte se encontre desclassificado (Fig.31), atualmente não se pode anular toda a sua história, bem como a importância para o conhecimento do Paleolítico português. Apesar da sua acidentada história, desde a descoberta à sua projeção internacional, quer por obra e esforço do seu descobridor, quer pelo facto de ter atraído a atenção de investigadores de renome internacional que dedicaram um particular esforço ao estudo do nosso Paleolítico, esta jazida está em grande parte destruída pela ineficácia das medidas com que a tempo se pretendeu protegê-la. Em boa medida porque estávamos numa altura em que a relevância deste tipo de património não tinha ainda o valor e a mediatização que hoje têm. Como são disso exemplo as gravuras do Côa que trouxeram à ribalta um debate sobre a proteção do património único, que se não fosse protegido iria ficar debaixo de água e estaria perdido.

O Côa foi sem dúvida uma página importante na história da arqueologia portuguesa e na defesa do património arqueológico. Por isso existe, para alguns autores, um pré-Côa e um pós-Côa. Caracterizando-se o primeiro desses períodos, em que se insere a atribulada tentativa de proteger a jazida do Casal do Monte, pelo pouco interesse em proteger o património.



## **6. Contribuição para o estudo das indústrias Paleolíticas do Casal do Monte**

Do “chelense” ao musteriense, nos estudos primordiais de Joaquim Fontes, do acheulense ao musteriense, com Henri Breuil e George Zbyszewski, até interpretações mais recentes que privilegiaram a sua associação ao musteriense, a estação paleolítica do Casal do Monte viu no essencial balizada a cronologia das suas mais antigas ocupações entre o Paleolítico Inferior e Médio. Realidade marcada também pela singular presença de uma significativa percentagem de bifaces em sílex, numa proporção muito próxima da dos bifaces em quartzite. Materiais esses tanto associados ao mundo das indústrias de bifaces do Paleolítico Inferior, como noutros classificados como testemunhos de uma tradição musteriense.

O que não deixa de sugerir similitudes com realidades onde este tipo de artefactos surge em claros contextos do Paleolítico Médio, estabelecendo-se mesmo por vezes uma diferenciação entre utensílios bifaciais e bifaces utensílios, correspondendo os primeiros aos produtos configurados característicos das indústrias acheulenses, e os segundos à definição por configuração de peças bifaciais suporte, posteriormente transformadas em utensílios que são definidos por retoque, mais comumente associadas a contextos industriais do Paleolítico Médio, ainda que não de uma forma exclusiva (Boeda, 1995,p.58).

Nesse enquadramento, pareceu pertinente rever as coleções do Casal do Monte, determinando as características tecno-tipológicas dos seus bifaces e núcleos. Com o intuito de nos primeiros verificar se era possível observar alguma similitude com as realidades atrás descritas, enquanto a análise dos núcleos permitiria uma identificação das cadeias operatórias de debitage que aí se encontravam representadas. Procurando vislumbrar em coleções oriundas de um contexto claramente secundário realidades eventualmente distintas em termos tecnológicos, tanto no domínio da exploração dos núcleos, como na definição dos seus mais característicos artefactos bifaciais.

A confirmar-se a sua associação ao mundo das indústrias do Paleolítico Inferior ela representaria uma singularidade no contexto desta realidade arqueológica em Portugal,

onde a generalidade dos utensílios característicos das indústrias acheulenses, os chamados LCTs <sup>8</sup>, que englobam os bifaces, os machados de mão, triedros e seixos talhados – são quase, em geral, de forma maioritária, em quartzito (Fig.35) e em bem menor número em quartzo, sendo o sílex só muito pontualmente usado. A única exceção a esta realidade foi recentemente identificada no estudo das indústrias acheulenses da gruta da Aroeira (Daura *et al.* 2018), onde, todavia, a presença de bifaces em sílex, apesar de bem mais expressiva, não ultrapassa um quinto do total dos artefactos bifaciais estudados.

Tal situação não excluiria a possibilidade de conexão de parte dos materiais, ou mesmo de todos, ao mundo das indústrias do Paleolítico Médio, com a clara prevalência das cadeias operatórias de debitage e a presença de materiais similares aos identificados noutros contextos cronologicamente correlativos.

Para averiguar esta situação no Casal do Monte foram escolhidas as coleções que faziam parte das recolhas do sítio original, realizadas por Joaquim Fontes, o que nos levou ao Museu Nacional de Arqueologia e ao Museu Geológico. Circunscreveu-se assim o estudo à análise das coleções originais da jazida. Não só aquelas que caracterizaram o local e o tornaram conhecido no âmbito do estudo do Paleolítico português, mas que também permitiram a fundamentação de muitas das interpretações que em torno do seu espólio foram sendo construídas. E não será, aliás, por acaso que é nessas mesmas coleções que se encontram reunidos a grande maioria dos bifaces que integram o espólio arqueológico exumado no Casal do Monte.

Fora deste estudo ficaram outros achados referentes ao Casal do Monte, cuja sua localização se afasta do local dos achados originais, que iremos designar a partir deste ponto por *Locus 2* (falamos em particular da coleção recolhida por Luís Raposo e colaboradores). Centrando-se assim este estudo nas coleções que conseguimos associar às doações de Joaquim Fontes ou relacionadas com o que iremos designar a partir deste ponto por *Locus 1* (peças que foram recolhidas no sítio original da jazida no momento da sua descoberta e posteriores visitas e as peças que foram mais tarde estudadas por Henri Breuil e George Zbyszewski com a mesma proveniência), cuja identificação foi realizada através

---

<sup>8</sup>“ Large Cutting Tools”

das marcações das séries consideradas pelo estudo desenvolvido por Henri Breuil e George Zbyszewski.

Das três mil peças depositadas nos referidos museus, como já se disse, apenas foram selecionados para fazerem parte deste estudo os núcleos, triedros e bifaces, para os quais havia sido atribuída uma cronologia entre o Paleolítico Inferior e Médio, não tendo sido estudados os materiais de cronologias posteriores que se encontram nas coleções, bem como outros materiais que o “método das séries” em anteriores estudos poderia associar cronologicamente às primeiras peças referidas.

Considerou-se que os núcleos das coleções originais que se decidiu estudar poderiam dar mais informações do que as lascas para uma melhor definição das cadeias operatórias de debitage aí representadas. Detetando a presença do modo de debitage centrípeto ou do modo de debitage Levallois (Fig.33), por exemplo, por forma a indiciarem a sua predominância ou não no contexto dos sistemas de produção de materiais líticos talhados a que poderiam ser associados, com a sua eventual conexão com o mundo das indústrias do Paleolítico Inferior ou do Paleolítico Médio.

Mesmo atendendo que a jazida é um verdadeiro palimpsesto, sem qualquer enquadramento estratigráfico das peças, com pátinas e alteração do seu estado físico que permitisse admitir a realização de remontagens, uma análise atenta dos núcleos permitiria uma reconstituição mental das cadeias operatórias representadas no sentido que lhes é dado por Jacques Pelegrin: “...n’est donc pas un enchaînement linéaire et immuable de gestes mais une succession de séries de paramètres optimaux. Chaque série concerne un stade ou un moment de la progression du travail: morphologie du nucléus avant puis pendant le débitage, sélection et préparation de chaque enlèvement à venir, notion du ou des produits parfaits...”. O mesmo autor acrescentava ainda: “Un schéma opératoire fonctionne donc comme un concept idéal, guidant une stratégie adaptée à la matière première. C’est lui, et non plus une démarche invariable, que le tailleur cherche plus ou moins consciemment à respecter, parce qu’il sait d’expérience qu’il permettra d’obtenir les résultats attendus” (Pelegrin, 1985, p.77).

Os bifaces, por seu turno, são antes de mais um grupo de artefactos cuja presença no Casal do Monte constitui o tema central na presente tese, no pressuposto de que muitos deles foram elaborados em sílex, o que por si só constitui uma clara singularidade no Paleolítico Português. Mesmo admitindo-se que a presença deste tipo de artefactos ou de outros LCT's em contextos do Paleolítico Médio está bem documentada na Europa, representa uma situação bem menos expressiva entre nós.

Num contexto estratigráfico preciso e bem datado do Paleolítico Médio, a sua pontual presença foi apenas assinalada na Gruta da Oliveira, em Torres Novas, onde se identificou um biface em sílex no conjunto superior do corredor de acesso (Deschamps e Zilhão, 2018, p. 26).

Na gruta da Furninha (Peniche), por seu turno, as indústrias líticas mais antigas lá recolhidas no século XIX por Joaquim Filipe Nery Delgado remontam ao Musteriense (Paleolítico Médio). Contudo, no nível 5 foi descoberto um biface, numa camada atribuída ao Paleolítico Médio, muito embora ela por vezes seja também associada ao “Acheuliano”, devido à presença deste único utensílio (Delgado, 1884, p. 210). As mais recentes revisões do estudo dos materiais paleolíticos desta jazida apontam, porém, uma cronologia musterense para o referido biface, dada a sua conexão com outros artefactos inequivocamente associáveis a esta indústria do Paleolítico Médio (Bicho e Cardoso, 2010)

Na Gruta do Correio Mor, em Loures, onde os materiais recolhidos foram estudados pelo “método das séries”, existe também a referência à presença de um biface em quartzito que foi associado à presença no local de indústrias musterenses, numa ilação que não estaria muito desligada dos materiais conhecidos na vizinha jazida do Casal do Monte (Ferreira *et al*, 1987, p. 11).

Assim, o interesse do estudo dos bifaces do Casal do Monte assentou em dois pressupostos essenciais:

- Verificar se existem ou não artefactos bifaciais em sílex na jazida, qual o seu contexto e características tecnológicas, tipológicas e outras que os permitam individualizar à luz da nossa atual perceção sobre as realidades arqueológicas de que eles são representativos;

Investigar se a sua presença é associável ao Paleolítico Médio, ao Paleolítico Inferior ou eventualmente a ambos os períodos, como alguma da bibliografia deixava sugerir;

- Verificar se, além dos bifaces, existiriam outros LCT's cuja presença se poderia assinalar entre os materiais recolhidos ao longo dos anos no Casal do Monte.

O que constitui o reconhecimento, do qual partimos para desenvolver este trabalho, de que os bifaces são sem dúvida os materiais mais citados na bibliografia que se reporta a esta estação arqueológica. Nela surgindo testemunhos da admiração de alguns dos investigadores que estudaram os materiais das suas coleções originais em relação à sua beleza, às suas pequenas dimensões ou à utilização do sílex para a sua confecção.

## **7. Métodos de descrição e análise dos artefactos estudados**

Quando iniciámos este trabalho, tínhamos como objetivo estudar os materiais do Casal do Monte para compreender se eles se integrariam no Paleolítico Inferior, representado por bifaces acheulenses, nalguns casos em sílex, o que constituiria uma peculiaridade assinalável no contexto dos estudos do Paleolítico Inferior em Portugal, onde tais artefactos são quase sempre elaborados a partir de seixos rolados, na sua maior parte em quartzito. Mesmo na rara exceção, o quartzito não deixa de ser a matéria-prima claramente mais usada para a produção de tais artefactos.

Confrontamo-nos, porém, com uma atribulada dispersão das coleções, já referida na extensa bibliografia, facto que, como vimos, nos obrigou a deslindar um pouco a história da jazida, centrando ao mesmo tempo a nossa atenção na análise dos núcleos, bifaces e triedros originalmente aí recolhidos.

Cada artefacto estudado neste trabalho foi feito com o intuito de servir os propósitos que nos propusemos responder.

## 7.1 Núcleos

Embora o problema central deste trabalho incida sobre os bifaces, julgamos que o tema não se esgota na identificação/definição dos bifaces do Casal do Monte, pelo que alargámos o estudo a uma identificação das cadeias operatórias de debitage representadas na estação. O objetivo é determinar em que medida as indústrias aí recolhidas podem ser associáveis ao mundo das indústrias de debitage do Paleolítico Médio ou não. E, por isso, a atenção dada ao estudo dos núcleos. Não se encontrando a jazida numa posição primária, através da análise destes produtos de talhe poderia ser mais fácil procurar vislumbrar os métodos de debitage representados e o seu significado.

Um núcleo corresponde a um bloco natural de rocha dura a partir do qual se procedeu à extração de um número variável de lascas. Os núcleos analisados têm como fontes de matéria-prima o quartzito e, mais raramente, o quartzo. Esta matéria-prima pode ser encontrada na natureza sobre a forma de seixos rolados. Mas é o sílex a matéria-prima por excelência escolhida pela comunidade paleolítica do Casal do Monte para o desenvolvimento da debitage.

O reconhecimento do núcleo deve-se à presença de negativos de levantamentos cuja extração levou à produção de lascas, tendo em vista a conceção de utensílios diversificados ou a uma utilização em bruto. Os negativos surgem alternados por superfícies corticais ou apresentam-se sobrepostos, conferindo-lhe assim nervuras mais ou menos bem identificadas, que permitem tentar vislumbrar o número de lascas obtidas a partir do núcleo, ou pelo menos a intensidade da sua exploração, e a própria estratégia usada nessa mesma exploração (Cunha Ribeiro, 1999, p. 70).

A descrição dos atributos foi registada num inventário elaborado numa folha de excel que se encontra nos anexos (inventário).

Os atributos específicos de cada peça utilizados foram:

- a) a indicação do número de inventário representado pela sigla (Nº), que respeita à numeração adotada pelo museu de onde são originárias as peças;
- b) segue-se o tipo de objeto (Obj.), que neste caso é um núcleo.

- c) Quanto à matéria prima, (Mp) os núcleos podem ser de quartzite (Q), quartzo (C), sílex (S) outro (O), englobando-se entre esta última “categoria” as matérias primas que não tenham sido anteriormente mencionadas.
- d) O estado físico (EF) é classificado segundo três graus: 1- muito desgastado, quando a peça se encontrava visivelmente desgastada, nomeadamente com marcas, que no caso dos núcleos não permitia definir com precisão os levantamentos 2- desgastado, quando a peça apenas apresentava algumas marcas e por último, em 3 - peças sem desgaste, que são as que não apresentam nenhuma alteração.
- e) Quanto às dimensões foram aferidas, com a letra C o comprimento, com L a largura e com E a espessura.
- f) Seguidamente é aferido o número de levantamentos (NL) que cada peça apresenta na fase superior e inferior, ou pelo menos o número dos que se podem quantificar a partir dos negativos por ele deixados na superfície do núcleo.
- g) A disposição dos levantamentos (DL) é determinada em função da sua disposição em relação ao eixo maior de simetria da peça sendo indicada, sempre que tal se justifique, de forma independente para cada superfície de exploração do núcleo, separando-se entre si essas indicações independentes por um traço vertical. Classificando-se as disposições dos levantamentos como centrípeta (c), tendencialmente centrípeta (tc), convergente (cv), longitudinal bipolar (lb), longitudinal unipolar (lu), transversal bipolar (tb), transversal unipolar (tu) e diversa (d).
- h) O grau de exaustão (GE) dos núcleos, foi dividido em três níveis: nível 0 - os núcleos que se encontram sumariamente explorados, evidenciando um reduzido número de levantamentos ou a sua dispersa extração; nível 1 - núcleos cuja exploração relativamente intensa permitiu a obtenção de um número não totalmente contabilizável de lascas, por último, nos núcleos que pertencem ao nível 2 agruparam-se as peças consideradas esgotadas.



- i) A descrição dos núcleos (Des); obedece a três parâmetros sendo eles: 1º sem preparação, 2º com preparação e 3º alternante.
- j) A classificação dos núcleos foi aferida com recurso a classificações feitas por outros autores no que ao Paleolítico diz respeito, ajustado-as ao contexto do sítio paleolítico do Casal do Monte, facto justificado pela semelhança de algumas peças utilizadas serem idênticas às apresentadas neste estudo. Recorreu-se assim a Cunha Ribeiro (Cunha Ribeiro, 1999 p. 71) no que aos núcleos centrípetos e globulosos diz respeito e a Zilhão (Zilhão, 1995, p. 27), para a classificação dos núcleos prismáticos.

No que diz respeito à classificação, foram classificados como sendo centrípetos (Cen) os núcleos definidos pela disposição centrípeta dos levantamentos que ocupam a quase totalidade da sua face superior de exploração.

Os núcleos são classificados como globulosos (Glo) quando o número de extrações são variados e dispostas em múltiplos planos que se recortam entre si, revelando a respectiva exploração com uma estratégia de debitagem assente no aproveitamento dos negativos de extrações anteriores como planos de percussão para a obtenção de novos levantamentos. Em geral apresenta sempre mais de três levantamentos adjacentes, conduzindo a sua exploração intensiva ao aproveitamento de formas tendencialmente poliédricas (Cunha Ribeiro, 1999 p. 72-73).

Como núcleos prismáticos, (Pris) foram considerados aqueles com um ou mais planos de talhe intencionalmente selecionados e que foram utilizados de forma recorrente para a extração de produtos segundo arestas guia, dando origem à forma de negativos de configuração paralela em pelo menos uma das fases do núcleo, mesmo que estes não formem um poliedro regular (Zilhão, 1995, p. 27).

Os núcleos Levallois (Lev) são assim classificados quando a preparação especial da face superior do núcleo é realizada para a obtenção de uma lasca preferencial, baseando-se a sua definição na criação de uma volumetria plano-convexa, em que a face de exploração é

plana, mas a sua preparação conduziu na face oposta à definição de uma morfologia convexa.

Foram classificados como fragmentos de núcleos (Frag) todos os objetos líticos talhados resultantes da fragmentação accidental ou não de núcleos, não se podendo determinar a partir dos negativos das extrações que aí se encontram conservados a estratégia exploratória subjacente à sua exploração, o que inviabiliza a adequada classificação de acordo com os critérios que acabamos de expor.

Foram ainda classificados como outros (out) os núcleos que devido as suas características físicas não se inserem em nenhuma das outras categorias anteriormente mencionadas.

Identificaram-se as séries (ser) a que as peças foram associadas quando se procedeu ao seu estudo de acordo com o “método das séries”.

Por último registaram-se observações complementares (obs), que nos remetem para notas várias feitas no decurso do estudo de cada peça.

## 7.2 Bifaces

É imperativo discutirmos neste ponto o que se entende atualmente por bifaces. Originalmente designados por *coups-de-poing*, como sucede nas publicações originais sobre o Casal do Monte, estes utensílios resultam da definição volumétrica definida por duas faces talhadas que se justapõem, podendo a amplitude do talhe variar em qualquer uma das faces, mas mesmo assim resultando da sua interseção a definição de um gume cortante periférico definido por talhe bifacial.

Estes utensílios foram precocemente reconhecidos pelos pré-historiadores como associáveis às indústrias mais antigas do Paleolítico Inferior - o chamado “chelense” e o acheulense - muito embora, posteriormente, estas duas entidades arqueológicas tenham sido agrupadas apenas no chamado tecno-complexo acheulense. Mas se a presença de bifaces está há muito associada em particular ao acheulense, também é verdade que a sua presença no Paleolítico Médio se encontra também documentada.

Originalmente como “tradição herdada” do acheulense, mas na atualidade cada vez mais como uma realidade arqueológica que em determinadas áreas geográficas corresponde a entidades tecnológica especiais, como é o caso da Europa central e noroeste, com o chamado Micoquense.

Com efeito, tem-se assinalado a presença de objetos de configuração bifacial, mas cada vez mais se distinguem aqueles em que a definição dos bifaces está na sua própria configuração volumétrica, que correspondem à conceção original do que se entendia como um biface, distinguindo-os deles outros em que a definição de uma peça bifacial não constituía um fim em si mas apenas uma forma de definir um suporte bifacial que depois seria retocado para dessa forma o transformar num utensílio.

No caso português esta realidade tem sido pouco valorizada, muito embora se conheça, como já vimos, a presença de bifaces na Gruta do Correio Mor em Loures (em quartzito) aparentemente num contexto musteriense, na Gruta da Furninha, em Peniche, no século XIX, e na Gruta da Oliveira, Torres Vedras, onde é assinalada também a presença um biface em sílex, bem como de um machado de mão, realidade que também não é de todo

desconhecida em Espanha. Contudo, não se regista em toda a coleção do Casal do Monte a existência de machados de mão.

Mas esta designação entre biface e biface utensilio está longe de se encontrar definida nos seus devidos termos entre nós, pelo que neste estudo se tornou imperativo verificar se poderíamos falar ou não em relação ao Casal do Monte de uma tal realidade, tendo nomeadamente em conta a presença de bifaces em sílex.

Por isso, a análise dos materiais concentrou-se nos bifaces. Procurando ver se os bifaces recolhidos no Casal do Monte permitiam vislumbrar a definição de zonas ativas por retoque, como sucede noutras regiões europeias, ou se seriam mesmo bifaces, no sentido em que a sua configuração bifacial consubstancia em si mesmo a definição de artefacto.

Como já vimos, definimos por bifaces os utensílios conseguidos a partir da transformação por talhe de uma lasca, produzida ou não intencionalmente para o efeito, ou de um bloco de matéria-prima de origem natural, que tanto pode corresponder a um seixo rolado, como a um nódulo, a uma calote de seixo ou a uma placa. A sua elaboração assenta num conjunto de levantamentos cuja extração visa modificar a morfologia original do suporte utilizado com a criação de uma volumetria baseada na intersecção de duas faces convexas justapostas, o que permite a delimitação de um gume periférico de maior ou menor extensão e, ao mesmo tempo, circunscreve a definição de uma extremidade distal de morfologia variável (Cunha Ribeiro, 1999, p. 84).

Esta fase de configuração dos bifaces é por vezes complementada pelo desenvolvimento de uma operação de retoque, procurando-se através dela suprimir irregularidades ao longo do gume periférico, no intuito de aumentar a sua operacionalidade ou de acentuar a definição de uma silhueta simétrica. Noutros casos tentando alterar determinados particularismos morfológicos, tendo em vista, por exemplo, a transformação da morfologia da extremidade distal ou a sua eventual correção (Cunha Ribeiro, 1999, p. 85).

No que diz respeito aos bifaces é também importante registar os elementos constantes da folha de Excel utilizada para reunir os atributos elegidos para o seu estudo:

- a) Cada biface foi identificado pelo seu número de inventário (N<sup>a</sup>) atribuído pelo respetivo museu.
- b) Seguidamente na categoria de objeto, (Obj) seguiu-se a sua classificação como biface.
- c) Quanto à matéria-prima (Mp) os bifaces podem ser de quartzite (Q), quartzo (C), sílex (S) ou outra (O), agrupando-se nesta última categoria as peças em que a a matéria prima não corresponde a nenhuma das anteriormente mencionadas.
- d) Tal como ocorreu com os núcleos os bifaces, foram classificados quanto ao seu estado físico: (EF) 1 - muito desgastado; 2 - desgastado; 3 - sem desgaste; e - eolizado; pe - parcialmente eolizado; dp - dupla patina; as variáveis referentes ao estado físico das peças combinam-se amiúde com a indicação de uma maior ou menor incidência da pátina eólica;
- e) Quanto à definição do suporte dos bifaces recorreu-se a um exame criterioso de cada peça, procurando-se identificar a presença de estigmas técnicos suscetíveis de indicarem a utilização de uma lasca (L), a ocorrência de resquícios de superfícies de clivagem capazes de revelarem o emprego de uma calote (Ca) ou o desenvolvimento de superfícies corticais em ambas as faces que testemunhassem o aproveitamento de um seixo rolado (S). Frequentemente o desenvolvimento da configuração da peça por talhe inviabilizou, porém, esta operação, obrigando a considerar o suporte como indeterminável (Ind);
- f) Para o registo das dimensões aferiu-se o comprimento (C), determinado pelo comprimento máximo da peça definido pela projeção da distância entre as suas duas extremidades, estabelecida em paralelo ao eixo de simetria do artefacto; a largura máxima da peça (L), definida na perpendicular da dimensão anterior; a largura no ponto médio (m), determinada perpendicularmente ao ponto médio do eixo maior de simetria da peça; a altura a que se encontra a largura máxima

- da peça em relação à respetiva base (a); e, por fim, a espessura máxima da peça (e);
- g) Em relação ao retoque dos bifaces estes foram tidos em conta em função do seu posicionamento no bordo direito e esquerdo de cada uma das faces da peça, assinalando-se em cada caso o seu posicionamento - total (T), distal (D), mesial (M) ou proximal (P) – a respetiva incidência - contínua (1), descontínua (2) ou única (3), quando referente a um só levantamento – e, por fim, a sua amplitude marginal (m) ou invasora (i). Quanto a inclinação (Inc) dos retoques pode ser classificada como: (a), abrupta (o) oblíquo, (p): aplanado;
- h) Foi aferido também o perfil da aresta do bordo direito e esquerdo (r) recto ou (s) sinuoso;
- i) A forma dos lados, (direita - esquerda) foi classificada como retilínea (r), convexa (x), côncavo (c) ou sinuosa (s).
- j) A silhueta de cada peça também foi tida em conta e aferida como simétrica equilibrada (S), simétrica não equilibrada (Sd) ou assimétrica (A).
- k) Registou-se ainda a secção longitudinal de cada peça, individualizando as de secção longitudinal (sec), tabular (t), plano-convexo (px), biconvexa assimétrica (ba) ou biconvexa simétrica (bs).
- l) Foi aferida a morfologia da base que foi dividida em três graus: 1- espesso 2- cortante 3- abrupto. Foram ainda registadas algumas observações que se consideraram pertinentes.
- m) As peças classificadas pelo “método das séries” (ser).

- n) Quanto as observações (obs), remete para as observações realizadas durante o estudo, que particularizam cada peça.

Para cada uma das peças inventariadas procedeu ainda ao cálculo de alguns dos índices definidos por François Bordes na sua obra clássica sobre a tipologia das indústrias do Paleolítico Inferior e Médio (Bordes, 1979). Desta forma, para cada peça dividiu-se o valor da sua largura máxima, determinada de acordo com os parâmetros dimensionais definidos pelo referido autor, pela sua espessura, de forma a calcular o seu índice de aplanamento. Considerando-se convencionalmente que se trata de uma peça plana quando o valor obtido é superior a 2,35, sendo classificado como biface espesso caso o referido valor seja igual ou inferior a 2,35.

Para além da separação entre aplanadas e espessas, procurou-se ainda separar estas peças pelos grandes grupos morfotipológicos delimitados por François Bordes, distinguindo os bifaces triangulares do grupo dos chamados subtriangulares, e estes dois do grupo dos cordiformes ou amigdaloides (em função do respetivo índice de aplanamento) e, por fim do grupo dos bifaces com silhueta elíptica, ovalar ou circular. Nesse sentido calculou-se para cada peça o índice resultante da divisão do comprimento máximo da peça (C) pelo valor da altura entre a largura máxima (L) e a base da própria peça, o qual permite uma leitura quantitativa do seu alongamento e arredondamento da respetiva base (índice  $C/a$ ). Paralelamente, dividindo o valor da largura da peça obtida no ponto médio do respetivo comprimento (m) pela sua largura máxima (L), procurou aferir o índice de arredondamento dos respetivos bordos. Contudo, dado o valor decimal obtido com tal divisão ele foi multiplicado por 100.

Colocando o primeiro índice no eixo das ordenadas e o segundo no eixo das abscissas obteve-se um gráfico de distribuição das peças, no qual a separação entre os quatro grandes grupos de bifaces individualizados por François Bordes se obtinha pela definição de três linhas oblíquas separadores decorrentes da aplicação de funções calculadas pelo referido autor, as quais permitiam a obtenção dos seguintes parâmetros para a criação de tais linhas:

- o) A:  $X=50$ ;  $y=3,26$       A':  $x=100$ ;  $y=5,55$   
p) B:  $x=50$ ;  $y=1,962$       B':  $x=100$ ;  $y=4,25$   
q) C:  $x=50$ ;  $y=0,662$       C':  $x=100$ ;  $y=2,95$



### 7.3 Triedros

Quanto aos triedros, o seu estudo decorreu do facto de algumas peças, muitas vezes associáveis aos bifaces, corresponderem a estes tipos de artefacto.

Os triedros são utensílios cuja concepção volumétrica triédrica foi definida por levantamentos obtidos a partir de três arestas distintas, incidindo em particular esta operação na configuração da respetiva zona distal apontada (Tavoso, 1978, p. 404).

Quanto ao que diz respeito aos triedros foram aferidos, os seguintes atributos:

- a) Números de inventário atribuído por cada museu às peças estudadas.
- b) Identificação do objeto (obj), que neste caso são os triedros.
- c) A matéria prima (Mp) segue a mesma lógica que a considerada nas fichas anteriores de inventário, individualizando quartzite, quartzo, sílex, ou outra matéria-prima.
- d) O estado físico (Ef) de cada peça foi classificado em função de três diferentes graus de boleamento das suas arestas de talhe, sendo eles: 1: muito desgastado; 2: desgastado; 3: sem desgaste.
- e) O suporte (S) também foi tido em conta e foi classificado do seguinte modo: lasca, seixo rolado, calote, e fragmento de talhe ou Ind: indeterminável.
- f) Quanto às dimensões aferiu-se para cada peça o respetivo comprimento (C), largura (L) e espessura (E).

## 8. Núcleos

Num primeiro estudo dos materiais realizado por Joaquim Fontes, os núcleos são sumariamente referidos, dando-se maior atenção aos *coups-de-poing*. Apenas aí constam algumas referências às diferenças de tamanho dos núcleos da estação e pouco mais.

Anos mais tarde Henri Breuil e George Zbyszewski, quando realizaram o seu estudo, deram especial relevo a toda a coleção do Casal do Monte, considerada como a estação tipo das jazidas associadas ao Complexo Basáltico de Lisboa. Neste estudo, os núcleos não foram esquecidos. Realizaram primeiro uma análise das matérias-primas usadas e, posteriormente, efetuaram uma seriação segundo as pátinas presentes nas peças, o que permitiu indexá-las a distintas cronologias.

Os núcleos do Casal do Monte foram analisados por estes autores. A coleção analisada neste trabalho, correspondente ao *Locus 1* do qual foram estudados todos os núcleos do Museu dos Serviços Geológicos bem como os núcleos do Museu Nacional de Arqueologia.

O estudo realizado revelou que 37 núcleos (Gráfico 2) pertencem á I série (Clactoniense e Abbevillense, Paleolítico Inferior). Com menos incidência encontra-se a série II com 4 núcleos e 1 á serie III (Clactoniense e Acheulense e Tayaco-Acheulense – Paleolítico Inferior,) respectivamente. À série IV apresenta 11 núcleos (Acheulense superior e Musteriense- transição entre os dois estágios). Em seguida, à série V pertencem 35 núcleos (Tayacense final e musteriense). Concluindo com a análise de 30 núcleos referente a duas séries, que segundo os autores foram utilizados em duas épocas distintas.

Quanto ao estudo por nós realizado, foram analisadas (inventário em excel) as coleções referentes ao *Locus 1* representadas no Museu Nacional de Arqueologia, 74 peças 138 peças do Museu Geológico (Tabela 1). Tendo sido analisados no total 212 núcleos, dos quais fazem parte 20 fragmentos, que apenas foram considerados no que a matéria-prima, classificação e estado físico diz respeito, não tendo sido contabilizado para todos eles os restantes atributos.

Foram estudados, 212 núcleos (Tabela 1) do *Locus 1* dos quais 138 (65%) são de sílex, constituindo esta a matéria-prima por excelência no que aos núcleos diz respeito. Em

quartzito existem 54 peças (26 %), sendo a segunda matéria-prima da coleção mais utilizada. Segue-se o quartzo com 17, correspondendo a 8 % da coleção e, por fim, três núcleos de outras matérias-primas, duas correspondendo a ortoquartzitos uma de arenito. O conjunto dos núcleos, embora oriundos de museus diferentes, foi estudado como um todo, dado considerar-se que provém do mesmo local, correspondendo às primeiras recolhas.

No decorrer do nosso estudo podemos verificar, tal como mencionado por Joaquim Fontes, que existem variadas dimensões de núcleos, observando-se entre os núcleos de sílex uma forte presença de nódulos.

Materia-prima	MNA	MG	TOTAL	%
<b>Sílex</b>	48	90	138	65 %
<b>Quartzito</b>	18	36	54	26 %
<b>Quartzo</b>	8	9	17	8 %
<b>Outra</b>	-	3	3	1 %
<b>TOTAL</b>	74	138	212	

**Tabela 1** - Matéria-prima dos núcleos do *Locus 1*.

Os núcleos foram classificados de acordo com os critérios previamente definidos, (Tabela 2), tendo-se associado 82 peças (39%) ao grupo dos núcleos centrípetos, que representam assim uma clara maioria. Seguidamente surgem os núcleos globulosos, agrupando 53 peças, e os prismáticos com 52, representando cerca de 25% da coleção. Os fragmentos estão representados por 20 peças (9%) e, por fim, os núcleos Levallois com 5 exemplares (2 %).

Núcleos	Total	Percentagem
<b>Centrípeto</b>	82	39 %
<b>Globuloso</b>	53	25 %
<b>Prismático</b>	52	25 %
<b>Fragmento de núcleo</b>	20	9 %
<b>Levallois</b>	5	2 %

**Tabela 2** – Classificação tipológica dos núcleos do *Locus 1*.

Quanto ao estado físico (EF) (Gráfico 3), os núcleos apresentam-se em 30 casos muito desgastados (EF 1), correspondendo, porém, a grande maioria a peças medianamente desgastadas (EF 2), que contabilizaram um total de 175 núcleos. Por fim no ( EF 3), (sem desgaste) foram contabilizados 3 núcleos.

A variabilidade dimensional dos núcleos foi analisada, com intuito de comparar o maior, o menor e a média dos núcleos em sílex e em quartzito, com o objetivo de observar se existiriam entre eles diferenças significativas.

Verificou-se assim que o núcleo de sílex de maior dimensão é claramente maior do que o de quartzito, enquanto o núcleo de quartzito de menor dimensão é relativamente maior que o de sílex. Podendo-se concluir que tendencialmente os núcleos de maior dimensão utilizavam o sílex como matéria-prima e os de menor dimensão eram de quartzito.

No que diz respeito ao grau de exaustão (Gráfico 4) dos núcleos estudados, verificou-se que a maioria significativa das peças correspondia a núcleos esgotados, associados à categoria classificativa do grau 2. Neles se integravam cento e 146 núcleos, o que correspondia a (76,1%) das peças inventariadas. Entre os núcleos intensamente explorados, com o grau de exaustão 1, integraram-se 40 peças (20,8%), enquanto nos núcleos sumariamente explorados ou com uma exploração dispersa agruparam-se seis peças (3,1%).

## 9. Bifaces

Num primeiro estudo dos materiais realizado por Joaquim Fontes, os bifaces (ou *coups-de-poing*, de acordo com a nomenclatura utilizada à época), são muitas vezes referidos realizando inúmeros estudos sobre o tema, a que nos referimos com o devido pormenor no capítulo 5 reservado à história da jazida.

Desde a descoberta da jazida que os bifaces são em certa medida o “cartão de visita” do Casal do Monte, incluindo no estrangeiro, facto que se deve ao seu descobridor. São caracterizados pelo autor como sendo belos, de gume cortante e estreitamente versáteis.

Posteriormente, os estudos realizados por Henri Breuil e George Zbyszewski, contemplaram também os bifaces. Tal como sucedeu com os núcleos, os bifaces foram agrupados consoante a sua pátina e em função dessa variável indexados a uma cronologia.

Tal procedimento, aplicado a um total de 45 peças (Gráfico 5), permitiu identificar 20 bifaces com a série I, considerada do Paleolítico Inferior, associando-as às indústrias então designadas de “Clactonense” e “Abbevillense”. Menos representadas, a série II, também considerada do Paleolítico Inferior, mas associada às indústrias “Clactonense” e Acheulense, integrava quatro bifaces, enquanto na série III, igualmente tida como do Paleolítico Inferior, mas relacionada com as indústrias “Tayacense” e Acheulense, englobava seis bifaces. À série IV foram, por seu turno, associados 11 bifaces, considerando-se que representariam uma fase de transição entre o Acheulense superior (Paleolítico Inferior) e o Musteriense (Paleolítico Médio), enquanto uma única peça se ligava à série V, considerada do “Tayacense” e Musteriense. Por último, identificaram-se três bifaces com dupla pátina, que para os autores responsáveis pelo seu estudo significava que teriam sido utilizados em duas distintas épocas.

O estudo que realizámos para este trabalho teve como objetivo analisar os bifaces do Casal do Monte associáveis as primeiras descobertas efetuadas nesta jazida, tendo incidido num total de 53 peças, 22 das quais depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, enquanto as restantes outras 31 provinham das coleções depositadas no Museu Geológico.

Ao longo do estudo podemos observar a parcial fragmentação de alguns bifaces que na maior parte dos casos surgem sem ponta. Em termos dimensionais, como se pode ver do inventário junto, estes artefactos evidenciam dimensões relativamente variáveis, apresentando-se alguns deles relativamente bem conservados, o que permitiu a avaliação de boa parte dos atributos considerados para o estudo que deles desenvolvemos. De igual forma, apresentam em grande número os seus bordos frequentemente retocados.

Do total destas peças, mais de metade – 27 – (Tabela 3) foram elaboradas em quartzite (51%), que assim se revelava a matéria-prima mais utilizada para a produção deste tipo de artefactos, muito embora o número destes utensílios em sílex não fosse muito díspar, pois englobavam um total de 24 peças, que correspondiam a 45% do total dos materiais estudados, que incluíam ainda um biface em ortoquartzito e outro em arenito.

Matéria-prima	MNA	MG	TOTAL	%
<b>Sílex</b>	8	16	24	45%
<b>Quartzito</b>	14	13	27	51%
<b>Outra</b>	0	2	2	4%
<b>TOTAL</b>	22	31	53	

**Tabela 3** - Matéria-prima dos bifaces do Locus 1.

No que ao seu suporte se refere (Tabela 4), o total das peças inventariadas registaram-se 27 lascas suporte, o que corresponde a 49,1% do total. O recurso à utilização de nódulo como suporte foi assinalado em 13 artefactos (24,5%), não tendo sido possível identificar em onze deles o tipo de suporte usado (o que levou a considerar o seu suporte como indeterminável - 20,8%).

Suporte	Total	Porcentagem
Indeterminado	11	21%
Seixo	13	25%
Calote	2	4%
Lasca	27	50%
Total	53	

**Tabela 4-** Suporte dos bifaces de sílex e quartzito do *Locus 1*.

Relativamente ao estado físico dos bifaces, muito embora se tivessem considerado três distintos graus de preservação das respetivas arestas de talhe – muito roladas, moderadamente roladas e sem rolamento (com arestas vivas) – apenas se verificou a existência de peças muito roladas (EF1) e de outras moderadamente roladas (EF2). Variando em qualquer dos dois casos uma maior ou menor incidência da eolização, dado que se considerou se cada uma das peças se encontrava eolizada, parcialmente eolizada (pe) ou se evidenciavam mesmo dupla pátina. Sendo certo, que muitos autores têm reconhecido (Tavoso, 1978), a maior ou menor incidência da pátina tem mais a ver com as condições pós-deposicionais que cada uma delas terá sofrido.

Das peças estudadas a maioria (Gráfico 6), 34 no total, apresentavam as arestas de talhe muito roladas (EF2), o que correspondia a 64,2% do conjunto dos bifaces estudados. Os restantes 19 bifaces evidenciavam um moderado rolamento das suas arestas, constituído 35,2% da coleção (EF1).

Utilizando o critério de François Bordes para distinguir os bifaces espessos dos bifaces planos, verifica-se que a grande maioria das peças estudadas, 42 no total, correspondem a bifaces espessos (79,2%), limitando-se a presença de bifaces planos às restantes 11 peças estudadas (20,7%).

Se se tiver em conta a matéria-prima utilizada, por outro lado, verifica-se que o número de bifaces planos em sílex corresponde a apenas quatro peças (16,7%), pelo que os bifaces espessos são também bem mais numerosos, com um total de 20 peças (83,7%).

Já entre os 26 artefactos em quartzito que se inventariaram seis correspondiam a bifaces planos (23,1%), constituindo os 20 bifaces espessos contabilizados 76,9% do seu total.

Relativamente ao suporte utilizado, por seu turno, verificou-se que entre os 11 bifaces planos inventariados seis resultavam do aproveitamento de lascas como suporte (54,4%), correspondendo os que resultavam da utilização de calhaus a duas peças (18,2%), enquanto nas restantes três não foi possível determinar a natureza do suporte.

Entre os bifaces planos foi ainda possível determinar que a totalidade da sua secção era biconvexa, tendo-se considerado que na maioria dos casos (sete peças) se revelava biconvexa assimétrica e em apenas em quatro peças foi classificada como biconvexa simétrica. Já no que diz respeito à sua silhueta, cinco dos bifaces planos revelavam uma silhueta simétrica e noutros cinco ela se apresentava tendencialmente simétrica, registando-se apenas uma peça com uma silhueta assimétrica.

Quanto aos bifaces espessos, das 44 peças identificadas, verificou-se que na sua maioria evidenciavam também secções biconvexas (32 peças - 76,2%), com uma ligeira predominância das biconvexas assimétricas (18 bifaces) sobre as biconvexas simétricas (14 bifaces). Sendo ainda de registar a presença de nove peças com secção plano-convexa e uma com uma secção tabular.

Se entrarmos em linha de conta com a distribuição destas peças em função da matéria-prima utilizada, verifica-se que entre os 24 bifaces em sílex inventariados se contabilizavam uma maioria de peças com uma seção biconvexa, agrupando um conjunto de 17, que correspondiam a 70,8% do total, registando-se um quase equilíbrio entre as peças com seção biconvexa simétrica (nove) e as que evidenciavam uma seção biconvexa assimétrica (oito). Registou-se ainda um apreciável número de peças com uma seção plano convexa, com um total de seis peças que correspondiam a 25% dos bifaces em sílex, a que há que acrescentar uma peça com seção tabular.

Entre os 26 bifaces de quartzite regista-se uma situação ligeiramente diferente quando se analisa a sua secção. Os bifaces com secção biconvexa assimétrica são bem mais numerosos, agrupando um total de 14 peças que correspondem a 53,8% do conjunto, enquanto em nove bifaces se registou uma secção biconvexa assimétrica, que corresponde



a 34,6% das peças inventariadas e os bifaces com secção plano-convexa são proporcionalmente bem menos numerosos do que entre os bifaces em sílex, porque apenas se encontram representados por três peças (11,5%).

Quanto à silhueta das peças, foi possível registar entre os bifaces em sílex uma clara maioria de peças simétricas, com um total de 15 bifaces contabilizados, que correspondem a 62,5% do total das peças. Segue-se um número bem menos expressivo de bifaces com uma silhueta tendencialmente simétrica (seis peças – 25%), enquanto os bifaces em sílex com uma silhueta assimétrica reúnem apenas três peças (12,5%).

Nos bifaces em quartzito a situação inverte-se, pois, o número de peças com uma silhueta tendencialmente simétrica é maior do que o das peças com silhueta simétrica. Estas últimas contabilizam nove bifaces, que correspondem 34,6% do conjunto, enquanto os bifaces com uma silhueta tendencialmente simétrica incluem 12 peças, que representam 42,2% do conjunto, no qual se incluem ainda cinco bifaces com uma silhueta manifestamente assimétrica (19,2%). Os restantes três bifaces, manufacturados noutras matérias-primas apresentam num caso uma silhueta simétrica e nos restantes dois tendencialmente simétrica.

Regista-se ainda que na generalidade dos bifaces em sílex os bordos são definidos por retoques que neles incidem de uma forma contínua, situação não muito diferente da que se regista entre os bifaces em quartzito, ainda que neste último caso tal situação se observa sempre de uma forma contínua.

Por último, no que diz respeito à classificação morfo-tipológica destas peças, definida de acordo com os critérios estipulados por François Bordes, constatou-se que a maior parte dos bifaces integrados se enquadravam no grupo dos amigdaloides (62,3%), registando-se a presença de algumas peças que por se poderem considerar planos em função dos referidos critérios se podem classificar como cordiformes. Seguiam-se pela importância da sua representatividade os bifaces do grupo dos sub-triangulares, essencialmente englobando peças que pela natureza do seu talhe se aproximam frequentemente de “ficrons”, correspondendo no seu conjunto a 24,5% dos materiais estudados. O grupo de bifaces elípticos, ovulares e circulares constituía apenas 9,4% do todo e os bifaces triangulares ficavam-se por inexpressivos 3,7%.

## 10. Discussão

A estação paleolítica do Casal do Monte foi, praticamente desde a sua descoberta, um sítio de referência para o conhecimento do Paleolítico em Portugal. A sua importância era destacada tanto por ser considerada uma jazida de referência para o estudo do Paleolítico dos arredores de Lisboa, como pelo facto de constituir a única jazida portuguesa onde se assinalava a presença de um expressivo número de bifaces em sílex.

As sucessivas referências ao local, a recolha de peças que aí se prolongaram por algumas décadas, levou-nos a procurar esclarecer a origem das diferentes coleções exumadas, por forma a compreender a sua relativa heterogeneidade.

Foi assim possível estabelecer uma manifesta diferença entre os materiais aí originalmente recolhidos nos primeiros tempos e as coleções visivelmente mais diversificadas que posteriormente se foram identificando em áreas relativamente próximas. Os trabalhos em torno desta jazida prolongaram-se, com efeito, até ao final do século XX, numa altura em que o sítio onde originalmente se tinham feito os achados caracterizadores das suas indústrias se encontrava em grande medida destruído, o que, aliás, veio a justificar a sua desclassificação. Situação que, todavia, não tinha impedido a recolha de materiais nas áreas circundantes, os quais evidenciavam características relativamente distintas.

O presente trabalho incidiu assim na análise das coleções que nos foi possível associar às descobertas originais realizadas na jazida do Casal do Monte, centrando-se no estudo dos núcleos e dos bifaces nelas incluídos. No primeiro caso procurando caracterizar as cadeias operatórias de debitage nela representados, enquanto relativamente aos bifaces se pretendeu privilegiar uma análise que permitisse conhecer as características destes artefactos, qual a importância e a proporção das peças confeccionadas em sílex e em que medida estas se distinguiam das suas congéneres elaboradas em quartzito.

No que diz respeito aos núcleos foi desta forma possível verificar que na sua maioria, num total de 82 peças (39%) (Tabela 2), eles eram associáveis ao método de debitage centrípeto, facto que não surpreende dado este método se encontrar em geral relativamente bem representado entre as indústrias paleolíticas. Em todo o caso, sempre acompanhado por outras estratégias operatórias de obtenção de lascas cuja presença é também

significativamente assinalada nas indústrias provenientes da jazida do Casal do Monte, como é o caso dos núcleos globulosos que são 53 (25%), e os núcleos prismáticos que contabilizam 52 peças (25 %).

Assim sendo, em termos de debitagem, dada a forte presença do método de debitagem centrípeto e a presença, ainda que reduzida a alguns exemplares, correspondentes a poucos, núcleos Levallois, pode-se admitir, com algum fundamento, a associação das indústrias da estação do Casal do Monte a uma fase evoluída das indústrias acheulenses, não se podendo, contudo, descartar a presença de uma forte componente tecnológica que nos permite ao mesmo tempo vislumbrar a presença de estratégias associáveis às indústrias musterienses de debitagem do Paleolítico Médio, situação essa reforçada pela assinalada presença de diversificados utensílios sobre lasca, que não foram contudo objeto da nossa análise.

Sendo sugestiva a associação a uma fase de transição entre o Acheulense e o Musteriense, como frequentemente foi sendo e é proposto, a realidade dos factos disponíveis inviabiliza, porém, uma interpretação tão precisa, nem a destruição do sítio permite pensar num futuro esclarecimento da questão.

As condições de jazida do local, muito embora no que se refere aos primeiros achados aí exumados revelem alguma coerência, sugerem a submissão das peças a processos pós-deposicionais com alguma relevância. A pátina diferenciada de boa parte das peças indicia que elas terão permanecido à superfície durante períodos relativamente significativos e variáveis, enquanto o facto de a maior parte das peças evidenciar um significativo boleamento das suas arestas de talhe as associa a perturbações pós-deposicionais mais expressivas. Admite-se, aliás, que o desgaste da maior parte das peças possa ter mesmo resultado da ação de correntes coluvionares envolvendo materiais algo abrasivos.

A presença de bifaces em sílex (Fig.34) constituiu, porém, desde início a singularidade mais expressiva desta jazida, tendo tal realidade sido associada por alguns dos estudiosos que sobre ela se debruçaram à existência de entidades cronológicas e culturais tão díspares como as então chamadas indústrias “chelenses”, indústrias acheulenses e às indústrias musterienses do Paleolítico Médio.

Esta discussão, que hoje poderia ser vista como ultrapassada, permanece, ainda que com um enquadramento conceptual diferente. Pois a associação de tais peças a um Acheulense evoluído ou a uma realidade já claramente relacionada com o Paleolítico Médio, como já referimos, persiste, bem como a ideia de se ver nestas mesmas indústrias um testemunho da transição entre as indústrias acheulenses do Paleolítico Inferior e as indústrias musterienses do Paleolítico Médio.

É certo que apesar de a presença de bifaces em sílex se encontrar hoje entre nós documentada em indústrias acheulenses (Daura *et al*, 2018) e, paralelamente, ser também reconhecida nalgumas jazidas portuguesas a ocorrência de bifaces em indústrias musterienses (como se viu anteriormente), nem por isso a singularidade da indústria do Casal do Monte se viu ultrapassada. Com efeito, o número de bifaces aí representado é particularmente significativo, situação que está longe de ocorrer nos contextos musterienses referidos. Por outro lado, no Casal do Monte o número de peças em sílex corresponde a quase metade do conjunto dos bifaces aí recolhidos, o que se afasta da proporção com que surgem no acheulense da Gruta da Aroeira, onde representam 1/5 da utensilagem bifacial aí exumada.

Os mais recentes estudos sobre o tema demostram que a presença ou ausência de produtos configurados bifaciais não é por si mesmo um elemento distintivo entre os tecno-complexos em geral associados ao Paleolítico Inferior e Médio, o que põe mesmo em causa a divisão tradicional entre ambos os períodos (Monnier 2006, p. 709).

Neste contexto procura-se fazer uma distinção entre os produtos configurados bifaciais, isto é, os bifaces propriamente ditos, e os chamados utensílios bifaces (“outil-biface”). Sendo que nestes últimos, ao contrário dos primeiros, a configuração bifacial visava a criação de um suporte bifacial que posteriormente seria transformado em utensílio por retoque, que se distingue dos utensílios sobre lasca pelo facto de o suporte não ser uma lasca, mas uma peça bifacial para o efeito produzida (Geneste *et al* 1990, p. 45).

Os bifaces propriamente ditos são, pela sua própria definição, peças cuja configuração se define por si própria e cujas características são: um utensílio com duas faces talhadas justapostas de cuja intersecção resulta a definição de um gume periférico cortante e que em

geral apresentam uma extremidade distal apontada, arredondada e que no paleolítico inferior pode ter bisel cortante (Moncel 1995, p. 160).

Esta realidade artefactual dos utensílios biface, documentada em diferentes contextos do Paleolítico Médio Europeu -mas não só – é aqui dificilmente individualizável pelo facto de muitos dos bifaces estudados, mesmo aqueles que foram produzidos a partir do sílex, terem lascas como suporte. Estas, como se viu, constituem quase metade do suporte das peças analisadas. Situação essa que não obsta a que algumas das peças analisada possam corresponder ao paradigma dos utensílios-bifaces. A (Fig. 32), remete para dois bifaces provenientes do Museu Geológico. O primeiro em arenito caracteriza-se como um biface utensílio, por ter sido primeiramente feito para ser um biface mas que posteriormente se torna num utensílio. Já segundo o biface é em quartzito, retocado que posteriormente também terá sido utilizado como biface utensílio.

Pode-se pois considerar que da análise que se realizou dos bifaces da jazida do Casal do Monte, a percentagem de peças configuradas em sílex constitui um elemento claramente distintivo desta jazida no quadro do Paleolítico em Portugal, sendo ainda de destacar que a sua presença, ao contrário do que sucede em geral entre nós nas indústrias acheulenses – há várias situações de exceção que haveria que ter em conta – não é acompanhada pela ocorrência de machados de mão (Cunha Ribeiro, 1996, p.23). O que, todavia, não permite tirar ilações muito claras sobre o enquadramento cronológico-cultural desta realidade arqueológica, dado que a presença deste tipo de artefactos característicos das indústrias acheulenses está pontualmente assinalado em contextos do Paleolítico Médio da Ibéria e mesmo em Portugal, onde frequentemente é associado à ocorrência do que se considerou frequentemente como um Musteriense de tradição acheulense.

## 11. Conclusão

Este estudo permitiu-nos, salientar o seguinte:

1. Que há bifaces nas coleções exumadas no *Locus 1* da jazida do Casal do Monte é uma realidade incontornável.
2. Boa parte desses bifaces são em sílex não é também questionável.

Atendendo às complexas condições geo-arqueológicas associadas à jazida e à sua destruição, há muito ocorrida, não é possível obter uma leitura mais precisa do enquadramento cronológico cultural destes materiais. Só a descoberta de jazidas com coleções com características técnicas e tipológicas similares associáveis a um contexto geo-arqueológico mais preciso é que poderia resolver o problema. Facto, aliás, já mencionado por Joaquim Fontes e José Leite de Vasconcelos nos primeiros estudos que se realizaram sobre esta jazida e os materiais nela exumados.

Devendo tal abordagem integrar-se numa perspetiva bem mais diversificada do Paleolítico Médio em geral e das indústrias musterienses em particular. Não ignorando a realidade conhecida na Península Ibéria e de uma forma mais geral noutras regiões europeias, onde se reconhece a dificuldade de se estabelecer com precisão a delimitação das fronteiras entre os tecno-complexos acheuleses e musterienses. Como é o caso da presença de peças bifaciais utensílios cuja dispersão é bem mais complexa do que alguns modelos rígidos nos querem sugerir. E sobre a qual já nos pronunciamos no capítulo anterior.

Em todo o caso, não é possível deixar de destacar a singularidade da jazida do Casal do Monte:

1. Analisando o conjunto (núcleos e bifaces) do *Locus 1* do Casal do Monte, é notório a utilização do sítio em diferentes épocas, com a produção local de muitos dos artefactos aí exumados, para o que terá certamente contribuído a sua situação topográfica e enquadramento geográfico.
2. Da análise das peças originalmente recolhidas na jazida do Casal do Monte é possível admitir que os bifaces aí representados teriam sido usados desde o Acheulense,

(Paleolítico Inferior) até Musteriense (Paleolítico Médio), não existindo condições objetivas para a partir deles distinguir estas duas realidades arqueológicas. Situação essa que não se afasta muito das conclusões que a análise dos núcleos nos permitiu.

3. A realidade descrita poderá ser assim uma característica de regional presente no Casal do Monte, representando a expressiva presença de bifaces em sílex um elemento distintivo das indústrias localmente representadas, no caso de se tratar de contextos associáveis ao tecno-complexo acheulense.
4. Caso a sua cronologia fosse associável ao Paleolítico Médio, o número de bifaces representados não deixaria de ser também uma situação diferenciadora e sem paralelo por ora conhecido entre nós, dado o número de artefactos bifaciais localmente representados, para além da expressiva utilização do sílex como matéria-prima para a sua configuração. Puder-se-á nesta última hipótese reforçar a sua pertinência com a presença significativa de peças bifaciais com os seus bordos retocadas de maneira expressiva, que já foi posta em evidência no capítulo dos bifaces.

Embora os dados que temos não nos permitam ir mais longe no estudo da jazida, é, todavia, possível avançar com algumas clarificações, relativamente às questões que ficaram pendentes ao longo dos anos. Podendo-se reafirmar que os bifaces em sílex, pela quantidade com que aí surgem representados constituem sem margem para dúvidas uma realidade sem paralelo em Portugal, independentemente do enquadramento cronológico e cultural dos materiais em apreço. O que justifica a importância que há mais de um século se reconheceu a necessidade de se poder dispor de um contexto arqueológico devidamente preservado para se poder perceber o verdadeiro significado da indústria original da jazida do Casal do Monte.

## 12. Bibliografia

- ANTUNES, M.; CARDOSO, J.; RAPOSO, L. (2018) – Leite de Vasconcellos, Joaquim Fontes e a estação paleolítica de Casal do Monte. *Memórias da Academia de Ciências*. Tomo XLV. Academia das Ciências Lisboa, p. 105-123.
- BICHO e CARDOSO (2010) - Paleolithic occupations and Lithic Assemblages from Furninha Cave, Peniche (Portugal) *Zephyrus*, LXVI, julio-diciembre, p. 17-38
- BOEDA, H. (1995) – Caractéristiques techniques des chaînes opératoires lithiques des niveaux micoquiens de Kůlna (Tchécoslovaquie). Actes du Colloque de MISKOLOC. *Paléo* supplément N°1, Revue d'Archéologie Préhistorique, p. 57-72,
- BORDES, F. (1979) - Typologie du Paléolithique ancien et moyen. Cahiers du Quaternaire 1. Institut du Quaternaire. Université de Bordeaux.
- BREUIL, H. (1918) – Impressions de voyage Paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*, revista ilustrada de arqueologia artística e etnografia. Lisboa. p. 34-39.
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Tomo XXIII. Lisboa, p. 5-120.
- CARDOSO, J.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRÉ CONCEIÇÃO, M. (1992) – Método de estudo. O Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Volume III. Câmara Municipal de Oeiras, p. 31-35.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Pré-História de Portugal. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, J. L.; MELO, A. A (2005) – Correspondência de Joaquim Fontes (1892-1960). Contributo para a história da arqueologia peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, volume 13, Câmara Municipal de Oeiras, p. 195-20.
- CARDOSO, J. L. (2006) – The Mousterian Complex in Portugal. *Zephyrus*, 59. p. 21-50.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Pré-História de Portugal. Lisboa: Universidade Aberta.



- CARDOSO, J. L. (2010 -2011) – Joaquim Fontes, primórdios de um arqueólogo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 623 -630.
- CARDOSO, J. L. (2012) – José Leite de Vasconcelos (1858-1941) e Joaquim Fontes (1982-1960) visto através da correspondência conservada nos Arquivos do Museu Nacional de Arqueologia e do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. *O Arqueólogo Português*. Volume V. Série 2, p. 77-187.
- CORREIA, V. (1912) - O paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª série: 17, p. 55-62.
- CUNHA RIBEIRO, J.P. (1993) – O Paleolítico Inferior em Portugal. *O Quaternário em Portugal, Balanço e perspectivas*. Lisboa, Colibri. p. 133-146.
- CUNHA RIBEIRO, J.P. (1996) - Os machados de mão no Paleolítico Inferior Português. *Portvgalia*. Nova série XVII-XVIII. p. 23-50.
- CUNHA RIBEIRO, J.P. (1999) – *O Acheulense no Centro de Portugal. O Vale do Lis. Contribuição para uma abordagem tecno-tipológica das suas indústrias líticas e problemática do seu contexto cronoestratigráfico*. Tese de Doutoramento inédita. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- DAURA, J.; SANZ, M.; DESCHAMPS, M.; MATIAS, H.; IGREJA, M.; VILLAESCUSA, L.; GÓMEZ, S.; RUBIO, A.; SOUTO, P.; RODRIGUES, F.; ZILÃO, J. (2018) - A 400,000-year-old Acheulean assemblage associated with the Aroeira-3 human cranium (Gruta da Aroeira, Almonda karst system, Portugal) *Comptes rendus Palevol*. p. 594-615.
- DELGADO, J. (1884) - “La grotte de Furninha a Peniche”. *Congrès International d’Anthropologie et d’Archéologie Préhistoriques*. Compte-Rendu de la neuvième Session à Lisbonne (1880). Lisboa: Typographie de l’Académie Royale des Sciences, p. 207-278.
- DESCHAMPS, M.; ZILHÃO, J. (2018) – Assessing site formation and assemblage integrity through stone tool refitting at Gruta da Oliveira (Almonda karst system, Torres Novas, Portugal): A Middle Paleolithic case study in *Plos one*. p. 1-34.

- FERREIRA, O da V. (1961) – O professor Joaquim Fontes e a pré-história portuguesa”. *Arqueologia e História* 6º série volume X. Em memória do Professor Doutor Joaquim Fontes. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. p. 171-182.
- FERREIRA, O da V. e LEITÃO, M. (1981) – *Portugal pré-histórico seu enquadramento no Mediterrâneo*, Publicações Europa América.
- FERREIRA, O da V.; LEITÃO, M.; ZBYSZEWSKI, G. e NORTH, C. T. (1987) - O paleolítico da Gruta do Correio Mor (Loures). *Setúbal Arqueológica. Setúbal*. 8, p. 724.
- FONTES, J. (1910 a) – “Estação paleolítica do Casal do Monte”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa Série I. Volume XV. p. 93-96.
- FONTES, J. (1910 b) – Estação paleolítica de Casal do Monte. Nota introdutória de A. A. da Costa Ferreira. Lisboa: Tip. do Anuário Comercial, 7 p.
- FONTES, J. (1910 c) – Indústrias paleolíticas do Casal do Monte. *Materiais para o Estudo das Antiguidades Portuguesas*. Leiria. 1 (2), p. 39-43 (separata).
- FONTES, J. (1912-1927) a – Correspondência de Leite de Vasconcelos [Manuscrito]. 1912-1917. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo de Joaquim Fontes.
- FONTES, J. (1912) b – “Subsídios para o estudo do paleolítico português”. *O Arqueólogo Português*, Lisboa. Série I, volume XVII p. 22-41.
- FONTES, J. (1912) c – “Trois coups-de-poing acheuléens du Portugal”. *Bulletin de la Société préhistorique française*. Tome 9, N. 8. pp. 522-524.
- FONTES, J. (1913) – Notre sur le Moustérien au Portugal. *Congrès Préhistorique de France*, Compte Rendu de la Huitième session- Angoulême, Paris, Bureaux de la Société Préhistorique Française. p. 343-350.
- FONTES, J. (1916) – Note sur le chélléen de Casal do Monte. *Bulletin de la Société Portugaise des Ciencias Naturelles* 1914-1916.Tomo VII. Lisboa p. 8-12.
- FONTES, J. (1917) – Instruments paléolithicos dans la collection de préhistoire du Service Géologique. *Comunicação da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. Tomo XII. p. 343-350.

- FONTES, J. (1923) – *O homem fóssil em Portugal*. Natura.
- FONTES, J. (1932) – “A Questão do Homem Fóssil em Portugal”. Arquivo Histórico. Vol. 1. Lisboa. p. 11-26.
- FRAGOSO, V. [Coordenação] (2009) – Carta Arqueológica de Loures. Loures. Palmigrafia.
- GENESTE, J.M.; BOEDA, E.; MEIGNEN, L. (1990) – Identification de chaînes opératoires lithiques du Paléolithique ancien et moyen. *Paléo*, Année 1990, Volume 2, Numéro 1, p. 43 – 80.
- HELENO. M. (1956) - O professor Henri Breuil. *O Arqueólogo Português*. Segunda edição. Volume 3. Lisboa. p. 239-246.
- JESUS. A.; ZBYZEWSKI, G. (1952) – Contribution á l’estude du Complexe basaltique de Lisboa”. Separata de tomo XXXIII das *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Lisboa. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos
- LÚCIO, C. (2014) - *Análise do comportamento hidrológico da bacia hidrográfica do rio de Loures e modelação da sua susceptibilidade a cheias*. Dissertação de mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território, apresentada ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. P. 3.
- MARQUES, M.; FREIRE, M.; VAZ, M.; SOARES, M.; TABORDA, O. (1986) - *Loures tradição e mudança. I Centenário da Formação do Concelho 1886-1910*. Volume I. Serviços culturais do município de Loures.
- MORTILLET, G. (1885) – Le Préhistorique antiquité de l’homme, Deuxième Édition, Reinwald, Librairie-Éditeur, Paris. *Bibliothèque des Sciences Contemporaines*.
- MORTILLET, G. e MORTILLET, A. (1910) – Le Préhistoire. Origine et antiquité de l’homme, Librairie Schleicher Frères, *Bibliothèque des Sciences Contemporaines*, Paris, p. 709.
- MONNIER. G. F. (2006) – “The Lower/Middle Paleolithic Periodization. Western Europe an Evaluation” in *Current Anthropology*” Volume 47, Number 5. p. 709-744.

- MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA (1989) – *Portugal das origens á época romana*. Lisboa M.N.A.E.
- OLIVEIRA J. (1972) - *Paleolítico Inferior e Médio do Sul de Portugal*. Tese de Licenciatura apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para a obtenção do grau de licenciado em História.
- OLIVEIRA, A. (1994) – “Projecto de demarcação e valorização de duas estações arqueológicas do concelho de Loures”, *V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. p. 27-32.
- PAÇO, A. (1970) – “Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal”. *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968)*. Volume I. *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. p. 121- 141.
- PELEGRIN, J. (1985) - Réflexions sur le comportement technique, in «La signification culturelle des industries lithiques. *Actes du Colloque de Liège* du 3 au 7 octobre 1984», Liège, p. 72-91.
- PEREIRA, F. ALVES (1922) –Catálogo do museu etnológico português, considerações preliminares. *O Arqueólogo português*. Lisboa. Série I, volume XXV p. 251-287.
- RAPOSO, L. (1988) – *O Paleolítico* in «*História de Portugal*». Direcção de José Hermano Saraiva. Volume I. publicações Alfa. p. 44-57.
- RAPOSO L. (1993) – “O Paleolítico Médio”. *O Quaternário em Portugal - balanço e Perspetivas*, APEQ e Colibri, Lisboa.P. 93
- RAPOSO, L.; CARREIRA, J.R. (1994) “Os primeiros habitantes da região de Lisboa”, *Lisboa Subterrânea*, catálogo de exposição no Museu Nacional de Arqueologia: P. 31-38.
- RAPOSO, L. (1995) a – *O Paleolítico* in «*História de Portugal*» dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Coordenada por João Medina. Amadora.
- RAPOSO, L. (1995) b – “Ambientes, territórios y subsistência en el Paleolítico medio de Portugal”. *Complutum*, 6, p. 57-77.

- SAAVEDRA MACHADO, J.L. (1965) - Subsídios para a história do Doutor Leite de Vasconcelos. Ministério da Educação Nacional. Lisboa.
- FARINHA DOS SANTOS, M. (1985) - Pré-história de Portugal. Biblioteca das civilizações primitivas. Edições verbo.
- SAVORY, H. N. (1974) – Espanha e Portugal, História Mundi [ Dir. Glyn Daniel], Editorial Verbo, Lisboa, 329.
- SANTOS, R. (2014) - *Levantamento do Geopatrimónio no Concelho de Loures definição de percursos geoturísticos*. Relatório de final de estágio em Geografia Física e Ordenamento do Território apresentada ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. p. 55-63.
- TAVOSO, A. (1978) - Le Paléolithique inférieur et moyen du Haut-Languedoc. Gisement des terrasses alluviales du Tarn, du Dadou, de l'Agout, du Sar et du Fresquel, *Études Quaternaires*, Mémoire nº5, Paris, p. 404.
- VASCONCELLOS, J. (1915) – Objectos paleolíticos do Casal do Monte oferecidos ao Museu da Academia das Ciências de Lisboa. Breve notícia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 8 p. (separata do *Boletim da Segunda Classe*, 8).
- ZBYSZEWSKI, G. (1943) – La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942. Lisboa. p. 5- 75.
- ZBYSZEWSKI, G. (1958) – Le Quaternaire du Portugal. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, Vol. XIII, Fasc. I-II.
- ZBYSZEWSKI, G. (1974) - L'Âge de la Pierre Taillée au Portugal. *Dossiers de l'Archéologie*.
- Zêzere J. L. (1991) – As Costeiras a Norte de Lisboa: Evolução Quaternária e Dinâmica actual das Vertentes. *Finisterra*, Revista Portuguesa de Geografia, XXVI (51), Lisboa: 27-56.
- ZILHÃO, J. (1995), *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, Dissertação de doutoramento na especialidade de Pré-história e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, policopiado, 2 vols.

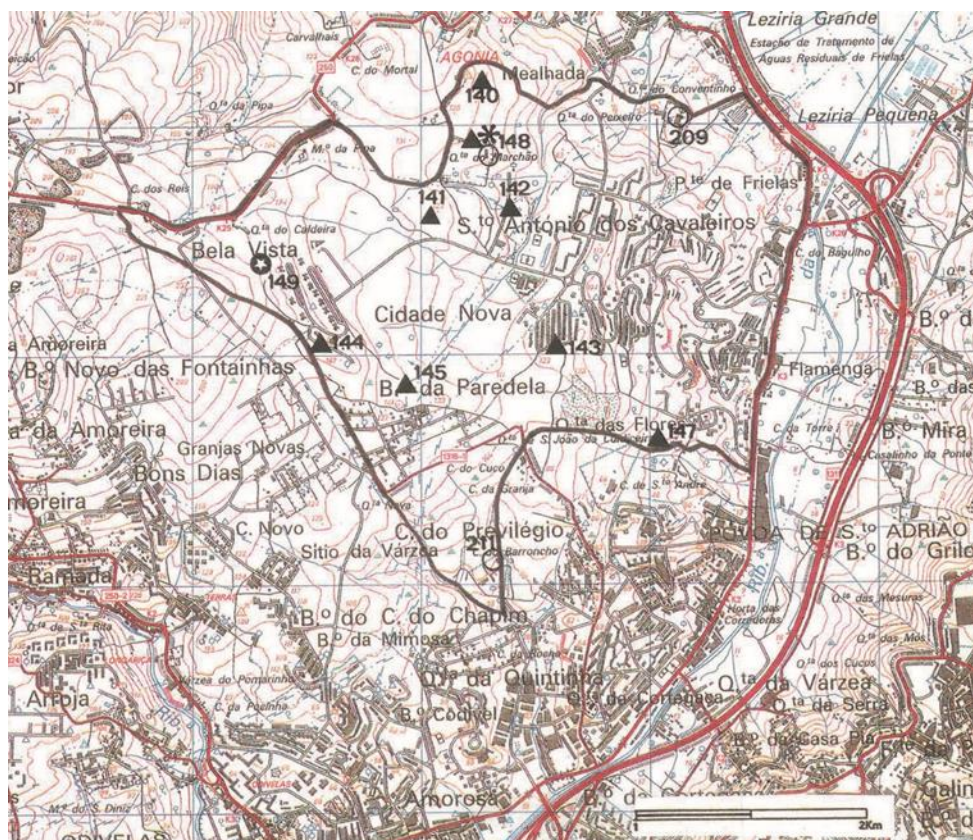
**Processos:**

- Processo do Casal do Monte. DBC-DSPAA N° DO PROCESSO S-275.

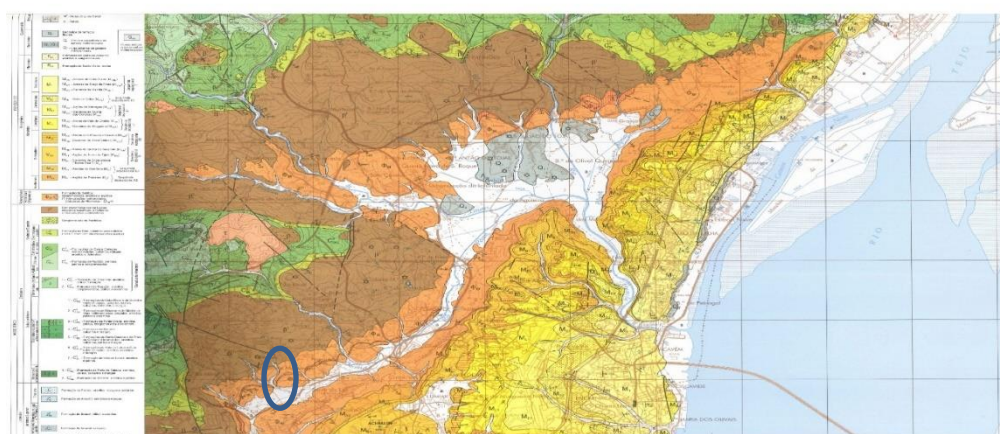
**Cartografia:**

- Carta Geológica de Portugal, Serviços Geológicos, folha n° 34-B (Loures).
- Carta militar do Instituto Geográfico do Exército, escala 1:25 000, série M888, folha n° 417.

### 13. Anexos cartográficos



**Fig. 1-** Localização do Casal do Monte (triângulo 148) na Carta Militar de Portugal a escala de 1:25000, série M888, folha 417, adaptado de (Fragoso, 2009, p. 13).



**Fig.3-** Carta geológica de Portugal, onde se assinala a jazida do Casal do Monte, assinalado com uma bola azul. Carta Geológica de Portugal na escala 1:50 000, folha 34-B (Loures), Carta do Laboratório Nacional de Energia e Geologia.







### 13.1 Anexos quadros

**Quadro 1** – Principais etapas da evolução geomorfológica da Bacia de Loures (Zêzere, 1988, p 33).

<b>Etapas da evolução</b>	<b>Implicações morfológicas e climáticas</b>	<b>Idade provável</b>
Enchimento holocénico	Período transgressivo. Clima menos frio e húmido. Colmatagem aluvial do fundo da Bacia de Loures e dos vales principais.	Holocénico
Encasamento da rede hidrográfica	Período regressivo. Desgaste parcial dos depósitos da Bacia de Loures.	Última Glaciação
Depósitos do Terraço de Quintanilho e do bordo oriental do terraço de S. Julião do Tojal	Clima mais frio e mais húmido. Reactivação da erosão marginal à Bacia de Loures.	Última Glaciação
Depósitos de terraço da Quinta do Infantado, Santo Antão e S. Julião do Tojal	Período transgressivo.	Último interglaciário
Antigos depósitos de terraço de Vale da Ribeira de Pinheiro de Loures	Clima frio e húmido.	Penúltima Glaciação
Formação Detrítica de S. Julião do Tojal	Clima frio e húmido.	Penúltima Glaciação
Rompimento da continuidade da costeira de Odivelas-Vialonga e captura de drenagem da Bacia de Loures	Bacia de Loures fechada a NE	Plistocénico médio (?)
Nível de aplanamento dos 40-50 m; Terraço de Reentrante	Bacia de Loures aberta a NE	Plistocénico médio (?)
Individualização da costeira de Odivelas- Vialonga e da Bacia de Loures	Intervenção de processos de erosão diferencial Bacia de Loures aberta a NE	Pliocénico final/ Quaternário antigo (?)
Níveis de aplanamento dos 140-170 m e 100-130 m	Origem fluvio-marinha Ligação à superfície culminante do estuário do Tejo.	Pliocénico
Individualização da costeira de Lousa-Bucelas	Intervenção de processos de erosão diferencial	Pliocénico (?)
Níveis de aplanamento dos 300-350 m 270-290 m e 230-260 m	Origem indeterminada devida á ausência de depósitos correlativos	Miocénico final Pliocénico inferior (?)

**Quadro 2-** Quadro sinóptico das jazidas Paleolíticas do concelho de Loures adaptado de (Fragoso, 2009, p.13).

Designação	Período cronológico	Freguesia	Tipo	Sítio onde se depositaram os materiais	Coordenadas	Observações
Casal da Boca	Paleolítico	Fanhões	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 52' 30, 126" N Long. 9° 08' 58, 466" W Alt. 130m	Descoberto nas prospeções para a carta arqueológica do concelho.
Gruta dos Penedos ou das Salamandras	Paleolítico/ Neolítico e Calcolítico	Lousa	Gruta	Colecção particular	Lat. 38° 51' 57, 251" N Long. 9° 12' 40, 919" W Alt. 166 m.	Intervencionada nos anos 60.
Diaclase de Salemas	Paleolítico /Neolítico	Lousa	Gruta	Museu dos Serviços Geológicos	Lat. 38° 52' 429, 873" N Long. 9° 12' 14, 809" W Alt. 260 m	Materiais recolhidos no seu interior provenientes de trabalhos arqueológicos.
Pedreira de Salemas	Paleolítico/ Neolítico	Lousa	Superfície	Museu dos Serviços Geológicos	Lat. 38° 52' 22, 88" N Long. 9° 12' 21, 589 "W Alt. 257 m	Materiais líticos.
Quinta do Sacouto	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu dos Serviços Geológicos	Lat. 38° 50' 09, 119 " N Long. 9° 09' 58, 807 " W Alt. c. 9 m	Descoberto nas prospeções para a carta arqueológica do concelho
Malhapão 1	Paleolítico/ Idade do Ferro	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 52' 02, 801" N Long. 9° 11' 09, 179 " W Alt. 200 m	Foram realizadas escavações no seu interior em 1979 e 1988.
Loca do Gato ou Pego do Diabo	Paleolítico Neolítico	Loures	Gruta	Museu Nacional de Arqueologia.	Lat. 38° 51' 41, 116 " N Long. 9° 13' 17, 417 " W Alt. 270 m	Material lítico.
Bolores 2	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 51' 33, 384 " N Long. 9° 13' 43, 513 " W Alt. 320 m	Material lítico.
Mato do Cerco	Paleolítico/ Idade do Ferro? e Romano	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 51' 06, 979 " N Long. 9° 10' 45, 739 " W Alt. 164 m	Material lítico.
Arneiro	Paleolítico/ Calcolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 50' 35, 685 " N Long. 9° 13' 55, 882 " W Alt. 120 m	Descoberto nas prospeções para a carta arqueológica do concelho.
Sardinha 3	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49' 53, 581 " N Long. 9° 13' 28, 067 " W Alt. 220 m	Material lítico.
Sardinha 5	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49' 46, 83 " N Long. 9° 13' 53, 462 " W Alt. c. 247 m	Material lítico.

Designação	Período cronológico	Freguesia	Tipo	Sítio onde se depositaram os materiais	Coordenadas	Observações
Correio Mor	Paleolítico Superior Neolítico Antigo e Final Calcolítico Idade do Bronze I Idade do Ferro Idade Média Moderno	Loures	Gruta	Museu Geológico Museu Nacional de Arqueologia e em colecções particulares.	Lat. 38° 49'' 36, 942 '' Long. 9° 11'' 37, 349 '' W Alt. 100 m	Vestígios diversos, encontra-se destruída.
Quinta do Marzagão	Paleolítico/ Idade do Ferro	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 41, 602 '' N Long. 9° 10'' 45, 933 '' W Alt. 50 m	Materiais líticos. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica.
Mosqueiro	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 27, 373 '' N Long. 9° 12'' 16, 092 '' W Alt. 310 m	Materiais líticos.
Abrunheira	Paleolítico /Idade do Ferro	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 25'' N Long. 9° 10'' 36, 513 '' W Alt. 90 – 100 m	Material lítico e cerâmico.
Escola Preparatória Nº1 de Loures	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 31, 362'' N Long. 9° 10'' 06, 156 '' W Alt. c. 8 m	Material lítico.
Montemor	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 15, 379 '' N Long. 9° 12'' 12, 122'' W Alt. 335 m	Material lítico. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica.
Casal do Mortal	Paleolítico Neolítico Calcolítico Romano Moderno	Loures	Povoado escavação	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 15, 556 '' N Long. 9° 10'' 37, 563 '' W Alt. 115 m.	Em 2004, foram realizadas escavações de iniciativa municipal, confirmou-se, igualmente, a existência de uma bolsa associada a materiais do Paleolítico.

<b>Designação</b>	<b>Período cronológico</b>	<b>Freguesia</b>	<b>Tipo</b>	<b>Sítio onde se depositaram os materiais</b>	<b>Coordenadas</b>	<b>Observações</b>
Moínho da Agonia 1	Paleolítico/ Calcolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 13, 12'' N Long. 9° 10'' 11, 041 '' W Alt. 126 m	Materiais líticos e cerâmicos de superfície
Pedreira de Montemor	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 03, 925 '' N Long. 9 11'' 32, 691 '' W Alt. 197 m	Materiais líticos
Quinta da Pipa	Paleolítico Neolítico Romano Moderno	Loures	Gruta	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 09, 419 '' N Long. 9° 11'' 07, 128 '' W Alt. 180 m	Materiais líticos e cerâmicos diversos, de superfície,.
Igreja de Santa Maria, matriz de Loures	Paleolítico/ Idade Média e Moderno	Loures	Vestígios diversos Estrutura	Museu Geológico	Lat. 38° 49'' 54, 392'' N Long. 9° 10'' 47, 706'' W Alt. 15 m	Biface proveniente da Igreja.
Palhais	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 50'' 39, 151'' N Long. 9° 11'' 19, 717'' W Alt. 70 m	Artefactos em sílex. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica.
Quinta de Sant'Ana	Paleolítico	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 48, 638'' N Long. 9° 10'' 26, 87'' W Alt. c. 11 m	Artefactos em sílex. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica
Pai Joanes ou Ceirão	Paleolítico /Moderno	Loures	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 50'' 11, 522'' N Long. 9° 12'' 35, 647'' W Alt. 99 m	Artefactos em sílex . Descoberto nas prospeções da carta arqueológica
Estação do Campo de Futebol	Paleolítico /Romano	Santo Antão do Tojal	Escavação de emergência.	Museu Municipal de Loures	Lat.: 38° 51'' 23, 699'' N Long.: 9° 08'' 31, 901'' W Alt. c. 30 m	Materiais líticos do Paleolítico médio provenientes de intervenção arqueológica de emergência, da responsabilidade do Centro Português de Geologia e Pré-História.

<b>Designação</b>	<b>Período cronológico</b>	<b>Freguesia</b>	<b>Tipo</b>	<b>Sítio onde se depositaram os materiais</b>	<b>Coordenadas</b>	<b>Observações</b>
Malhapão 3	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Municipal de Loures.	Lat. 38° 52'' 04, 006'' N Long. 9° 11'' 0, 726'' W Alt. c. 215 m	Descoberto nas prospeções da carta arqueológica
Mato do Antão	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 51'' 50, 103'' N Long. 9° 10'' 54, 36'' W Alt. c. 175 m	Descoberto nas prospeções da carta arqueológica
Casal do Murtal	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 52'' 02, 979'' N Long. 9° 09'' 32, 434'' W Alt. 135 m	Materiais líticos
Chão de Minas	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 51'' 49, 227'' N Long. 9° 09'' 25, 657'' W Alt. 98 m	Este sítio estende-se por uma área muito vasta. Os materiais líticos são acheulenses e musterienses (Paleolítico inferior e médio).
Placa da Murteira	Paleolítico/ Idade Média	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 51'' 34, 64'' N Long. 9° 10'' 51, 455'' W Alt. c. 145 m	Materiais líticos e cerâmicos.
Casal da Serra de Cima	Paleolítico /Idade Média e Moderno	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 51'' 21, 843'' N Long. 9° 10'' 37, 295'' W Alt. 140 m	Materiais líticos e cerâmicos diversos
Quinta de Nossa Senhora da Conceição	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 51'' 17, 682'' N Long. 9° 08'' 24, 699'' W Alt. 17 m	Materiais líticos de superfície e fauna quaternária.
São Roque	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 51'' 05, 116'' N Long. 9° 09'' 36, 772'' W Alt. c. 47 m	Materiais líticos.
Quinta Nova	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 38, 072'' N Long. 9° 09'' 54, 788'' W Alt. c. 43 m	Materiais líticos.
Lezírias do Barroso	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 33, 411'' N Long. 09° 08'' 45, 853'' W Alt. 10 m	Materiais líticos.

<b>Designação</b>	<b>Período cronológico</b>	<b>Freguesia</b>	<b>Tipo</b>	<b>Sítio onde se depositaram os materiais</b>	<b>Coordenadas</b>	<b>Observações</b>
Quinta da Farinheira 1	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 42, 3'' N Long. 09° 08'' 29, 118 '' W Alt. 10 m	Materiais líticos.
Quinta da Farinheira 2	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Provável depósito dos materiais líticos de superfície no Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 36, 08 '' N Long. 09° 08'' 29, 03'' W Alt. 10 m	Materiais líticos.
Quinta da Farinheira 3	Paleolítico	Santo Antão do Tojal	Superfície	Provável depósito dos materiais líticos de superfície no Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 40, 992'' N Long. 09° 08'' 22, 169'' W Alt. 8 m	Materiais líticos.
Esteiro da Princesa	Paleolítico/ Fauna	Santo Antão do Tojal	Superfície	Provável depósito dos materiais líticos de superfície no Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 27, 46'' N Long. 09° 08'' 49, 776 '' W Alt. 8 m	Materiais líticos e fauna.
Casal da Serra	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 52'' 21, 127 '' N Long. 09° 07'' 6, 926 '' W Alt. 130 m	Materiais líticos.
Alto do Bispo	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 51'' 59, 553 '' N Long. 9° 08'' 18, 171'' W Alt. c. 73 m	Materiais líticos. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica
Arneiro	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 51'' 52, 164 '' N Long. 09° 06'' 54, 356'' W Alt. 23 m	Materiais líticos.
Casal do Barbão ou Casal de Valboim	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 51'' 37, 629'' N Long. 09° 08'' 12, 501'' W Alt. 18 m	Materiais líticos.

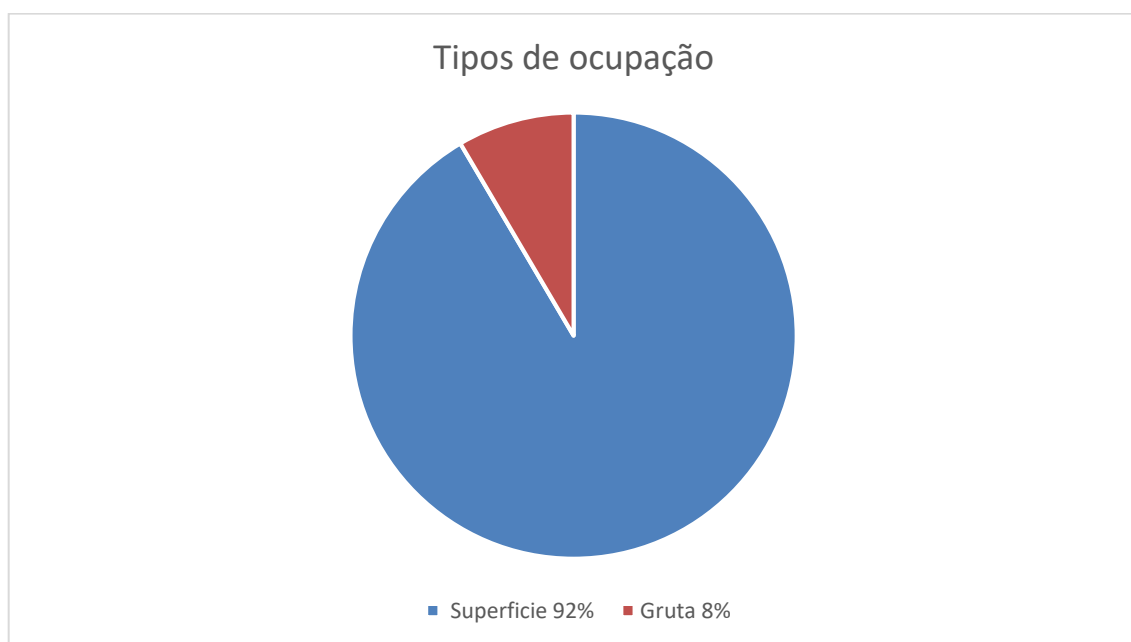
Designação	Período cronológico	Freguesia	Tipo	Sítio onde se depositaram os materiais	Coordenadas	Observações
Casal da Praia	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 51'' 21, 786 '' Long. 09° 07'' 24, 801'' W Alt. 18 m	Materiais líticos
Tojal	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 56, 185'' N Long. 09° 08'' 11, 696 '' W Alt. 5m	Materiais líticos
Mexia	Paleolítico/ Neolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Escavações realizadas em 2008 pela empresa Novarqueologia no âmbito do acompanhamento da obra "Desvio da Linha Carregado/Carriche para a Subestação de Fanhões 220 Kv". Materiais depositados no Museu Geológico e no Museu Municipal de Loures.	Lat. 38° 50'' 44, 754'' N Long. 09° 08'' 12, 999'' W Alt. 10 m	Materiais líticos
Casal da Abelheira	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 31, 668'' N Long. 09° 07'' 39, 903'' W Alt. 10 m	Materiais líticos.
Casal da Boca 1	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 39, 937'' N Long. 09° 07'' 48, 523'' W Alt. 8 m	Materiais líticos.
Casal da Boca 2	Paleolítico	S. Julião do Tojal	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 50'' 32, 629'' N Long. 09° 07'' 32, 72'' W Alt. 15 m	Materiais líticos.
Moinho da Agonia 2	Paleolítico	Santo António dos Cavaleiros	Superfície	Museu Geológico e Mineiro	Lat. 38° 49'' 16, 861'' N Long. 09° 10'' 21, 682'' W Alt. 126 m	Materiais líticos.
Picoeiras	Paleolítico	Santo António dos Cavaleiros	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 48'' 58, 794 '' N Long. 09° 10'' 25, 924 '' W Alt. 123 m	Materiais líticos. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica

<b>Designação</b>	<b>Período cronológico</b>	<b>Freguesia</b>	<b>Tipo</b>	<b>Sítio onde se depositaram os materiais</b>	<b>Coordenadas</b>	<b>Observações</b>
Casal da Ronca	Paleolítico	Santo António dos Cavaleiros	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 48' 55,311" N Long. 09° 10' 12,555" W Alt. c. 95 m	Materiais líticos. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica
Casal do Monte	Paleolítico	Santo António dos Cavaleiros	Estação de ar livre	Museu Geológico Museu Nacional de Arqueologia, Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto, Museu Municipal da Figueira da Foz.	Lat. 38° 48' 31,754" N Long. 09° 10' 03,826" W Alt. 124 m	Vastas colecções de utensilagem lítica recolhida à superfície tornaram este sítio uma referência do Paleolítico da região de Lisboa. Em 1999, realizaram-se sondagens arqueológicas de avaliação prévia à aprovação de obras previstas para o local, não tendo sido possível identificar, seguramente, uma ocupação humana paleolítica.
Torres da Bela Vista	Paleolítico	Santo António dos Cavaleiros	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 48' 35,187" N Long. 09° 10' 50,709" W Alt. 167 m	Materiais líticos
Casal da Paradela	Paleolítico	Santo António dos Cavaleiros	Superfície	Museu Geológico	Lat. 38° 48' 30,612" N Long. 09° 10' 32,241" W Alt. 139 m	Materiais líticos.
Casal do André	Paleolítico	Santo António dos Cavaleiros	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 48' 22,841" N Long. 09° 09' 39,807" W Alt. c. 55 m	Materiais líticos.

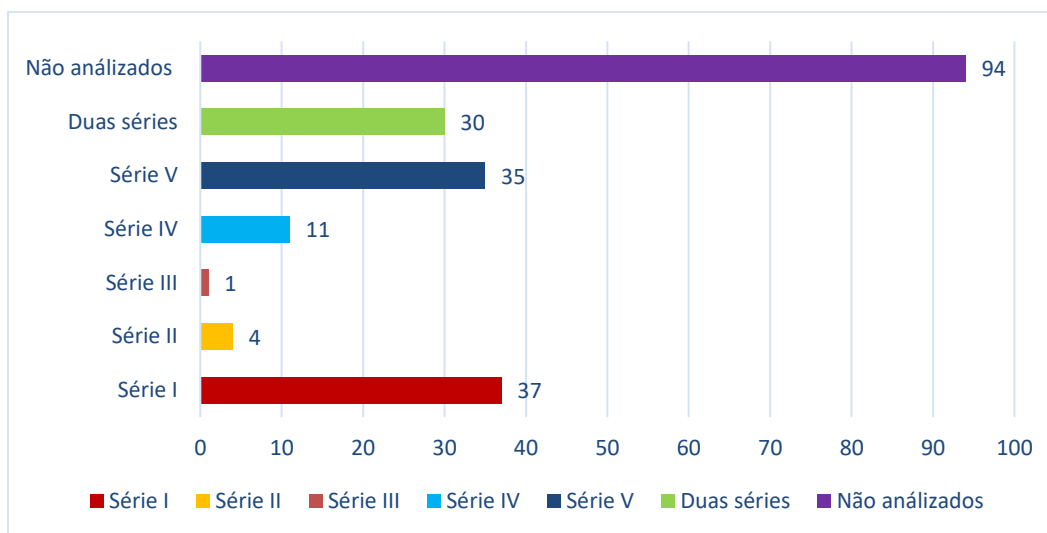


Designação	Período cronológico	Freguesia	Tipo	Sítio onde se depositaram os materiais	Coordenadas	Observações
Courela da Bica	Paleolítico	Santa Iria de Azóia	Superfície	Museu Municipal de Loures	Lat. 38° 49'' 46, 306 '' N Long. 09° 05'' 25, 268 '' W Alt. 92 m	Materiais líticos. Descoberto nas prospeções da carta arqueológica

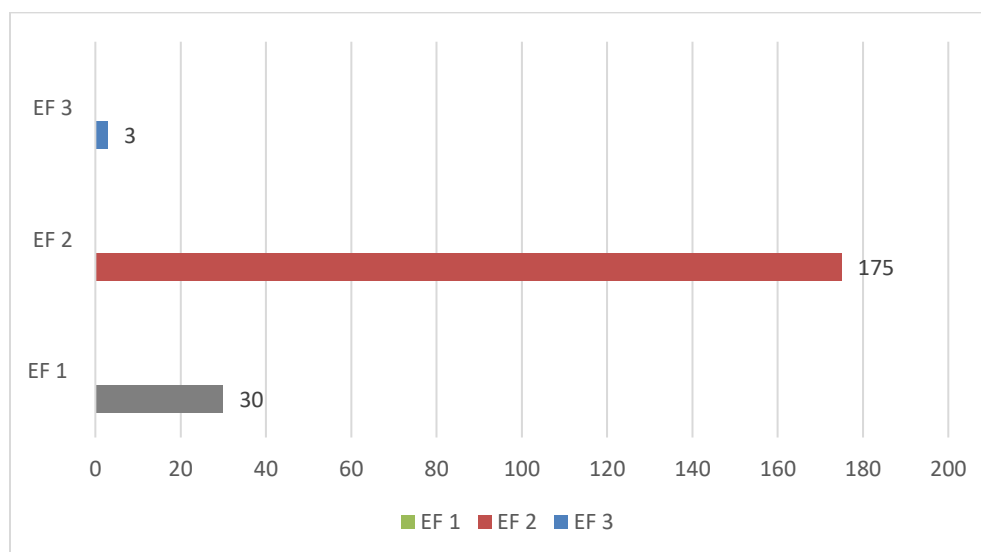
### 13.2 Anexos Gráficos



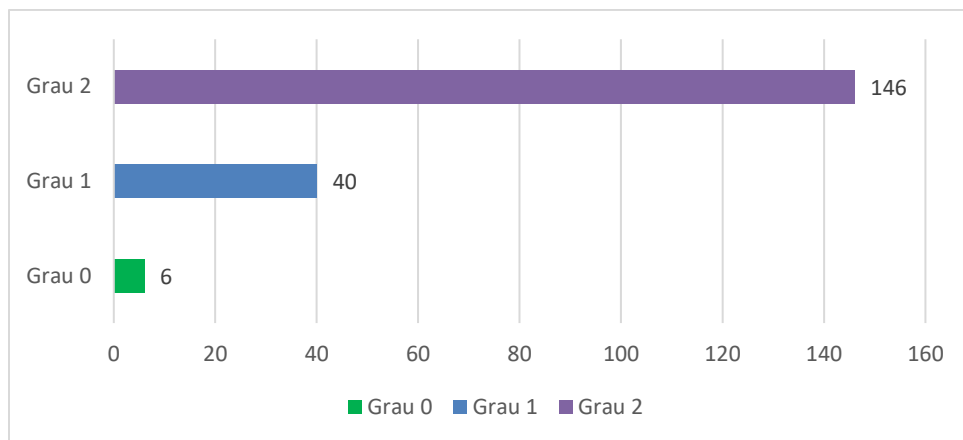
**Gráfico 1-** Análise dos tipos de ocupação do paleolítico em Loures.



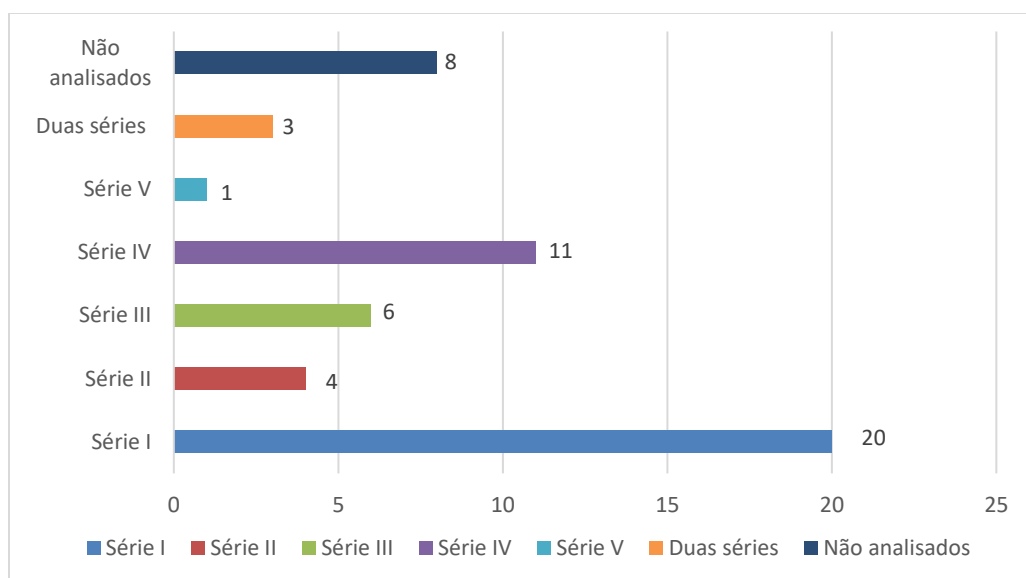
**Gráfico 2**– Núcleos do *Locus I* analisados pelo “método das séries”.



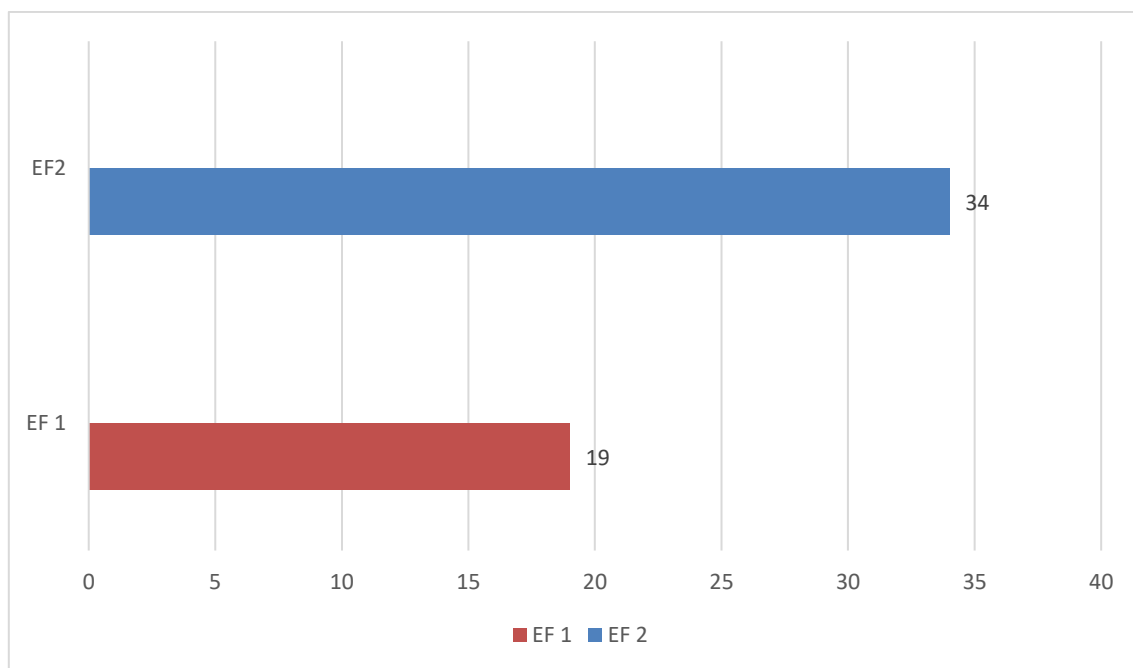
**Gráfico 3**- Estado físico dos núcleos do *Locus I*.



**Gráfico 4-** Graus de exaustão dos núcleos do *Locus 1*.



**Gráfico 5 –** Bifaces do *Locus 1* analisados pelo “método das séries”.

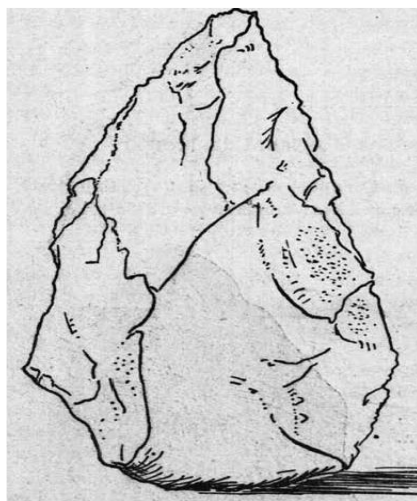


**Gráfico 6-** Estado físico dos Bifaces do *Locus 1*.

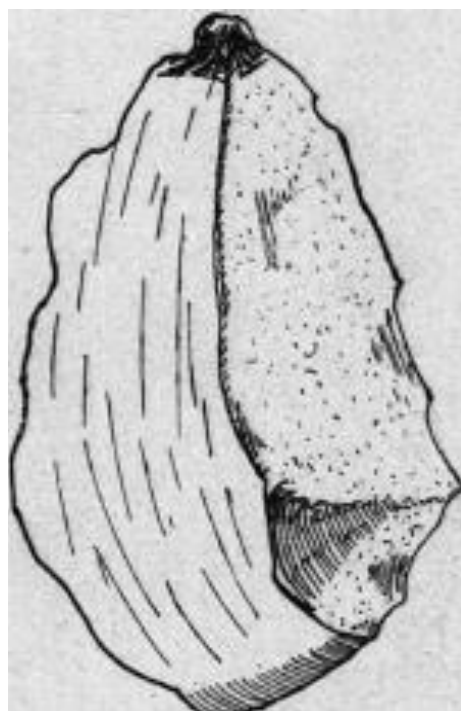
### 13.3 Anexos figuras



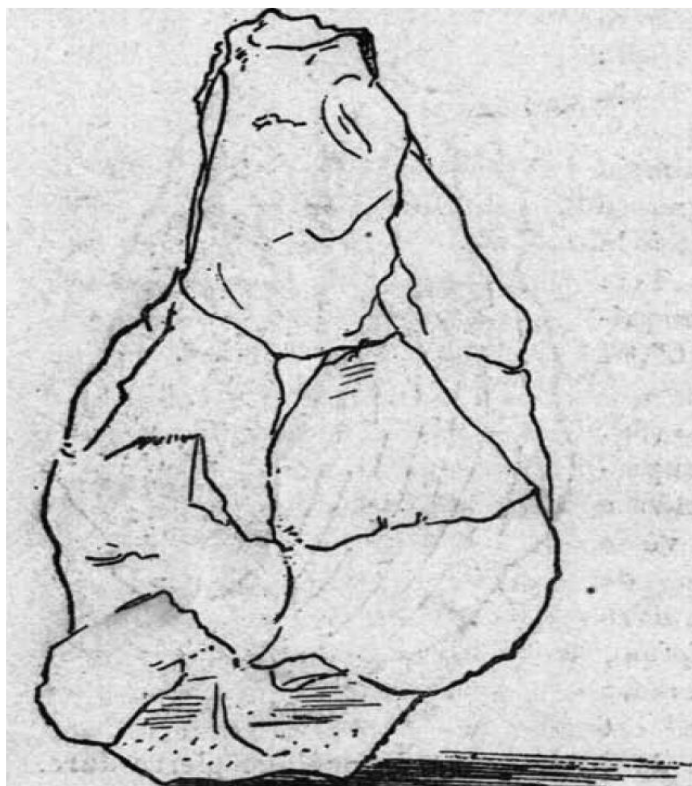
**Figura 5-** Primeiro *coup-de-poing* em quartzito descrito por Joaquim Fontes na primeira notícia sobre o Casal do Monte (Fontes, 1910a, p. 93).



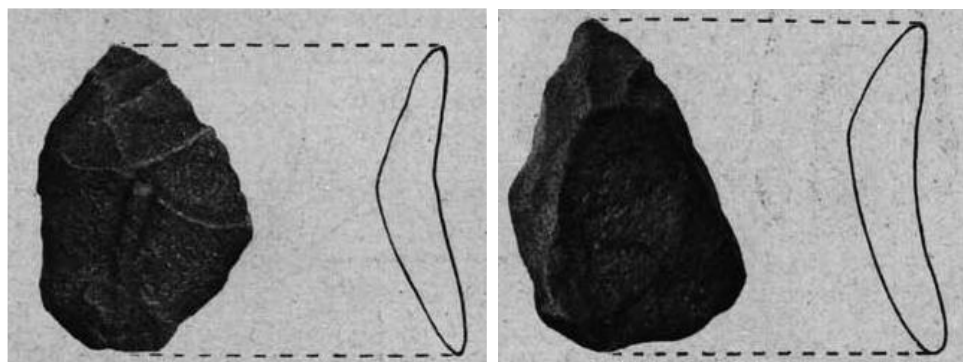
**Figura 6** – Segundo *coup-de-poing* em sílex descrito por Joaquim Fontes na primeira notícia sobre o Casal do Monte (Fontes, 1910a, p. 94).



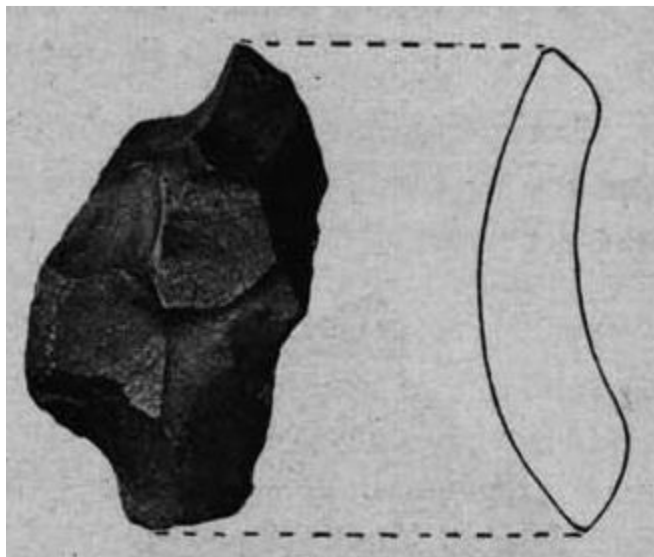
**Figura 7-** Terceiro *coup-de-poing* em em sílex descrito por Joaquim Fontes na primeira notícia sobre o Casal do Monte (Fontes, 1910a, p. 95).



**Figura 8-** Quarto *coup-de-poing* em sílex descrito por Joaquim Fontes na primeira notícia sobre o Casal do Monte (Fontes, 1910a, p. 96).



**Figura 9 e 10-** Lasca de quartzito do Casal do Monte e uma lasca musteriense de quartzito de A-da-Maia (Fontes, 1912b, p.23).



**Figura- 11-** Lasca musteriense em quartzito do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p.23).



**Figura 12-** *Coup-de-poing* triangular em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p. 26).





**Figura 13-** *Coup-de-poing* triangular em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p. 26).



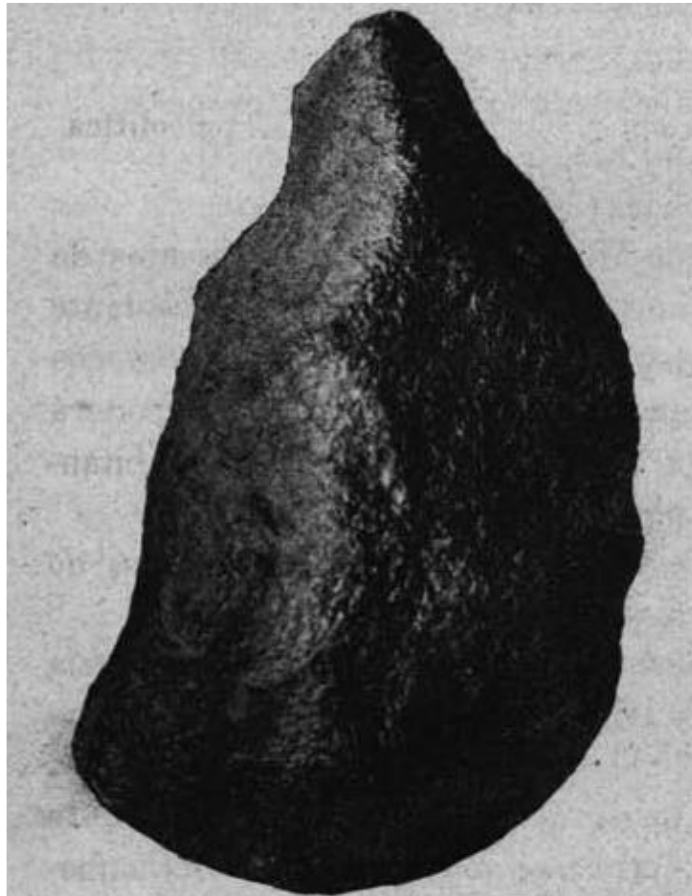
**Figura 14-** *Coup-de-poing* triangular em quartzito do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p. 26).



**Figura 15-** *Coup-de-poing* de quartzito do tipo St.-Acheul (Achelenses) do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p. 27).



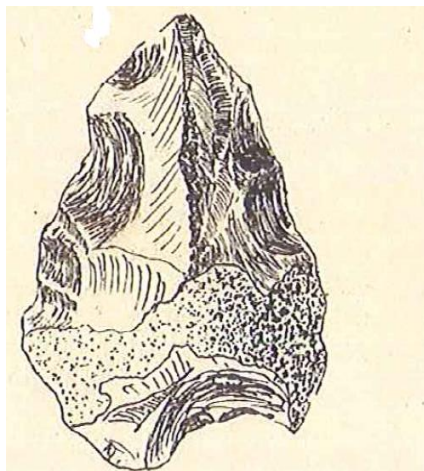
**Figura 16-** *Coup-de-poing* em sílex cheleano do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p. 28).



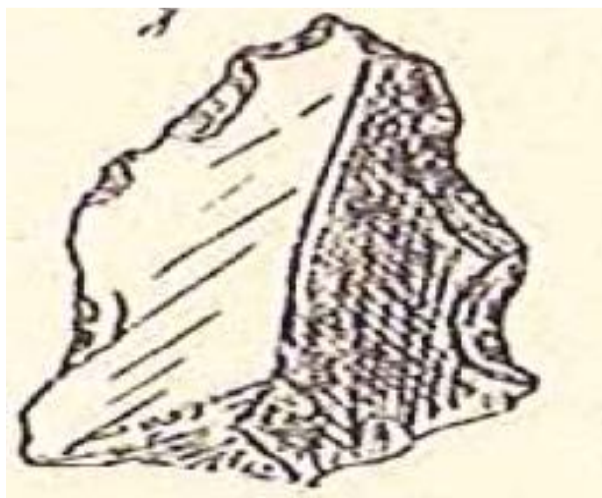
**Figura 17-** *Coup-de-poing* em grés de época Chelles do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p. 38).



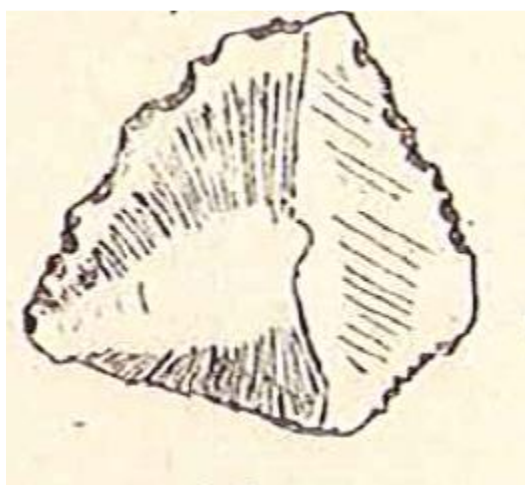
**Figura 18-** *Coup-de-poing* de quartzito do Casal do Monte (Fontes, 1912b, p. 38).



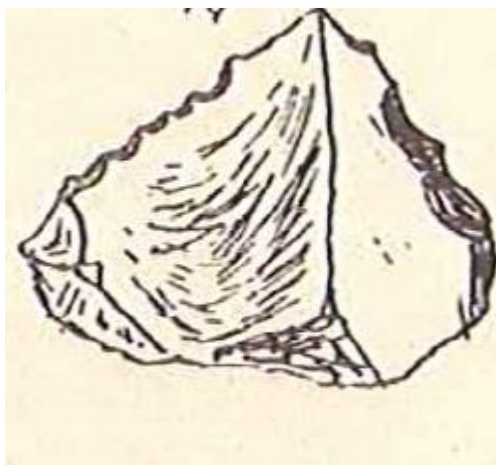
**Figura 19-** *Coup-de-poing* em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 343).



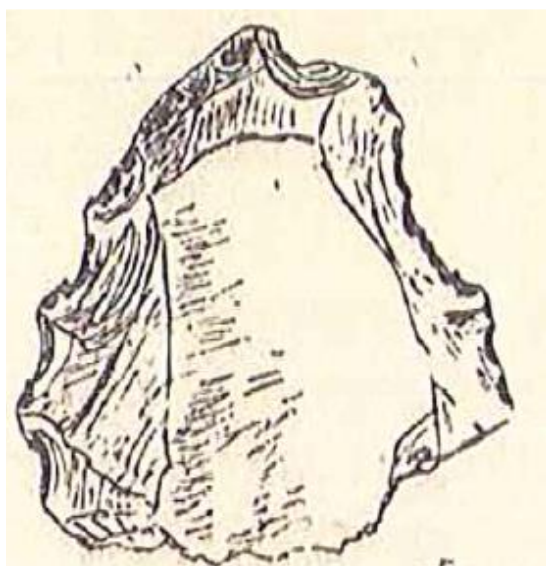
**Figura 20-** Ponta musteriense em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 343).



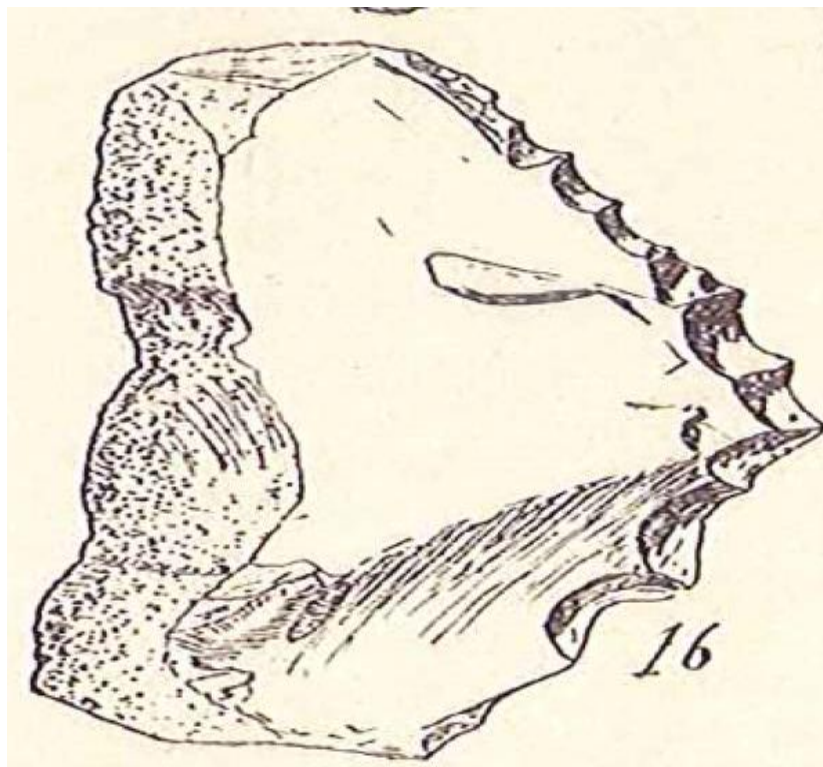
**Figura 21-** Ponta com planos retocados musteriense em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 343).



**Figura 22-** Ponta musteriense em sílex com retoques bilaterais do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 343).



**Figura 23-** Transição de uma ponta para um raspador em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 344).

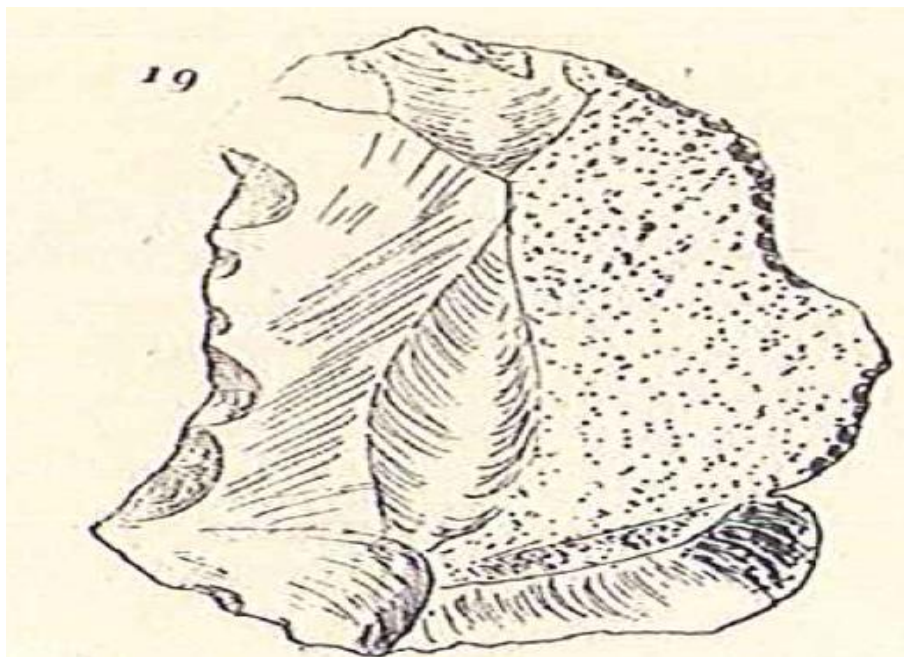


**Figura 24-** Raspador musteriense grande em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 344).

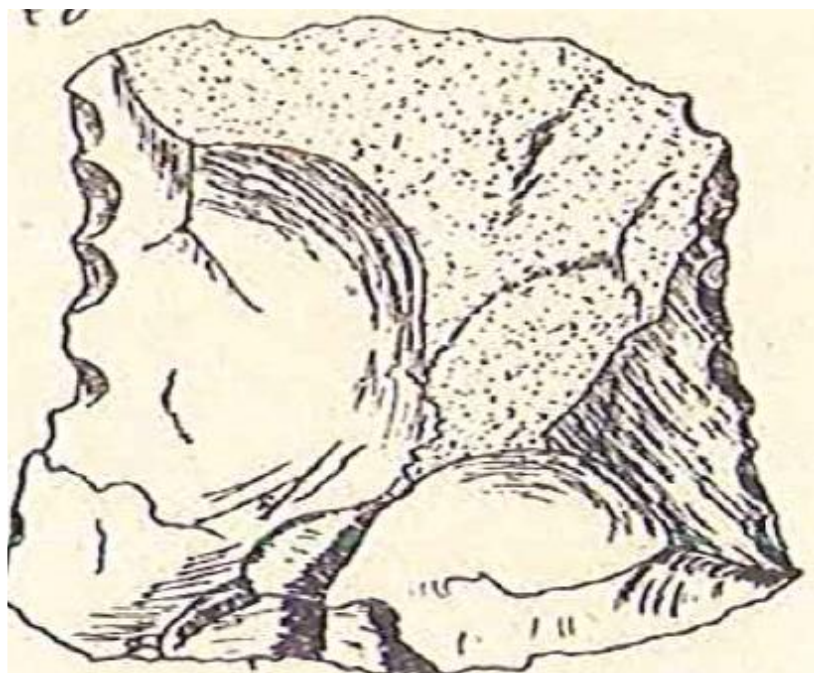


**Figura 25-** Raspador musteriense pequeno em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 344).





**Figura 26-** Raspador musteriense em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 344).

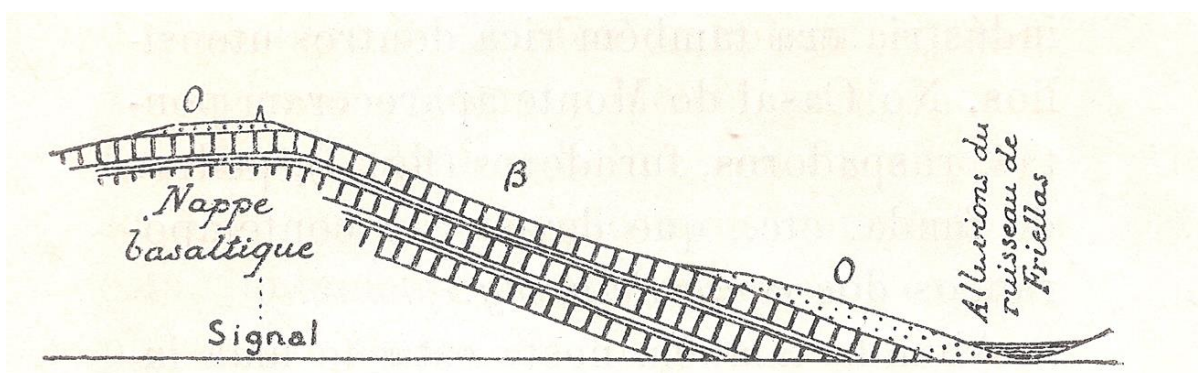


**Figura 27-** Duplo raspador musteriense em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 344).





**Figura 28-** Raspador com entalhe em sílex do Casal do Monte (Fontes, 1913, p. 344).



**Fig. 29** Corte esquemático passado pelo sinal geodésico do Casal do Monte. Distância e alturas cerca de 1/5000- B, toalha basáltica, os conglomerados paleogénicos. Levantado por Paul Choffat. (Fontes, 1923, p, 37).



## post-scriptum

### Monumento nacional em via de destruição!

A estação arqueológica do Casal do Monte, às portas de Lisboa (Póvoa de Stº Adrião), é uma das jazidas portuguesas mais importantes. De entre as muitas que se localizam no manto basáltico dos arredores de Lisboa, ela é considerada como a jazida-tipo, pelas milhares de peças que nela foram e são recolhidas e estudadas. Foi noticiada pela primeira vez em 1910, no «Arqueólogo Português», pelo seu descobridor, prof. Joaquim Fontes. H. Breuil e G. Zbyszewsky, estudaram na década de 40, de um modo exaustivo, o material por eles recolhido, estabelecendo conjuntos tipológicos e, cronologicamente diferenciados, sendo de mais antigos dos inícios do Paleolítico Inferior (centenas de milhares de anos antes de Cristo). Pela importância de que se reveste foi considerada monumento nacional (Ibéc. n.º 516/71, de 22/11).

A Comissão Interdisciplinar para a Protecção do Património Histórico-Cultural esteve no facto de uma estação como a descrita, estar a ser destruída pela urbanização de Stº António dos Cavaleiros, sem que se tomem as medidas necessárias à sua preservação. Efectivamente, já se encontram demarcações de arrematamentos e os trabalhos preliminares de construção foram iniciados.

Será que uma jazida preservada durante milhares e milhares de anos da acção erosiva do tempo irá ser agora destruída em poucos dias por «bulldozers» do século XX?

A Comissão Interdisciplinar P. e Protecção do Património Histórico-Cultural (conselhos de Cascaes-Oeiras-Sintra)

### Os servidores do Estado e a assistência médica

Sou empregado no Estado há cerca de 18 anos, tendo dado o melhor do meu esforço e saber em prol da comunidade, visto o meu trabalho ser de líder com o público. Acontece que, por dever de ofício, tive de consultar um oftalmologista, que me receitou um par de óculos com lentes bifocais e especiais contra os raios solares e cuja importância foi de 2.500\$00 fora a consulta que foi de importância de 250\$00.

Aqui começa o meu desalento e a minha tristeza por ser servidor do Estado, pois não basta sempre marginalizados pelo antigo regime fascista, como também agora, no regime democrático a caminho do socialismo continuamos na mesma marginalização, com salários e assistência médica e medicamentosa precários. No caso presente, a ADSE e «Previdência» dos funcionários do Estado, só comparticipa com 500\$00 de 2.500\$00 que gastei, ficando assim um prejuízo de 2.000\$00, não fazendo já nas consultas pois que só são 150\$00 por cada. Se o servidor do Estado tem uma doença que necessita a consulta de um especialista, que leva de consulta várias centenas de escudos, uma vez que a lei só lhe confere 150\$00 por consulta, das duas uma, ou morre à minúcia por falta de recursos ou tem, de recorrer à caridade pública pelo motivo dos baixos salários e da fraca assistência médica.

Tenho de ser operado a uma úlcera ao estômago e à vesícula, mas estou a pensar em pedir um subsídio ao «D. Pedro» para ajudar a pagar as operações visto que o patrão para que trabalho e que me explora, não me protege na assistência médica.

Tudo isto me causa repulsa e desânimo pois foi a servir o Estado que arruinei a minha saúde, e se um dia chegar à reforma, será a pensão de miséria, como vejo a dos meus antigos colegas.

Para o Estado tem menos valor os servidores trabalhadores e honestos, do que alguns que o servem e ainda o servem cheios de corrupção.

Será este o Socialismo para que a Constituição apor-  
t?

J. Pereira Duarte — Lisboa

## AMANHÃ ÚLTIMAS REUNIÕES

# PS volta a discutir com o PCP e o PSD

O Partido Socialista prosseguiu ontem com o PCP e o CDS as negociações bilaterais tendentes ao encontro numa plataforma para a formação do II Governo Constitucional. Das declarações dos dirigentes empenhados nas negociações resultou a dupla ideia de que se estão a registar alguns avanços, mas não suficientemente significativos; há dificuldades que subsistem e está-se ainda relativamente longe de qualquer entendimento definitivo. Estas negociações de vem terminam amanhã, com reuniões entre o PS e o PCP e o PSD/PPD. Aguardam-se com alguma expectativa os resultados deste último encontro. Depois, haverá uma reunião da Comissão Directiva do PS. Trata-se, aqui, de «apreciar a situação política» à luz dos resultados das negociações que se processam.

### PS/PCP

O encontro de ontem entre o PS e o PCP decorreu na sede do PS. Pelos socialistas participaram nas trocas Jaime Gama, Jorge Campinos e António Reis. Pelo PCP, Carlos Brito, Carlos Costa e Domingos Abrantes. Foi o terceiro encontro no ciclo actual das negociações pendentes.

### PS-CDS

O encontro da delegação do PS com a delegação do CDS foi na sede deste partido. No final, Jaime Gama fez o ponto da situação das negociações e disse que ele «permitirá, muito em breve, clarificar completamente o resultado das con-

versações tidas até aqui». «Essa clarificação será feita possivelmente numa próxima reunião», acrescentou.

Para Amaro da Costa, a reunião decorreu num ambiente de grande franqueza e cordialidade. O dirigente centrista não escondeu que, durante o encontro, tinham surgido algumas dificuldades que ainda se mantêm.

### AMANHÃ

O «Diário de Notícias» da hoje conta uma inconfidência de António Reis sobre o resultado com o PCP, e segundo a qual haverá possibilidades de se chegar a um acordo interpartidário ainda esta semana. No final do encontro com o CDS outro dirigente socialista, Jaime Gama, admitiu que esperava ao final desta semana aqui-

lo a que chamou «clarificação» da situação política no que se a do difícil enredo que actualmente a caracteriza.

Os encontros de amanhã, com o PCP (às 10 horas, na António Serral) e com o PSD (às 18 e 30, na sede nacional desta organização), poderão ser decisivos. Sobre o encontro com o PSD, que tem sido o interlocutor mais difícil do PS, pode-se admitir com larga margem de probabilidade de que não será do PCP que surgirão dificuldades novas. Todavia, as obrigações do PSD podem ser um decisivo factor de impedimento para a concretização do acordo que se anuncia. Se tal acordo não se concretiza, espargem como mais do que provável (até mesmo inevitável) a realização de eleições gerais antecipadas num prazo muito próximo.

## PARA A QUADRA DO NATAL

### CP pós a circular 84 comboios especiais

Para atender ao crescente número de passageiros que se deslocam entre Lisboa e Porto na quadra do Natal, o CP pós em circulação 84 comboios especiais, com partida de capital.

O melhor movimento está previsto para os dias 22 e 23 de Dezembro, devendo os comboios circular com 13 comboios, de modo a dar escoamento ao número de viajantes. No dia de Natal não se tem organizado nenhum comboio especial, mas no dia 30 de novo haverá viagens extraordinárias entre as duas cidades.

### ATRASOS NO ESTORIL

Uma avaria na composição de um comboio da Linha do Estoril provocou esta manhã atrasos consideráveis aos milhares de utentes que todos os dias utilizam aquela linha como meio de transporte. Calcula-se que os atrasos verificadas foram de hora e meia.

## Estação de «metro» da Avenida já dá para quatro carruagens

Pela primeira vez estabeleceram quatro carruagens na estação do metropolitano da Avenida, concluídas que foram as obras que desde há meses já decorriam com vista a ampliar o cais.

Entretanto, prosseguem os trabalhos de ampliação das estações Anjos, Picotas, e Pátio, de modo a permitir que as quatro carruagens dos comboios possam alojar em todos os cais.

## OLHE O PERIGO DE FRENTE!

**Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo**

**Circular e viver.**

# FIM DO ANO Torralta 1977

## TROIA-ALGARVE

REVELLON DESDE 750 ESC. POR PESSOA  
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS A SECCAO DE RESERVAS DE LISBOA Telef. 571748, OU  
QUALQUER DELEGACAO TORRALTA  
EM PORTO BRAGA, VILA REAL, COIMBRA, CALDAS DA RAINHA E SETUBAL

HOTEL BRAGANCA - REVELLON 1000 ESC.

Fig. 30 - Notícia sobre o processo de destruição em que se encontrava a jazida do Casal do Monte, publicado no Diário de Lisboa em (1977), "Diário de Lisboa", nº 19534, Ano 57, Terça, 20 de Dezembro de 1977, CasaComum.org, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_3733](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_3733) (2017-12-3).



**Fig. 31-** O Casal do Monte actualmente, é visível na imagem os prédios brancos, debaixo dos quais se encontrava o local onde Joaquim Fontes encontro os primeiros materiais.



**Fig. 32-** Dois bifaces do Museu Geológico, utilizados com biface utensílios. O primeiro é de arenito o segundo de quartzito.





**Fig.33-** Núcleo levallois em sílex proveniente do Museu Geológico



**Fig.34** Pequenos bifaces em sílex proveniente do Museu Geológico



**Fig.35-** Bifaces de quartzito do Museu Geológico

## **14. Inventário**

O inventário foi feito em conjunto com os parâmetros descritivos de cada artefacto, desta forma a apresentação está dividida por núcleos, triedros e bifaces.

As referências para cada museu são as seguintes:

MNA- Museu Nacional de Arqueologia

MG- Museu Geológico

Os restantes parâmetros descritivos estão explicados na metodologia.

### Núcleos do MNA

Nº	Obj	MP	EF	C	L	E	Nífs	Nífi	DL	GE	Desc	Class	Sér	Obs.
2017.8.3	N	S	3	78,22	65	35,1	8	8	c	1	2	Cen		
2017.8.4	N	S	2	55,1	44,3	40	6	6	Lu	0	1	Glo		
2017.8.5	N	Q	2	75,8	60,7	40,1	8	0	Lb	1	1	Pris		
2017.8.6	N	S	1	66,1	54,6	48,6	21	0	c	2	2	Cen		
2017.8.7	N	Q	1	107,2	79,9	54,5	9	6	c	1	2	Cen		
2017.8.8	N	S	2	53,6	45,4	23,7						Frag		
2017.8.9	N	Q	2	70,3	55,8	42,2	12	20	c	1	2	Cen		
2017.8.10	N	Q	2	77,5	74,3	40,2	8	2	Lu/c	1	2	Cen		
2017.8.11	N	Q	1	94,6	79,9	44,8	6	6	Lu	1	1	Glo		
2017.8.12	N	S	2	91,62	79,5	43,1	6	8	c	1	2	Cen		
2017.8.13	N	S	1	70,3	50	32	11	3	c	2	1	Glo		
2017.8.14	N	Q	2	72,4	56,2	45,2	10	1	c	1	1	Cen		
2017.8.15	N	S	1	71,3	49,3	26,1	2	5	d	2	1	Glo		
2017.8.17	N	Q	2	75,5	45,9	26,5	1	6	d	2	1	Glo		
2017.8.18	N	S	2	68,5	45	27,6	14	25	d	2	2	Pris		
2017.8.19	N	Q	2	72,8	43,2	36,8						Frag		
2017.8.20	N	S	2	74,8	45,8	37,9	14	2	tc	2	2	Cen		
2017.8.21	N	Q	3	51,94	48,7	36,1	10	10	c	2	2	Cen		
2017.8.22	N	S	2	58,3	50,1	27,8	14	9	c	1	2	Cen		
2017.8.23	N	S	3	63,2	53,4	36	11	11	c	1	2	Cen		
2017.8.24	N	S	2	57,9	45	21,5	3	8	Lu	2	2	Pris		
2017.8.25	N	Q	1	81,5	71,6	29,9	2	7	Lb	2	1	Pris		
2017.8.26	N	Q	2	73,1	59,1	31,3	5	6	c	1	2	Cen		
2017.8.27	N	C	2	73,4	61,8	37,5	2	4	c	0	2	Cen		
2017.8.28	N	S	1	56,2	46,3	29,4	9	13	Lb	2	1	Pris		
2017.8.29	N	S	1	68,9	41,8	29,8	10	9	c	1	2	Pris		
2017.8.30	N	S	2	54,4	43,7	29,5	8	8	c	2	2	Cen		
2017.8.32	N	C	1	43,8	31,7	19,2	6	7	tc	2	2	Cen		
2017.8.33	N	C	1	55,7	46,1	42,9	6	1	Tb	2	2	Gol		
2017.8.34	N	C	2	51,3	49,1	25,5						Frag		
2017.8.35	N	C	1	46,1	35,8	25,8	4	4	Lb	2	1	Glo		
2017.8.36	N	C	1	74,4	45	26,7						Frag		
2017.8.37	N	S	2	41,4	34,8	16,1	18	4	Lb	2	2	Glo		
2017.8.38	N	Q	1	83	42,6	24,2						Frag		
2017.8.39	N	S	2	73,3	60,1	42,5	8	8	c	1	2	Cen		
2017.8.40	N	S	2	43,8	32,2	26,5						Frag		
2017.8.41	N	S	2	66,5	62,6	50,4	8	7	Lu	1	2	Glo	II	
2017.8.42	N	S	1	88	56,8	42,2	13	4	c	1	1	Pris		

2017.8.43	N	S	2	64,7	48,3	46,6	12	6	c	2	2	Glo		
2017.8.52	N	Q	2	73	61,2	36,5	5	6	Lu	1	1	Cen	I+II	Retoques de duas épocas
2017.8.55	N	S	2	37,3	26	25	5	7	c	1	1	Cen		
2017.8.62	N	S	1	101	77,2	31,8	2	4	Lu	2	1	Cen		
2017.8.63	N	S	2	42,6	28,3	25	5	5	Lb/c	2	3	Glo		
2017.8.64	N	S	1	91,4	76,6	40,7	15	10	Lb	1	2	Glo		
2017.8.65	N	S	2	59,2	49,2	40,3	17	7	Lb/c	1	2	Glo		
2017.8.66	N	S	2	39,2	36,9	21,3	9	9	Lb/Tu	2	3	Pris		
2017.8.67	N	S	1	48,2	45,1	32,4	7	4	c	2	2	Cen		
2017.8.68	N	S	2	57,7	42,4	30,3	21	11	Lb/c	1	2	Pris		
2017.8.69	N	S	2	65,5	53	48,2	7	8	c	1	2	Cen		
2017.8.70	N	S	3	58,7	39,7	30,6	9	10	c	2	2	Cen		
2017.8.71	N	S	2	71,5	44	42,1	10	7	Lb	2	2	Pris	IV	
100	N	S	2	79,7	69,8	50	15	45	c	2	2	Cen		
216	N	S	2	42,6	24,5	16,4	9	4	Lu	2	2	Glo		
229	N	S	2	56,4	31,4	31,4	8	3	c	2	2	Pris	III	
628	N	S	3	54,8	50,3	39,8	5	13	c	1	2	Cen		
635	N	Q	2	83,91	77,6	48,6	9	2	Tu	0	3	Glo		
2187	N	S	1	60,1	45,5	19,2	4	4	Lu	2	1	Pris		
2514	N	S	1	42,4	35,3	16,6						Frag		
2532	N	Q	2	66,1	55,3	30,8	2	9	c	1	2	Cen	II	
2594	N	S	2	40,2	31,2	27,2	6	4	Lb	2	1	Pris		
2718	N	Q	1	78,9	75	40,9	9	2	c	2	1	Glo	I+II	Retoques de duas épocas
23505	N	C	1	71,9	49,5	23,4	3	2	Lu	1	1	Pris		
23908	N	S	1	51,8	44,2	11,1	1	1	Lu	2		Cen		
23935	N	S	2	78	52,2	22,2	3	6	d	1	1	Glo		
23936	N	S	1	62,2	45,4	17,4	4	7	d	2	1	Glo		
23945	N	S	1	59,2	44,9	26	6	4	c	2	1	Glo		
23972	N	S	2	56,5	54	31,5	7	4	d	2	1	Glo		
23998	N	C	1	61,8	42,2	29,5	4	3	c	1	1	Glo		
24116	N	Q	2	74,1	58,6	39,9	12	3	c	1	3	Pris	I+II	Retoques de duas épocas
24279	N	S	2	67,6	39	30,5	9	2	Tc	2	2	Glo		
25020	N	S	2	48,8	35,7	28	7	7	c	2	2	Cen		
25022	N	S	2	59,1	30,7	25,5						Frag		
25149	N	Q	2	62	48,5	32,6	3	10	Lb	1	1	Pris		
25250	N	S	2	50,4	38,4	20,2	3	8	Lb	2	1	Pris		



### Núcleos do MG

Nº	Obj	MP	EF	C.	L.	e.	Nifs	Nifi	DL	Ge	DESC	Class.	Série	Obs.
122.0001	N	S	2	76,3	73,1	32,4	4	2	c	2	2	Lev	IV	
122.0003	N	S	2	52,9	47,3	31,7	6	6	c	2	2	Cen	IV	
122.0004	N	S	3	55,2	48,2	23,5	3	5	c	2	2	Cen	IV	
122.0008	N	S	1	79,2	65	33,7	17	25	d	2	2	Glo	IV	
122.0012	N	S	2	103	78	35,6	12	9	c	2	2	Cen	IV	
122.0013	N	S	2	51,4	39,9	30,9	4	11	d	2	2	Glo	IV	
122.0016	N	S	2	77,4	72,5	10,8	22	3	d	2	2	Glo	IV	
122.0043	N	S	2	51,1	36,6	24,8	9	3	c	2	2	Cen	IV	
122.0055	N	S	2	42,67	36,3	24	6	5	c	2	2	Lev	IV	
122.0071	N	C	2	32,5	25,3	17,8						Frag		
122.0088	N	C	2	30,8	34,4	31,2	8	7	C	2	2	Cen	V	
122.0095	N	C	2	40,5	38,7	29	6	6	c	2	2	Cen	V	
122.0098	N	C	2	74	61,6	50	3	4	d	2	2	Glo	V	
122.0108	N	S	3	77,6	69,4	33,6	7	1	C	2	2	Cen	V	
122.0110	N	S	2	129,1	91,1	37,5	4	10	d	1	2	Glo	V	
122.0111	N	O	2	99	72,2	69,9	4	7	c	1	2	Cen	V	
122.0112	N	C	2	70,9	63,1	32,9	14	5	d	1	2	Glo	V	
122.0116	N	Q	2	90,6	70,5	61,8	7	8	c	1	2	Cen	V	
122.0144	N	S	2	47,5	49,4	26,5	11	6	d	2	1	Cen	V	
122.0148	N	S	2	54,3	51,8	22,7	7	8	d	2	1	Cen	V	
122.0152	N	S	2	62,5	45,7	42,5	14	2	c	2	2	Cen	V	
122.0155	N	S	2	59,3	53,8	18,5	9	3	c	2	2	Cen	V	
122.0158	N	S	2	40,6	36,5	22,1	17	2	c	1	2	Cen	V	
122.0160	N	S	2	51,8	30,8	18,4						Frag		
122.0163	N	Q	2	52,6	44,7	28,1	8	6	c	2	2	Cen	V	
122.0165	N	Q	2	60,3	28,6	23,1						Frag		
122.0168	N	C	2	34,6	33,4	26,6	5	4	c	2	2	Cen	V	
122.0169	N	C	2	106	94,3	58,7	16	0	c	1	2	Cen	V	
122.0171	N	S	2	48,6	44,3	23,5	6	7	c	2	2	Cen	V	
122.0178	N	S	2	77,1	68,1	38,5	15	4	lu	1	2	Glo	V	
122.0182	N	S	2	46,4	39,6	16,1	11	5	c	2	2	Cen	V	
122.0184	N	S	2	47,2	45,7	20,6	9	6	c	2	2	Cen	V	
122.0186	N	S	2	33,5	32,6	16,8	5	15	c	2	2	Cen	V	
122.0189	N	S	2	70,1	45	20,1	6	3	c	2	2	Cen	V	
122.0190	N	S	2	57,8	50,5	33,2	6	5	c	2	2	Cen	V	
122.0193	N	S	2	59,6	52,1	22,3	4	6	c	2	2	Lev	V	
122.0195	N	S	1	58,5	34,5	18,8	8	4	c	2	2	Cen	V	
122.0196	N	S	2	55,3	45,4	23,7	21	4	c	2	2	Cen	V	

122.0197	N	S	2	50,8	37,4	13,2	6	6	c	2	2	Cen	V	
122.0198	N	S	2	48,6	43,7	35,3	8	6	c	2	2	Cen	V	
122.0199	N	S	2	46,7	40,7	29,8	7	7	c	2	2	Cen	V	
122.0200	N	S	2	58,4	48	33,8	9	9	c	2	2	Cen	V	
122.0201	N	S	2	66	59,4	52,6	4	13	c	2	2	Cen	V	
122.0202	N	S	2	55,5	52,6	49	8	6	d	2	2	Glo	V	
122.0290	N	S	2	82,4	54,1	35	21	8	d	2	2	Pris	II+III	Retoques de duas épocas
122.0293	N	S	2	112	83,5	12,6	11	13	d	2	2	Glo	II+III	Retoques de duas épocas
122.0295	N	Q	2	53,8	52,9	28,7	8	8	c	2	2	Cen	II+III	Retoques de duas épocas
122.0299	N	C	2	51,9	43,9	28,7					2	Frag		
122.0301	N	Q	2	108	75,9	21,9	0	20	c	2	2	Cen	I+IV	Retoques de duas épocas
122.0302	N	Q	2	104	83,4	33,7	11	6	d	2	2	Glo	III+I	Retoques de duas épocas
122.0303	N	Q	2	61,8	69,9	33,3	2	10	c	2	2	Cen	II+III	Retoques de duas épocas
122.0304	N	S	2	72,3	64	22,2	7	11	d	2	2	Glo	I+V	Retoques de duas épocas
122.0305	N	Q	2	113	73,1	36	11	5	d	2	2	Pris	IV+V	Retoques de duas épocas
122.0333	N	S	2	39,6	35	25,7	16	5	c	2	2	Cen	II+IV	Retoques de duas épocas
122.0335	N	S	2	66,1	46,4	20,1	7	5	d	2	2	Glo	II+VI	Retoques de duas épocas
122.0338	N	Q	2	81,1	63	35,4	9	11	d	2	2	Pris	III+IV	Retoques de duas épocas
122.0339	N	S	2	65,6	41,1	17,8	8	4	d	2	2	Glo	I+II	Retoques de duas épocas
122.0340	N	Q	2	54,2	32,9	24						Frag		
122.0341	N	S	2	53,9	51,5	31,9	11	5	c	2	2	Cen	II+V	Retoques de duas épocas
122.0342	N	Q	2	73,5	64,9	30,1	6	5	c	2		Cen	I+V	Retoques de duas épocas
122.0343	N	Q	2	64,7	63,2	19,1	7	3	c	2	2	Cen	I+III	Retoques de duas épocas
122.0344	N	S	2	72,8	65,1	32,5	2	2	c	2	2	Cen	II+V	Retoques de duas épocas
122.0345	N	S	2	76,9	60,4	30,7	12	2	d	2		Glo	IV+V	Retoques de duas épocas
122.0348	N	S	2	39	29,3	12	8	6	c	2	2	Cen	II+V	Retoques de duas épocas
122.0350	N	S	2	42,4	26	16,7	8	15	d	2	2	Glo	II+IV+	Retoques de duas épocas
122.0356	N	S	2	42,2	21,9	20,6						Frag		
122.0360	N	S	2	124	73,4	43,2	13	5	d	1	2	Glo	III	
122.0361	N	S	2	55,1	45,5	36,2	8	11	d	2	2	Glo	IV+V	Retoques de

														duas épocas
122.0363	N	S	2	69	46,3	6,2	6	6	d	2	2	Glo	III+IV	Retoques de duas épocas
122.0365	N	S	2	50,2	37,8	19	6	8	d	2	2	Pris	III+VI	Retoques de duas épocas
122.0366	N	O	2	71,7	44,3	37,5	2	5	d	2	1	Glo	I+IV	Retoques de duas épocas
122.0367	N	S	2	41,1	34,3	11,5	9	8	c	2	2	Cen	II+VI	Retoques de duas épocas
122.0368	N	S	2	65,8	53,2	39	9	7	d	2	2	Pris	II+VI	Retoques de duas épocas
122.0371	N	S	2	82,8	67,4	36,2	3	3	c	2	2	Cen	IV+V	Retoques de duas épocas
122.0387	N	S	2	35,3	23,5	14,1	8	2	c	2	2	Cen	I	
122.0404	N	S	2	101	52,9	22,9	6	7	d	0	2	Pris	I	
122.0405	N	Q	2	105	42,7	23,9	8	7	d	1	2	Glo	I	
122.0407	N	Q	2	62,7	55	26	5	7	d	2	2	Pris	I	
122.0410	N	Q	2	64,9	56,5	28,7	0	5	d	2	2	Pris	I	
122.0413	N	Q	2	64,4	40,6	17,7						Frag		
122.0414	N	Q	2	72,7	48,2	19,6						Frag		
122.0415	N	Q	2	79,3	61,6	34,1	1	7	d	2	2	Pris	I	
122.0416	N	Q	2	59,2	64,5	33,6	5	7	c	2	2	Cen	I	
122.0418	N	Q	2	91,7	54,5	23,8	2	12	d	2	2	Pris	I	
122.0420	N	Q	2	71,1	47,5	27,5	0	7	d	2	2	Pris	I	
122.0421	N	Q	1	54,2	48,5	21,1	2	10	d	2	2	Pris	I	
122.0422	N	Q	2	88,9	63	26,2	5	9	d	2	2	Pris	I	
122.0425	N	Q	2	72,2	61	37,1	0	12	d	2	2	Glo	I	
122.0426	N	Q	2	90,4	83,8	23	15	0	c	1	2	Cen	V	
122.0427	N	Q	2	103	66,5	31,5	12	4	c	1	2	Cen	I	
122.0428	N	Q	2	108	66,1	47,1	10	5	d	1	2	Pris	I	
122.0448	N	S	2	50,8	44	34	8	6	d	2	2	Glo	I	
122.0454	N	S	2	80,2	48,4	19	9	7	d	2	2	Pris	I	
122.0449	N	S	2	49,4	43,9	25,9	8	3	d	2	2	Pris	I	
122.0452	N	S	2	44,4	32,6	22,1	8	6	d	2	2	Pris	I	
122.0456	N	S	2	126	93,4	23,2	8	6	d	2	2	Pris	I	
122.0705	N	S	2	70,3	71	55,2	16	10	d	2	2	Lev	IV	
122.1055	N	Q	2	82,7	55,8	26,6	5	3	d	2	2	Pris	I	
122.1058	N	Q	2	126	105	33,1	16	7	d	0	1	Pris	I	
122.1063	N	S	2	113	99,2	38,4	8	4	d	0	2	Glo	I	
122.1061	N	S	2	76,2	66,6	37	3	8	c	2	2	Cen	I	
122.1062	N	S	2	79,4	59,8	41,5	11	3	d	2	2	Pris	I	
122.1064	N	Q	2	69,9	53,4	32,9	7	11	c	2	2	Cen	I	
122.1065	N	Q	2	53,5	49,8	12	7	9	d	2	2	Pris	I	

122.1066	N	S	2	52,5	44,6	15,8	10	4	d	2	2	Pris	I	
122.1067	N	Q	2	63,1	48,6	14	2	7	d	2	2	Pris	I	
122.1069	N	Q	2	60	50,8	30,1	8	0	c	2	2	Cen	I	
122.1070	N	S	2	66,5	40,6	30,3	7	5	c	2	2	Cen	I	
122.1071	N	S	2	51,7	50,3	39,5	4	4	d	2	2	Glo	I	
122.1072	N	S	2	67,4	44,2	36,1	10	10	d	2	2	Glo	I	
122.1073	N	S	2	56,2	44,9	21,6	5	10	d	2	2	Glo	I	
122.1082	N	Q	1	110	58,7	37,4	2	3	lu	2	2	Pris	I	
122.1083	N	S	2	127	84,5	39,7	7	16	d	2	3	Glo	II	
122.1084	N	O	1	111	77,3	38,9	11	11	d	2	3	Glo	II	MP de ortoquartzito
122.1126	N	S	2	73,5	62,8	32,8	6	5	c	2	2	Cen	I	
122.1129	N	S	2	31,2	28,8	14,1	8	9	d	2	2	Cen		
122.1141	N	S	2	24,2	23,8	15,7	8	4	c	2	2	Cen		
122.1144	N	S	2	34	26,7	15,2	4	2	d	2	2	Pris		
122.1149	N	S	2	43	31,1	15,5	7	5	c	2	2	Pris		
122.1153	N	S	2	43,1	39,8	22,1	4	10	d	2	2	Pris		
122.1159	N	S	2	54,9	41,7	19,5	8	3	c	2	2	Pris		
122.1160	N	S	2	36,6	24,3	25,4	7	5	d	2	2	Pris		
122.1161	N	S	2	54,3	43,1	31,1	5	12	c	2	2	Pris		
122.1162	N	Q	2	67,6	39	25,3	3	10	d	2	2	Pris		
122.1165	N	S	2	56,2	32,1	17,2	5	8	c	2	2	Pris		
122.1167	N	Q	2	53,4	43,6	23,9	6	1	c	2	2	Glo		
122.1171	N	S	2	48,7	42,8	11,4	11	6	c	2	2	Lev		
122.1172	N	S	2	41,6	19,3	13,9						Frag		
122.1175	N	S	2	28,8	25,3	11						Frag		
122.1181	N	S	2	45,7	26,3	20,5	8	7	c	2	2	Pris		
122.1187	N	S	2	66,5	28,1	15,7	11	10	c	2	2	Glo		
122.1188	N	S	2	49,2	33,6	18,3	9	7	c	2	2	Glo		
122.1193	N	S	2	40,7	27,9	20,3						Frag		
122.1194	N	S	2	45,4	32	19	10	8	c	2	2	Cen		
122.1198	N	Q	2	42,2	36,6	18,2	4	8	c	2	2	Glo		
122.1200	N	S	2	57,5	34,6	21,9	9	5	c	2	2	Pris		
122.1205	N	S	2	34,5	23	14,3						Frag		
122.1207	N	S	2	52	35,4	21,7	5	9	c	2	2	Cen		

### Triedros MNA

Nº	Obj	MP	EF	S.	C	L	E
2017.8.44	T	S	1	L	47,9	26,5	18,7
2017.8.49	T	S	2	L	57,7	37,9	28,9

### Bifaces MNA

Nº	Obj	MP	EF	Eol.	S	C	L	m	a	e	Rbdfs	Rbefs	Rbdfi	Rbefi	Abd	Abe	dFLe	Sil	Sec	Mep	Ser.	Obs.
2001.28.15	B	S	2	dp	L	133	62,1	28,5	45,1	20,8	T1mo	T1ma	T1mo	T1ma	r	s	r	sd	ba	1	I	
2001.28.22	B	Q	1	E	L	103	62,2	35,2	48,2	26,2	T1mo	T1mo	T1mo	T1ma	r	r	r	sd	ba	1		
2017.8.1	B	S	2	dp	L	81,7	48	46,8	56,4	42,1	T1ma	T2mo	T2mo	T1ma	s	r	s	Sd	ba	1		
2017.8.2	B	S	2	dp	L	54,9	27,3	16,8	14,6	12,1	T1ma	T2mo	T2mo	T1ma	s	r	s	Sd	ba	1		
2017.8.45	B	Q	2	E	S	115	51,6	20,7	47,2	34,6	T1mo	T2mo	T1mo	T2mo	r	d	r	A	ba	2	I	
2017.8.46	B	Q	1	E	L	99,2	57,8	31,4	39,8	32,2	M2mo	M2mo	M2mo	M2mo	c	s	s	Sd	bs	1	I+II	
2017.8.47	B	Q	1	E	L	114	57,8	20,6	52,1	42,4	T2mo	T1mo	T1mo	T1mo	s	c	s	S	bs	1	II	
2017.8.48	B	S	2	E	L	82,1	48	25,8	37	29,7	T1mo	T1mo	T1mo	T1mo	r	c	r	S	bs	1	I	.
2017.8.50	B	S	2	E	Ind	69,8	43,6	38,3	48,9	24,5	T1ma	T1mo	T1ma	T1mo	s	r	s	S	bs	2	III	
2017.8.51	B	O	1	pe	Ind	106	69,4	68,2	67,8	34	M2mo	M2ma	M2mo	M2ma	s	s	s	Sd	ba	1		MP arenito .
2017.8.53	B	Q	2	E	S	83,7	47,6	19,2	37,5	23,9	T1ma	T1ma	T1ma	T1ma	s	s	r	Sd	bs	1	I	
2017.8.54	B	Q	2	E	S	87,6	52,9	22,6	29,6	39,6	T2mo	T2ma	T2mo	T1ma	r	s	r	S	ba	1	I+II	
2017.8.56	B	Q	1	E	Ind	92,9	68,9	22,2	36,2	18,6	T1mo	T1mo	T1mo	T1ma	c	r	s	Sd	bs	1		
2017.8.57	B	Q	2	E	S	92,6	68,7	67	42	57,7	T2mo	T2mo	T2mo	T2mo	s	s	s	S	bs	1	II	
2017.8.58	B	S	2	E	L	91,1	61,3	56,6	62,8	35,1	T2mo	T1ma	T2ma	T2ma	r	r	r	S	bs	3	I	
2017.8.59	B	Q	2	E	Ind	102	66,6	63,2	68,5	34,8	T2mo	T1ma	T1ma	T2mo	s	s	s	Sd	ba	1	I	
2017.8.60	B	S	1	E	L	123	78,8	24,7	51,3	26,8	T1mo	T1mo	T1mo	T1mo	s	s	s	S	bs	1	III	
2017.8.61	B	Q	2	E	L	102	55	33,8	52,3	36,6	T2mo	T1ma	T2mo	T2mo	s	s	s	Sd	ba	1	I+II	
89	B	Q	2	E	S	68,6	50,6	49,9	49,7	23,4	T2mo	T2mo	T2mo	T2mo	s	r	s	S	bs	1		
2163	B	Q	1	E	L	95,3	59,1	41,2	38	32	T1ma	T2mo	T2mo	T1ma	s	r	s	Sd	ba	1	III	
24527	B	Q	2	E	S	79,4	37,9	20,8	31,6	17,1	T2mo	T1ma	T1ma	T1ma	r	s	s	Sd	ba	2	I	.
25016	B	S	1	E	Ind	88	52,4	28,9	35,8	30,9	T1mo	T1ma	T1mo	T1ma	r	s	s	S	ba	2		

### Bifaces MG

Nº	Obj	MP	EF	Eol	S	C	L	m	a	e	Rbdfs	Rbefs	Rbdfi	Rbefi	Abd	Abe	dFLe	Sil	Sec	Mep	Ser.	Obs.
122.0002	B	Q	1	E	S	97,3	55,6	26	49	37	T1ma	T1ma	T1ma	T1ma	r	r	r	S	px	1	IV	
122.0005	B	S	1	E	L	102	59,8	58	53	38	M2mo	T1ia	D2ia	T1ia	r	r	r	S	t	3	IV	
122.0006	B	S	1	E	L	104	63,9	64	70	28	T1mo	D2io	D2io	T3ia	c	x	s	A	bs	1	IV	
122.0011	B	S	1	E	L	70,7	62,2	61	41	30	T1mo	D2ma	D2ma	T1ma	c	c	c	Sd	px	1	IV	
122.0014	B	S	2	E	L	77,2	60	60	47	41	T1ma	M1ma	T1ma	T1ma	r	c	c	S	px	1	IV	
122.0015	B	S	1	dp	L	81	51,7	49	62	25	T1ma	T1ma	T1ma	T1ma	s	s	s	S	bs	1	III	
122.0018	B	S	2	E	L	95	73	26	47	56	T1ma	T1ma	T1ma	T1ma	r	r	s	S	px	1	IV	
122.0057	B	S	1	E	L	71	55,3	43	48	35	T1mp	D2io	D2mo	D2mo	c	x	s	A	px	1	IV	
122.0070	B	Q	2	E	S	133	85,5	31	116	52	T1mo	M2ma	P1mp	T3ma	s	d	s	A	px	1	I	
122.0080	B	Q	2	pe	S	86,6	49,3	24	65	37	T1mo	T2ma	T1ma	T1ma	c	s	r	sd	px	1	IV	
122.0090	B	S	2	pe	L	58,7	40,3	40	42	19	P3io	T1ma	D3ia	T3ia	s	x	r	s	bs	1		
122.0092	B	S	2	dp	Ca	60,7	40,5	41	25	18	D2ma	D1mo	T1io	T1ia	x	c	c	sd	px	1	IV	
122.0125	B	S	2	dp	Ca	91,4	45,8	42	34	251	T1mo	T3io	T1mo	T1mo	c	r	c	s	px	1	I	
122.0161	B	S	2	E	L	100	51	51	21	42	T1io	M2mo	M1ma	T3ip	s	s	s	s	bs	3	V	
122.0403	B	Q	2	E	S	100	59,8	59	55	22	T1mo	T1ma	T1mo	T1mo	s	s	s	s	ba	2	I	
122.0419	B	O	1	pe	Ind	103	55	26	52	23	T1ma	T1mo	T1mo	T1mo	s	s	s	s	ba	2	I	
122.0429	B	S	2	E	L	79,4	48,7	46	47	26	T1mo	T1mo	T1mo	T1mo	s	s	s	S	ba	2	I	
122.0451	B	Q	2	E	Ind	113	69,1	66	69	33	T1mo	T1ma	T1mo	T1ma	s	s	s	A	ba	2	I	
122. 0553	B	S	1	E	S	159	84,7	78	121	74	T1ma	T1ma	T1mp	T1mp	c	d	s	s	ba	1	I	
122. 0635	B	Q	2	E	S	88,7	52,5	19	42	18	T1ma	T2ma	T1ma	T2ma	r	s	s	s	bs	1	III	
122.1054	B	Q	2	E	L	99,1	59,9	23	51	21	T1mo	T1mo	T1mo	T1ma	s	s	bs	sd	ba	1	I	
122.1056	B	S	2	dp	L	135	70,6	70	81	36	T1mo	M2mo	M2mo	M2mo	r	r	s	sd	ba	1	I	
122.1057	B	Q	1	E	Ind.	132	80,9	71	82	34	T2mo	T2ma	T1ma	T2ma	s	r	s	sd	ba	1	I	
122.1059	B	O	2	E	Ind.	153	91,1	90	102	62	T2mo	T2mo	T2mo	T2mo	c	r	s	Sd	ba	1	I	MP arenito
122.1060	B	S	2	E	L	94,4	50,8	20	51	13	T2ma	T2mo	T2mo	T1ma	s	r	s	A	ba	1	I	

122.1079	B	Q	2	dp	L	132	85,6	46	67	56	P2io	T1ma	T1ma	T1ma	r	c	r	A	ba	1	II	
122.1081	B	Q	2	pe	S	106	67,9	66	71	38	M1io	T1mo	T1mo	T2mo	r	s	s	A	bs	1		
122.1085	B	Q	1	E	Ind.	100	55,1	23	44	27	D1ma	T1ma	T1ma	D1ma	s	s	s	Sd	ba	1	I	
122.1087	B	Q	1	dp	L?	95,6	50	21	38	39	T1ma	T1ma	T1ma	T1ma	r	r	r	S	bs	1	III	
122.1089	B	S	2	dp	L	88,7	45,4	43	61	16	T1ma	T1ma	T1mo	T1ma	r	s	r	S	bs	1	IV	
122.1091	B	Q	2	dp	Ind	79,2	40,7	14	34	18	T1ma	T1ma	T1ma	T1ma	r	r	r	S	ba	1	IV	